



literatura
livre

Contos sardos

GRAZIA DELEDDA

Racconti Sardi (1894)

Tradução: Adriana Zoudine

Edição bilingue: POR/ITA

Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Contos sardos

Grazia Deledda

Edição bilingue

 

Contos sardos

Grazia Deledda

Tradução:

Adriana Zouline

DE NOITE

Deviam ser umas onze horas quando a pequena Gabina acordou na grande cama de madeira do quarto de cima, onde dormia sempre com sua mãe, que gostava muito dela.

Naquela noite, a mãe não estava ao seu lado. Mas por que não estava? Após estender suas mãozinhas por todo canto da grande cama de madeira, não encontrou ninguém. Só os lençóis frios como o vento, só os travesseiros de percal vermelho; nada mais!

Então, onde estava a mãe? Gabina se deitava e se levantava sempre ao lado dela. A menina nunca havia ficado sozinha na grande cama fria, em meio à escuridão da noite assustadora.

Aquele era um grande acontecimento para a pequenina.
— Mamãe... mamãe!... — chamou com um fio de voz.

Ninguém respondeu. Lá fora gritava o bóreas¹, e a chuva batia estrondosamente contra os vidros da pequena janela.

Se não fosse isso, Gabina teria talvez dormido de novo, mas com esse barulho infernal, na profunda escuridão do quarto solitário, era absolutamente impossível não só dormir de novo, mas se acalmar.

Tinha medo de todos os fantasmas imagináveis: a morte; os vampiros; Éolo,² o pai dos ventos; as fadas negras; e o ogro, todos... todos...

— Mamãe... mamãe?... — repetiu em voz alta, sentando-se na cama. — Mamãe... mamãe?...

Ficou assim por quase um quarto de hora, cada vez levantando mais a voz, acostumando-se à escuridão e ao estrondo do vento.

Mas como a mãe não respondia nunca, Gabina pensou em se vestir e descer à cozinha para procurá-la. Na verdade, era a mãe que a vestia todas as manhãs porque ela, assim pe-

1 Nome dado ao vento norte. Na *Iliada* de Homero, Bóreas (ou Setentrião) é um Titã que representava o vento bravio que vinha do norte. É ele quem traz o frio do inverno.

2 Éolo, de acordo com as palavras de Homero, é aquele que origina e regula os ventos. Éolo dá nome a um grupo de ilhas (Eólicas) no sul da Itália, local para onde os ventos teriam arrastado Ulisses, segundo o Canto X da *Odisseia*. A Eólia presente no texto de Homero é atualmente identificada com Lipari, ilha que fica ao largo da costa da Sicília.

quena, ainda não conseguia enfiar o casacão preto de mangas estreitas, mas não importava nada... desde que encontrasse a sainha, seria o suficiente. Sempre a deixava na cadeira aos pés da cama: então, precisava descer para encontrá-la.

Descer?... Descer no escuro, com os pés descalços, com aquela noite? Descer da cama sozinha? Precisava ter mesmo muita coragem, e Gabina, que tremia em razão do frio e do medo, hesitou por muito tempo. Mas ficar na cama, sem a mãe, não era conveniente! O vento gritava cada vez com mais ensurdecedor; logo entraria no quarto e devoraria a cabeça de Gabina... Descendo, então!

Desceu e deu um grito. Seu pezinho encontrara alguma coisa dura, fria, sem forma, que com certeza não era o chão de tábuas desbastadas pelo tempo...

Um sapo, talvez um vampiro?

— Minha mãe... minha mãe! — berrou a pequenina a plenos pulmões, procurando, em vão, subir de novo na cama; mas, no final, vendo que o vampiro não se mexia e que a mãe continuava sem responder, inclinou-se e viu que havia pisado apenas num sapato velho.

Um sorriso aflorou em seus lábios. Aquela primeira aventura lhe incutiu muita coragem, de modo que, decidida a não ter medo de mais nada nos pezinhos, avançou, apoiando-se na beirada da cama. Ao chegar lá embaixo não

encontrou a cadeira com as suas roupas; começou a ficar chateada e xingou; certamente esse não era um modelo de educação, mas ela nominava com desenvoltura todos os diabos do inferno, da mesma maneira como escutava o avô falar, e os tios, e até mesmo sua mãe.

Onde diabos, então, estavam as suas roupas? O demônio as tinha pego? À prisão, a noite e quem a inventou!

No instante seguinte, porém, esqueceu as roupas e recomeçou a tremer tão fortemente que os dentinhos pareciam querer se despedaçar.

Em um intervalo silencioso do vento e da chuva, escutou barulhos estranhos vindo da cozinha. Também ouviu vozes mais tenebrosas e assustadoras do que os gritos do temporal.

O que estava acontecendo na cozinha? Meu Deus, meu Deus, e a sua mãezinha? Eram, talvez, ladrões ou o próprio diabo? O avô e os tios não estavam em casa há três dias. Não havia ninguém que pudesse defender a mãe, sua pobre mãezinha! A curiosidade se somou ao medo, e Gabina pôs-se novamente a procurar sua sainha, batendo nas cadeiras, em todos os pobres móveis do quarto escuro. Conseguiu, finalmente, encontrá-la e vestiu-se com dificuldade, mas quando tudo parecia feito, um outro obstáculo se interpôs diante do objetivo da pequenina.

A porta que dava para a escada estava trancada à chave pelo lado de fora e, por mais esforço que fizesse, a pequena

não conseguiu abrir. O silêncio horrendo da mãe continuou quando ela voltou a chamá-la, sacudindo a porta com violência.

Voltou para a cama e, desesperada, escondeu a cara entre os lençóis desarrumados e começou a chorar, mas de repente se lembrou de que no quarto ao lado havia uma pequena sacada de pedra onde havia uma escadinha externa que descia até o pátio, e sob a qual estava, justamente, a porta da cozinha.

A chuva e o vento continuavam, mas Gabina estava decidida: entrou no quarto vizinho, abriu a sacadinha e desceu, desafiando a água que vinha, furiosa, do céu baixo de chumbo e o bóreas gelado que assolava naquela noite.

Tremia como uma folha, mas se esquecera completamente dos fantasmas e dos vampiros. Uma angústia indescritível apertava seu coraçãozinho. Um pressentimento horrível, inadequado à sua idade, a dominou. Algo dizia a ela que, lá embaixo na cozinha, estava acontecendo uma coisa terrível. Oh, aquelas vozes que havia escutado!

Em um instante, estava debaixo da escada, protegida da chuva, diante da porta da cozinha. Ela também estava trancada, mas Gabina não bateu para que abrissem, ainda que visse o clarão do fogo aceso na lareira através da grande fenda que havia de alto a baixo ao longo da porta.

Aconchegou-se no chão e ficou com o olho na fenda.

Já não tinha medo, mas não queria de jeito nenhum entrar na cozinha porque a mãe, com certeza, bateria nela.

O avô e os tios — três homens altos, robustos, morenos, cujas vestes, desgastadas e sujas, revelavam uma existência mísera de trabalho contínuo e cansativo, e cujos olhos, obscuros e profundos, narravam a triste história de almas ignorantes não afligidas pela pobreza, mas impelidas por paixões sinistras, ardentes e dolorosas — haviam retornado e estavam sentados ao redor da lareira.

Simona, a mãe de Gabina, jovem e bela, de uma estranha beleza árabe que se encontra em muitas mulheres sardas e que recorda os sarracenos dominadores e devastadores da ilha nos séculos 9 e 10, permanecia um pouco à sombra, sentada no chão, as mãos cruzadas sobre os joelhos, descalça e em mangas de camisa, largas mangas orientais, estreitas nos punhos e fofas nos ombros elegantes.

Gabina nunca tinha visto Simona assim tão pálida e taciturna — sua mãe, cujo rosto era sempre triste e sem brilho. Ainda assim, nunca antes vira seus olhos negros brilharem tão estranhamente.

Sob o lenço negro caído sobre o rosto, a face de Simona assumia tons cadavéricos, os traços finíssimos e imóveis

esticados por uma tétrica e assustadora seriedade, os olhos iluminados por um reflexo de ódio e de angústia.

Mas o que mais atraiu a atenção de Gabina e a constringiu a ficar do lado de fora foi a visão de um estranho, sentado, ele também, perto da lareira, amarrado com firmeza por uma corda de pelo à velha cadeira que decorava, solitária, a cozinha, uma cadeira grosseira que ficava sempre em um canto, nunca tocada por ninguém, mas frequentemente mirada com ressentimento por Simona.

Antes disso, Gabina nunca tinha visto o rosto daquele estranho, que, no entanto, vestia trajes da aldeia; então, o examinava com curiosidade, perguntando-se quem era e por que estava ali, amarrado, na densidade da noite.

Era um homem bonito de uns quarenta anos, os cabelos de um loiro avermelhado ondulantes sobre a ampla fronte bronzeada, os olhos cinzas agudíssimos e com uma magnífica barba ruiva caída sobre o peito. Uma expressão atroz de espasmo perturbava todo seu rosto. Sobre sua testa brilhavam, refletidas pelo fogo, grandes gotas de suor, mas ele não estava pálido como os outros, especialmente como Simona.

Gabina certamente não percebeu todos esses detalhes, mas compreendeu muito bem que, lá dentro — na cozinha negra iluminada pelo fogo e por uma espécie de candeeiro de quatro bicos de latão enegrecido pela fumaça do pavio,

colocado sobre o forno e que ficava meio que apagando — acontecia algo de misterioso, de extraordinário; e, incapaz de achar uma explicação qualquer, permanecia muda, imóvel atrás da porta, com a cabeça encaixada na fenda, os olhos cinzas — que se pareciam muito com os daquele homem amarrado na cadeira — arregalados e ávidos.

A pequenina tremia de novo — dissipada a curiosidade, o medo angustiante de antes pesava novamente em seu coração — e ela se perguntava se tudo não passava de um sonho ruim.

Gélidos sopros de vento açoitavam suas costas mal cobertas; seus pezinhos, suas mãos tinham neve. Toda sua pessoa estava, nesta altura, coberta de neve, e a água que invadia o pátio subia, subia, aumentada cada vez mais pela chuva furiosa. Bem logo teria de fugir ou fazer com que lhe abrissem a porta, mas ela nem se apercebia disso. Tinha tanto frio que sentia uma louca vontade de chorar, contudo não se movia... Um nó lhe cortava a garganta, e, mais de uma vez, soluços áridos, espasmódicos, contorciam seus lábios, agora lívidos pelo frio e pelo susto.

Porque isto que via, isto que escutava, era uma cena tão terrível, que teria aterrorizado qualquer um, imagine ela, débil almozinha de apenas nove anos...

— Elias, Elias! — exclamava o pai de Simona. — É inútil que grite para pedir ajuda. Ninguém virá! O temporal esconde teus berros. Ninguém virá! Tu deves morrer, amarrado à cadeira onde te sentavas todas as noites, há dez anos. Tu te lembras, miserável? Todas as noites... na qualidade de noivo leal e honesto! Com a cadeira que, ciosamente, conservamos por dez anos... que te esperava... que poremos no fogo embebida pelo teu sangue de covarde...

— Defende-te! — dizia Simona, ressentida. — Se não der uma desculpa sequer, pelo menos uma, sobre o teu proceder vil, a tua morte será horrível! Defende-te! Desculpas-te, e com uma fuzilada estará tudo terminado. Senão, ai de ti!

— E és tu que falas assim? — respondeu Elias. — Tu, mulher, que me demonstravas que eras a bondade em pessoa? Tu?

— Eu te odeio! Tu me desonraste; tu, que eras o meu noivo, a minha vida, me traíste, fizeste com que eu me perdesse! A dor matou em mim todo sentimento humano: eu te odeio e há dez anos não sonho com outra coisa que não seja a vingança. E o que é, covarde, a angústia que tu experimentas esta noite comparada ao que eu sofri? É ódio, e fui eu quem instigou meus parentes à vingança...

— Mata-me, então... — murmurou Elias. — Mas pensa que existe uma consciência... um Deus...

— Nós nos arrançaremos com a nossa consciência e com Deus! — exclamou Tanu, um dos irmãos, com um sorriso cruel e feroz que mostrou duas fileiras de dentes branquíssimos, fortes, de fera, brilhantes com o reflexo do fogo.

— A consciência e Deus! — Simona saltou como uma víbora. — E você teve consciência? Pensaste em Deus, tu?

Elias inclinou a cabeça.

— Em nome da nossa filha... — disse.

— Então sabes que tenho uma filha?...

— Sim, eu sei. Se quiseres, eu a legítimo. Eu a levarei comigo. Ela será rica, porque eu fiquei rico e, com a outra, não tenho filhos...

— Olha como fala! — gritou Pietro, o outro irmão. — Então ainda não entendeste que não sairás daqui nem vivo, nem morto? — E acariciou longamente o cano do fuzil, que mantinha sobre os joelhos, dizendo com cruel lentidão: — Eu te massacrarei, eu, que era teu amigo, eu, que te introduzi em nossa casa, onde deixaste a desventura e a desonra. Eu te matarei e te porei debaixo da terra, agourenta serpente miserável! Ah, com quem achavas que estavas lidando, tu? Com quem achavas que estavas lidando? A nossa família sempre vingou as ofensas recebidas, e nós, esta noite, nós que te procuramos por dez anos em todas as aldeias de Barbagia, pelos montes

nevados e pelas gargantas escarpadas, nós lavaremos com o teu sangue as manchas impressas no nosso nome.

— Simona, Simona... — murmurou o prisioneiro voltando-se, assustado, um olhar suplicante. — Pense em nossa filha...

— Cala-te, não a nomines! É a flor nascida do pecado, mas é pura como a neve do Gennargentu!³ Tu a profanas, nominando-a, porque tu eres vil, porque eres infame. Tu não eres nada para ela... O pai dela é Deus!

— Tu não a queres bem, Simona? Se a ama, deixa-me viver...

Um lampejo brilhou nos olhos foscos da mulher.

— Eu adoro a minha filha e vivo só para ela. Se ela desaparecesse da minha existência, tudo desabaria ao meu redor e eu seria a mais desafortunada das mulheres. Minha filha! A minha pobre filhinha! É todo o meu amor, a minha felicidade! Mas repito que não a nomines. A recordação de ti, antes de me mover à piedade, impossível para mim depois de tudo o que aconteceu, mais aumenta o meu ódio, a minha

3 Gennargentu é um grande maciço situado no centro-sul da Sardenha, compreendendo as províncias de Nuoro e de Ogliastra. Inclui os mais altos picos da ilha. Geologicamente, é uma formação rochosa antiga, caracterizada por montanhas relativamente baixas e com cumes arredondados.

sede de vingança. E não vejo a hora de ver que tu estás sob a terra para que, quando ela me perguntar sobre seu pai, eu possa lhe dizer, já não mais corando: “Está morto!”

— Então está decidido! — gritou Elias. — Matai-me, então! Eu estou pronto! Saberei morrer porque não sou vil, como achais, porque se errei, não foi minha a culpa, mas do acaso e pela vontade de Deus! Matai-me!

— Matai-me! — repetiu, lá fora, o lúgubre assobio do vento.

Os cinco personagens dessa tétrica tragédia campesina se calaram por um momento. Uma calma terrível marcava seus rostos, enquanto o fogo iluminava tudo com matizes sanguíneos e fúnebres claro-escuros; uma cena digna do sombrio Caravaggio⁴.

— Conta, então, por que me traíste, sem nenhuma desculpa, depois de dois anos de amor fervoroso! — disse ao final Simona, sempre com a ideia fixa. — Se te recordas, devíamos nos casar logo porque eu era mãe. Tu partiste com um cavalo carregado de castanhas, de queijo e de ferramen-

4 Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610) foi um pintor italiano. Ficou famoso pelo intenso e perturbador realismo de suas obras religiosas. Nelas, as figuras retratadas são sempre banhadas por uma luz que incide forte e dramática, principal marca da técnica do “claro-escuro”, da qual Caravaggio é considerado um dos grandes mestres.

tas de madeira que venderias em Nuoro para me comprar um anel de noivado e as joias... Devias voltar em quatro ou cinco dias e tu me deixaste quase chorando... Passaram-se dez anos, dez anos de angústia, de lágrimas e de ódio, mas parece que foi ontem... E não voltaste; e um mês depois, soube que tu te casaste com uma moça de Fonni! Relata! Se tens uma desculpa, repito, nós te mataremos com uma só fuzilada; de outra forma, assim como Cristo é verdadeiro, como é real que estás aí, amarrado, nós te queimaremos vivo!

A entonação de Simona era tão dura que um arrepio de horror percorreu todo o corpo de Elias. Ainda assim, dissimulando, ele respondeu friamente:

— Não temo nem o fogo, nem a bala; no entanto, contarei como aconteceu. Não foi culpa minha, vos digo, mas vontade de Deus! Escutai! — E começou: — Sim, são dez anos e parece ontem! Eu parti pensando em ti e projetando a nossa vida futura... Mas Deus quis outra coisa! Estava a duas horas de Fonni, onde esperava passar a noite, para prosseguir no dia seguinte a viagem para Nuoro, no momento que começou a nevar. Não fiz caso, habituado como era com todas as intempéries do clima, e prossegui pelo sendeiro escarpado, através das gargantas dos montes, caminhando a pé na frente do meu poldro tão carregado. E caminha, e caminha. O vento batia a neve contra o meu rosto, grudando-a nas minhas roupas, nas

minhas mãos, até nos cílios e nos lábios. Logo, o meu capote estava todo coberto, e os alforjes de castanhas, e a garupa do cavalo, tudo, tudo mesmo...

“O sendeiro desapareceu sob a neve, mas eu, que me achava conhecedor do lugar, prossegui sem me abalar, em linha reta, os olhos fixos no horizonte onde, de tanto em tanto, acreditava distinguir o contorno de Fonni. O vento gritava enlouquecido pelas montanhas e a noite irrompia, mas a neve continuava a cair... Caía sempre, acumulando-se nas minhas passadas, e nenhuma alma viva interrompia a solidão selvagem dos montes. Só nós, eu que começava a perder o ânimo, molhado até os ossos, começando a achar que estava perdido, já que Fonni não aparecia mais no meu caminho. O pobre cavalo tremia inteiro e já não podia seguir em frente. A neve engrossava, cada passo levava quinze minutos, e as trevas ficavam cada vez mais espessas. Eu me arrependia de não ter parado em um redil que encontrara meia hora antes de começar a nevar e onde o pastor tinha-me convidado para passar a noite, prognosticando a nevasca próxima e, de repente, desesperado com tudo, pensei em dar meia volta. Decidi montar no cavalo, porque já era impossível para mim prosseguir a pé, mas como o animal estava mais exausto do que eu, assim tão carregado como estava, descarreguei dele todas aquelas coisas e, como pude, pus tudo em segurança

sob uma árvore esperando encontrar no dia seguinte, montei e fui embora!”

“Avante!” dizia ternamente ao coitado do meu cavali-
nho. “Esta noite descansaremos lá embaixo, e amanhã apa-
recerá um belo sol que nos permitirá voltar aqui. Pegaremos
a nossa mercadoria de volta e iremos a Fonni. Chegando lá,
não há o que temer! Avante, avante!”

“Por algum tempo, o cavalo pareceu participar das
minhas ideias e caminhou, mas a um certo ponto, reduziu a
marcha e acabou parando. Em vão o exortei, acariciei, açoitei,
mas não se moveu mais, e eu tive que desmontar e retomar
o caminho a pé, puxando meu pobre animal atrás de mim.

“Oh, que noite horrorosa! O vento havia parado, mas a
noite reinava espessa e desolada sobre as montanhas e a neve
caía, caía sempre. Uma leve luz branca, transmitida pelo manto
que cobria os penhascos, permitia que eu não caísse em um
precipício qualquer, mas, pouco a pouco, meus olhos se vela-
vam, as pernas se entorpeciam sob as polainas molhadas. Todo
o meu corpo se tornou frio e inerte como a neve sobre a qual
eu me arrastava, cambaleando. Uma hora, eu e o cavalo caímos
em um fosso; eu me levantei com dificuldade, mas o cavalo não
se moveu mais e eu não pensei, de modo algum, em ajudá-lo.

“Retomei o caminho. Estava inteiramente coberto de
neve: grossas lágrimas caíam dos meus olhos e terminavam

por se confundir com a neve que embranquecia a minha barba; as mãos pendiam inertes e geladas sob o capote frio e pesado; e os pés andavam, andavam, automaticamente, ao acaso, cambaleando. Nenhum lume aparecia na noite, nenhuma voz humana ressoava na horrível solidão da montanha.

“À esquerda e à direita, os picos brancos ascendiam, perdendo-se no céu cor de cinza; atrás, não vislumbrava nada através da neblina que descia lentamente do horizonte e que logo me cercaria; em frente, a ladeira se estendia sob meus pés, cheia de fossos e de precipícios. Esta não era, com certeza, a estrada percorrida algumas horas antes. O redil não poderia aparecer à frente porque eu tinha me perdido! Oh, porque não prosseguira para Fonní? Talvez não estivesse tão longe do lugar onde deixei o alforje... talvez... talvez...

“As forças me faltavam; depois de meia hora de cansativa e inútil caminhada, a neblina me alcançou, acre, densa, negra, envolveu-me e prosseguiu com sua descida, tirando de mim a última réstia de luz. Mais um passo e talvez tivesse caído em um abismo qualquer: de resto, era impossível continuar, porque, então, a neve já estava na altura dos joelhos e, uma vez afundados os pés, mal podia firmá-los...

“Estava molhado até os ossos; não via mais nada, e, assim como os olhos, a mente se enevoou. Caí na neve e recomendei minha alma a Deus, pensando uma última vez em Simona...”

Elias se calou por um momento, ainda oprimido pela recordação daquela noite triste, talvez comparando-a com a noite que transcorria, mais triste ainda.

— Prossegue! — disse Simona, com uma entonação que já não era feroz; seus olhos estavam fixos no chão e toda a expressão ameaçadora de seu rosto estava se esfumando de modo quase inadvertido. Elias percebeu e teve um sobressalto de esperança, em seguida retomou:

— Quando voltei a mim, era pleno dia. Estava deitado em uma cama quente, no canto de uma cozinha grandíssima, no centro da qual, na lareira de pedra, ardia um fogo enorme cuja tepidez chegava até mim. Pela quantidade de louças e de utensílios que decoravam a cozinha, deduzi que estava na casa de gente abastada; uma moça preparava a refeição junto à lareira e, pelos seus trajes, reconheci como sendo de Fonni. Portanto estava em Fonni! Quem me transportou? Quem me salvou? Que diferença entre o meu estado de há dez horas e o de agora! No leito de neve, sob o céu negro e a neblina e com a morte ao lado, e a cama na qual acordava, a moça bonita ao meu lado, talvez espiando o meu retorno à vida...

“Sim, era mesmo uma moça linda! Quando, reparando em mim, ela se chegou, olhei-a maravilhado perguntando-me

se não fosse uma visão. Nunca antes vira uma tal beleza, só a nossa Virgem Maria do Leite Doce nos dias de celebração.

“Os olhos tão grandes e negros, assim como os cabelos, a pele tão rosada, a boca pequena, o nariz perfilado, o pescoço longo, branquíssimo, toda a pessoa, enfim, toda...

“Estava com uma saia só, estreita, que marcava as ancas bem feitas e que deixava ver os pequenos pés calçados com sapatilhas cheias de laços, um corselete negro de pano grosso de lã com a pequena cinta desatada sobre uma blusa branquíssima, sob cujas pregas se modelavam os seios nascentes, porque a moça não podia ter mais de dezoito anos.

— Se conto todos esses detalhes — prosseguiu Elias, enquanto os olhos de Simona retomavam o brilho sombrio de antes, adivinhando, na bela moça de Fonni, a mulher que tomara toda a felicidade de sua vida —, é para explicar, de algum modo, a causa primeira do meu desvio.

“Eu, então, a olhava encantado, e enquanto ela arrumava as cobertas sobre as minhas costas, um arrepio passou por todo o meu corpo. Lamentavelmente, confesso, naquele momento eu tinha esquecido a nevasca da noite, o meu cavalo morto na neve, as castanhas perdidas, a causa pela qual eu estava naquela cama...”

“Como estás?” perguntou a moça, tomando-me o pulso. “Faz cinco horas que estás delirando... Como te chamas?”

“E tu?” perguntei com a voz rouca. “Onde estou?”

“Na minha casa! Eu me chamo Cosema P... Na noite passada, o meu criado, que passava pela montanha, encontrou-te, quase morto, na neve. Colocou-te sobre o cavalo dele e trouxe-te para cá. Estás em Fonni, sabes! Depois de muito te cuidar, despertaste perto das cinco horas da manhã, mas logo a febre e o delírio te atacaram, de modo que não pude saber quem tu és. Pela maneira de vestir, acho que és da aldeia A..., mas não sei quem tu és...”

“Contei a minha história, sem ocultar o motivo da minha viagem e o casamento próximo com Simona.

“Deves ser bem pobre: para comprar os anéis, tu te viste forçado a empreender uma viagem assim!” disse Cosema, olhando-me fixamente com seus grandes olhos negros brilhantes.

“Não” respondi. “Não sou tão pobre! Tenho um cercadinho com castanheiras, que me rende vinte escudos todo inverno, e tenho boas mãos para trabalhar! Mas é preciso que vá a Nuoro, de tempos em tempos, para vender os meus produtos. Tenho também uma carroça e bois, e o cavalo, e a casa... Não sou pobre, não. E Simona também me trará alguma coisa...”

— Conversamos assim por um bom tempo, com a máxima confiança, quase como se tivéssemos nos conhecido há muito; e Cosema, por sua vez, contou que era órfã e rica. Tendo seu tutor morrido poucos meses antes, administrava

tudo sozinha e tinha uma criada e dois criados: um, camponês, e o outro, aquele que tinha me salvado, pastor. Ela disse que possuía a casa, uma horta grandíssima, um pasto⁵ e muitas cabeças de gado.

“Quando quis me levantar, impediu-me, dizendo-me que eu estava doente e que o médico, chamado ao meu leito na noite anterior, ordenara que não me deixasse partir e nem ao menos levantar. E fiquei! Peppa, a criada, chegando, deu-me uma tigela de caldo e repetiu tudo o que a patroa dissera, inclusive a ordem do médico.

“De fato, o frio e a febre não demoraram a reaparecer; uma febre enérgica que fazia com que eu me agitasse na cama, que transtornava tudo ao meu redor em um vórtice louco e vertiginoso. Fiquei assim, entre a vida e a morte, por uma semana. Nos intervalos de lucidez, pedia a Cosema que mandasse notícias a Simona sobre o meu estado para tranquilizá-la sobre a minha demora, e a moça me dizia sempre que sim, implorando-me que ficasse sossegado. Nasquelas horas de sofrimento e de agonia, pensava sempre em Simona, mas os meus olhos, o meu pensamento perturbado

5 No original, *tanca*, palavra sarda, de origem catalã, neste livro traduzida simplesmente por “pasto”. Na Sardenha, lote de terra normalmente cercado com muretas ou sebes de figo-da-india, destinado sobretudo à pastagem de ovinos, com abrigo para os pastores.

pela febre viam Cosema, a bela Cosema que ia de cá para lá pela cozinha, na ponta dos pés para não me incomodar, que se inclinava com frequência sobre o meu leito pousando sobre a minha testa a mão branca e fresca, que velava noites inteiras à minha cabeceira, magnetizando-me com seus olhos de menina inocente e, por isso, mais perigosa.

“Todo aquele tratamento, aquelas atenções que me dava sem quase me conhecer, enquanto suscitavam em mim o mais profundo reconhecimento, faziam-me pensar com despeito na estranha indiferença de Simona, a minha noiva que não dava sinal de vida enquanto eu morria longe do meu vilarejo, morria por causa dela e pensando nela! É verdade que também os outros meus parentes não davam sinal de vida... Mas eu não ligava para eles, não pensava neles...

“Após uma semana, começava a me sentir melhor e o médico me disse que dali a oito ou nove dias eu teria condições de retornar ao meu vilarejo. Pensava dolorosamente no final desastroso da viagem e no atraso das nossas núpcias; o cavalo e as castanhas não puderam ser recuperados apesar de Cosema ter enviado o criado à montanha. Em uma noite tempestuosa igual àquela na qual eu havia me perdido, escutei a porta da cozinha abrir-se levemente e entrar uma pessoa que, inicialmente, não distingui bem.

“Devia ser meia-noite. O vento sussurrava sobre a cama e cobria qualquer outro rumor humano. Na lareira, o fogo coberto de cinzas fazia surgir, de tanto em tanto, uma chama-zinha azulada que iluminava debilmente a cozinha. Naquela luz duvidosa, acreditei reconhecer Peppa na pessoa que entrou e achei que viesse para se assegurar de que eu estava bem e que dormia. Com os olhos semiabertos, fingi dormir.

“A moça se aproximou da minha cama na ponta dos pés e parou, olhando-me por um bom tempo com os olhos resplandecentes na escuridão. Um tremor me invadiu todo, para meu grande pesar... Todavia, aquela não era Peppa, era Cosema...

“O que ainda queria? Por que me olhava assim? Por que eu tremia todo sob aquele olhar?

“De repente, inclinou-se sobre mim e me beijou! Seus lábios ardiam como brasas, e eu me sobressaltei quase como se um ferro ardente me tivesse tocado. Achando ter me acordado, Cosema deu um passo atrás e foi rapidamente se sentar perto da lareira. Mas eu não me movi e continuei a fingir que dormia. Tranquilizada, Cosema atçou o fogo e inclinou a cabeça sobre os braços cruzados sobre os joelhos. Pareceu que chorava... Não saberia dizer o que acontecia dentro de mim nesse meio-tempo, mas é certo que esquecera o cavalo, as castanhas e as núpcias. O beijo de Cosema fazia

arder o meu rosto. Mil pensamentos confusos passavam pela minha cabeça.

“Era um sonho, então? O que isso significava? Que Cosema tivesse se apaixonado por mim, assim, em poucos dias, ela tão bela, tão jovem e rica? Por mim, um estranho, um desconhecido, que ela sabia que era noivo de uma outra mulher?

“Não podia acreditar nos meus sentidos, mas, enquanto isso, via a linda moça lá, na penumbra, chorando silenciosamente, e a mente ficava confusa, e o meu sangue ardia instintivamente. Deus meu, Deus meu, que tentação! Se Cosema tivesse me beijado de novo, eu teria me perdido, não obstante todos os meus propósitos. Porém, ela se retirou, sem nem ao menos me olhar.

“No dia seguinte, notei-a pálida e com os olhos vermelhos, mas não lhe disse nada. Sozinho, em um momento no qual ela não estava, eu me vesti e sentei-me ao lado do fogo, e quando ela entrou, eu lhe disse que queria partir.”

“Tens razão” ela respondeu com frieza. “Nós te tratamos muito mal, e seguramente não vês a hora de ir embora”.

“Deus me livre!” gritei. “Ao contrário, fizeram muito mais do que eu merecia! Salvaram a minha vida e eu me lembrarei para sempre. Quero ir para não incomodar mais. Ah, Cosema, o que disseste! Mas me toma por um animal? Eu não sei o que fazer para pagar por tudo o que te devo.

Fala; pede-me o que quiseres, e farei tudo por ti..” Mal havia pronunciado estas palavras e eu já me arrependia, porque vi os olhos de Cosema brilharem de alegria. Ah, se tivesse me pedido o impossível... que a amasse...

“Então fique até que estejas bem curado”, disse ela, e eu fiquei.

— Saibam vocês que eu me sentia incapaz de empreender a viagem, assim fraco e com o clima péssimo que reinava. Mas não me sentia tranquilo, um pressentimento me dizia que terminaria cedendo à misteriosa sedução de Cosema. Eu lutava com todas as forças, mas a imagem da linda moça, em grande medida real, impunha-se no meu pensamento, e a recordação de seu beijo me fazia tremer mais do que a febre. Em vão, pensava intensamente em Simona, em seu estado, nas minhas sacras promessas: quando minha decisão estava mais forte, eis Cosema ali, diante de mim, fascinante, bela, que me encantava com seu sorriso, com seu olhar fixo no meu, com o qual me dizia tantas coisas que não ousava exprimir em voz alta. Pai nosso! Que agonia, que tentação, que guerra! Eu chorava como um menino, e mais de uma vez na noite alta, enquanto a tempestade castigava, estava a ponto de fugir daquele inferno, dizendo a mim mesmo que era melhor morrer nos montes do que viver assim. Por que me salvaram? Por quê?

“A dor interna fazia crescer a minha doença; tinha febre no sangue e no cérebro, e parecia que odiava Cosema, a quem tanto devia; Cosema, que todas as noites vinha me dar o costumeiro beijo, no escuro. Assim não podia aguentar. Terminei acreditando que tudo fosse um sonho, uma obra do demônio e, com esta ideia fixa, decidi averiguar. Não o tivesse feito jamais!

“Uma noite, enquanto Cosema me beijava, agarrei suas mãos e, arregalando os olhos, eu a expus à luz titubeante do fogo. Ela não disse nada, mas tremeu inteira e esperou que eu falasse.”

“Cosema... o que significa isto?” perguntei com severidade.

“Ela deixou-se cair de joelhos e, escondendo o rosto entre as mãos, murmurou: “Perdoe-me! Eu morro de amor por ti!”

— Eu também comecei a tremer; no entanto, ficando firme, exclamei: “O que disseste, tu? Mas não sabes que sou casado?”

“Não é verdade! Sei de tudo... Sei que és noivo e sei sobre o estado no qual se encontra Simona... Porém, sei também que toda a aldeia diz que tu não és o único pai de...”

“Cosema!” gritei, fora de mim. “Não calunies ninguém! Diga que me amas, que me queres... Mas não calunies...”

“Digo aquilo que insinuei. Mas não grites assim! Peppa poderia acordar e perceber tudo... Não me percas, porque te amo!”

— Ela estava tão suplicante que, abaixando a voz, pedi, furioso, a explicação sobre suas horríveis palavras. E ela me contou mil histórias que não me lembro bem, que não escutava direito, mas das quais emergia uma só coisa, bem clara para mim: que eu estava sendo enganado de maneira infame, e que Simona não me amava, mas fingia, só para acobertar um pecado do qual eu não era o único cúmplice... Oh, que horror, que horror!

— Que miserável! — exclamou Simona, interrompendo o relato de Elias, com o rosto lívido, agitando os braços.

Mas Tanu, o irmão, que pensava de outro modo, escutando Elias com um sorriso acre de incredulidade, certo de que todo o relato era uma fábula, acalmou-a com dificuldade e disse a ele, com escárnio:

— Prossegue e sê mais breve...

— Serei breve. Cosema me ofereceu as provas. Depois, de uma só vez, pôs-se a chorar desesperadamente, soluçando.

“Bom”, perguntei surpreso. “E agora, por que choras?” Na realidade, nem eu conseguia me segurar, um nó me fechava a garganta. Acreditava e não acreditava naquilo que Cosema

tinha dito e, enquanto sentia uma vontade louca de esbofeteá-la, queria beijá-la, dizendo: “Eu te amo e desprezo Simona!”

“Perdoa-me... perdoa-me...” repetia ela, com a voz quebrada pelo choro. “Sei que não podes me amar, que amas aquela... Perdoa-me se não pude resistir... mas eu te amo tanto... mas sinto que morro... mas se não tiveres piedade de mim, alguma coisa de fatal acontecerá...”

“Cosema, Cosema”, eu lhe dizia “como podes tu me amar? Eu sou pobre, e os teus parentes, mesmo se eu te amasse, não consentiriam”.

“Eu não tenho parentes! Sou dona de mim e farei aquilo que eu quiser. Mas tu não podes, não queres me amar, tu amas aquela...” — e enfatizava com desprezo a palavra ‘aquela’ — “tu me deixarás morrer...” “Oh, Elias, se tu soubesses como eu sofro! Eu te amei à primeira vista e logo percebi que a tua entrada na minha casa devia trazer-me a morte! Mas eu não te peço nada, nada. Se quiseres ir, vai, mas lembra-te de mim... Faz de conta que não entendeste nada do que saiu dos meus lábios e casa-te com Simona, mas quando estiveres infeliz, lembra que eu estou mais infeliz que tu.”

— Assim, Cosema falou por muito tempo, sempre inclinada sobre mim, queimando-me o rosto com seu hálito ardente, molhando minhas mãos com as suas lágrimas. Eu não sabia mais em que mundo estava e mordida os lábios,

retendo com esforço o pranto e as blasfêmias que ao mesmo tempo saíam do meu coração e que me saltavam na boca. O fogo se apagou e ficamos no escuro. “Adeus, adeus!” disse Cosema. “Agora vou embora. Amanhã partirás, e não nos veremos mais. Lembra-te de mim, Elias, lembra-te. Adeus, adeus... Vai, então; eu não te peço nada!”

— Ela não me pedia nada, mas nesse ínterim me cobria o rosto de beijos e de lágrimas; lágrimas que pareciam gotas de chumbo líquido; beijos longos, loucos, que me queimavam os lábios, os olhos, as bochechas, que terminaram por acabar com a razão que tinha sobrado. “Cosema”, disse com voz rouca, apertando a cabeça dela entre as minhas mãos e retribuindo seus beijos. “Eu te amo e ficarei!”

— Dois dias depois —, concluiu Elias — um padre foi à casa de Cosema e nos casou secretamente. Eu tinha sempre febre e agia automaticamente, sem entrever quase nada.

“No mesmo dia, abriram o processo de habilitação e, três semanas depois, diante da lei, estava para sempre ligado a Cosema. Após se aplacarem as brasas iniciais, voltei a mim e apercebi-me do mal feito. Quando me convenci de que as vozes correntes sobre a história de Simona eram calúnias já era tarde demais!”

— E quem nos assegura de que toda esta história não é uma fábula? — exclamou Tanu, com uma voz terrível.

Elias inclinou a cabeça, e nos seus olhos morreu a esperança. No rosto dos seus justiceiros, nada comovidos com suas palavras, ele via a sua condenação e experimentava a agonia sobre-humana dos condenados à morte na flor da idade, mas não queria demonstrá-lo para não parecer vil.

— É verdade! — disse. — Ninguém pode me defender...

Voltou o olhar para Simona, mas os olhos da jovem estavam longe dos seus. Não obstante, nem mesmo querendo ela poderia salvá-lo.

— Tu morrerás! — sentenciou sombriamente o pai.

Fez-se um longo silêncio. A sorte de Elias estava decidida; ele não devia sair daquela casa fatal onde, dez anos antes, tinha passado tantas horas felizes. A história de Cosema não tinha alterado, de nenhum modo, os propósitos cruentos da família por ele desonrada. O fuzil ainda brilhava nas mãos de Pietro, que se considerava a causa primeira da desventura de sua irmã.

Agora tudo era uma questão de vida ou de morte. Perdendo Elias, eles estariam perdidos porque ele, poderoso e rico como era, certamente acabaria se vingando daquela terrível noite. Então devia morrer.

Nenhum tremor de medo ou de hesitação passavam naqueles corações endurecidos por uma vida áspera e árdua, que tinham como religião a vingança, o ódio por Deus.

Uma noite, eles tinham jurado, ao redor dessa mesma lareira, sobre aquele mesmo fogo que não se apagava nunca, lavar com sangue a ofensa recebida. Maturada por meses e meses, finalmente a hora sonhada chegava.

E se comprometiam a matar um homem com um recolhimento quase religioso, seguros de fazer um dever, convencidos de falhar se perdoassem, com a cabeça altiva, diante daquele Deus de quem ignoravam as máximas, que supunham cruéis como eles...

— Vai! — disse Pietro a Simona.

— Não, fico até o final! — respondeu a jovem com voz firme, que chocou Elias profundamente.

Pietro levantou o fuzil.

O vento, a chuva, os trovões retumbavam lá fora com indizíveis troadas; pareciam berros humanos e o desmoronar de montanhas; a justa ira de Deus pelo delito que se consumava naquela casa negra e desolada, habitada por demônios em trajes de homens.

Pietro olhou Elias; mas quando estava prestes a apertar o gatilho, um golpe seco e sonoro, que certamente não era causado pelo vento, bateu sobre a portinha trancada que dava para o pátio. Todos se entreolharam assustados, os lábios pálidos, o coração parado, e o fuzil recai nos joelhos de Pietro.

O que podia ser? Então tinham sido descobertos... estavam perdidos?

Mas de repente Simona se levantou de golpe, aterrizada.

— Gabina! Gabina! — Simona lançou-se na direção da porta, saltando, em polvorosa, como uma hiena ferida... Encontrou a pequenina estendida no chão, molhada e desmaiada. Gabina, tendo visto e escutado tudo, não pôde resistir, desmaiara tomada pelo susto e pelo horror...

— Filha minha... Gabina, Gabininha... Filhinha minha! — dizia Simona, tomando-a nos braços e levando-a para perto da lareira. Vendo-a assim, lívida, fria, molhada, com os olhos fechados e a face ainda descomposta pelo susto, Simona achou que estivesse morta e, esquecendo de vez Elias, que devorava a menina com os olhos, pôs-se a chorar convulsivamente, chamando-a com os nomes mais doces e desvestindo suas roupas encharcadas, aquecendo os pezinhos contraídos e beijando-a furiosamente.

Mas Gabina não dava sinal de vida.

— Gabininha... Gabininha minha... Filha minha... Coração meu, doce coração meu! Ai! Está morta... está morta... a minha filha adorada, minha única alegria! Florzinha minha, Gabina, coitada, coitada... Como vou fazer... Meu

Deus, meu Deus, como vou fazer... Está morta... vede, meu pai, tocai, está morta... está fria... está morta..., Deus meu!

Simona gesticulava e debatia-se, parecia enlouquecer e em alguns momentos falava, em alguns momentos sorria quando parecia que Gabina voltava a si, depois recomeçava a chorar como louca.

Nesse ínterim, Tani e Pietro se olhavam confusos e paralisados. É certo que a pequena entendera e vira tudo. E então?

Elias estava calado e olhava fixamente a menina, melancólico e desesperado.

— Oh, e se estiver morta, se estiver morta de verdade?

O velho Tottoi, que era muito supersticioso, ao contrário, sorria amargamente, achando que ali estava a mão de Deus que os punia, ou ao menos os advertia; a luz inundava a alma do velho, e uma grande ideia brilhou em sua mente. Pegou Gabina do colo de Simona e a pôs nos braços de Tanu, dizendo:

— Leva-a para cima, na cama... e tu Pietro, corre e faz vir o médico...

— Pai!?! — exclamou o jovem, arregalando os olhos e acenando na direção de Elias, enquanto Tanu, obediente, saía com Gabina nos braços e Simona atrás, com o lampião.

— Vai! — respondeu o velho. — Vai, digo eu. Não acontecerá nada de mal...

Confiando no pai, Pietro, que adorava a pequena sobrinha, que também ele acreditava que estivesse morta ou no fim da vida, apoiou o fuzil e saiu...

Depois de um momento, o velho Tottoi se aproximou da porta e chamou:

— Simona, Simona! Desce... — A jovem desceu prontamente.

— Simona — murmurou o pai com voz solene e misteriosa. — Gabina viu tudo. É a mão de Deus... Simona... — A jovem compreendeu, permaneceu imóvel, muda, com os olhos fixos em Elias, os grandes olhos em cujo brilho funesto se lia uma verdadeira batalha interna. — É a mão de Deus... — repetiu o velho.

De repente, Simona se lançou na direção de Elias e soltou a corda; libertado, ela pegou em sua mão, conduziu-o ao pátio, abriu o velho portão e empurrou-o para a estrada, dizendo:

— Vai e lembra da tua filha! — E ali ficou até que os passos dele morressem na distância entre os gritos lancinantes da borrasca.

O MAGO

Moravam no fim da aldeia, uma das mais fortificadas e pitorescas aldeias das montanhas do Logudoro; a bem dizer, sua casinha negra e minúscula era justamente a última e debruçava-se sobre as ladeiras cobertas por grandes maquis¹ de giestas e de lentiscos.

Fiando de pé junto à porta, Saveria via o mar à distância no longínquo horizonte, confundido com o céu platinado no verão ou enevoadado no inverno; costurando junto à janela, vislumbrava a imensidão de vales que se estendiam nos sopés das montanhas, sentia o perfume quente das searas douradas ondulando sob o sol e o sobressalto da

1 No original, *macchie*, plural de *macchia*, significando "maqui": vegetação secundária cerrada e frondosa, uma zona de mato das regiões mediterrâneas que caracteriza os solos silicosos dos maciços antigos e que é constituída de arbustos e de algumas árvores-anãs esparsas (sarça, azinheira, murta, medronheiro, erica, espinheiro-branco, oleandro, ginesta-espinhosa, lentisco, férula, roseira-canina, estevas, abrunheiro, etc.), muito densa e fechada, formando um matagal de difícil penetração.

torrente que fluía entre as rochas e as sarças da montanha. Naquela casa pequenina e negra com o telhado coberto de musgo amarelo e avermelhado, sombreada por um velho pergolado, entre tantos eventos de céus azuis e de imensos horizontes silenciosos, Saveria, há dois anos, gozava a vida mais feliz que se possa imaginar junto a seu jovem marido de grandes olhos ardentes e de lábios vermelhos como os frutos das ericas entre as quais conduzia seu rebanho, sua única riqueza. Ele se chamava Antonio. Também ele, desde que tinha se casado com a miúda senhora de seus sonhos de pastor, vivia felicíssimo; porém, após dois anos de completa felicidade, uma nuvem ligeira aparecera no céu sereno de sua existência: Saveria ainda não apresentava sequer indícios de torná-lo pai! Era uma coisa bem triste! Ele sonhava tanto com um belo pequerrucho, moreno como ele, que nem bem parasse em pé seguiria atrás dele de cima para baixo entre os bosques e os vales, ajudando-o com as duras tarefas de pastor; um pirralho que depois, transformado em um jovem forte, joia e esperança de seus pais, por sua vez se casaria, transmitindo o nome deles e a descendência de seu gado a um outro, e assim por diante, por séculos e séculos! Todos os antepassados de Antonio tinham sido pastores. Ele sonhava em dar continuidade a essa glória; mas como fazer, se o herdeiro não vinha?

Tudo foi posto em marcha: promessas, novenas, peregrinações. Descalço e sem chapéu, Antonio caminhou até o célebre santuário de Nossa Senhora dos Milagres, em Bitti², organizou uma procissão, encomendou uma missa solene e prometeu doar círios à Nossa Senhora em quantidade correspondente ao peso em libras do futuro filhinho, mas foi tudo inútil. Saveria continuava magrinha, magrinha, elegante em sua roupa com corselete amarelo e blusa bordada, e a casa ainda não se tornara animada com os gritos do sonhado menino ou com a canção de ninar da mamãe acompanhada pelo rangido do berço.

Era uma coisa triste, muito triste! Já tinha desistido de ter esperanças quando, um dia, uma amiga de Saveria veio visitá-la e, logo em seguida às saudações à francesa³, disse com um profundo mistério:

— Então não sabeis, comadre Sabé? Peppe Longu me disse que vocês não fazem filhos porque...

— Por quê? — Saveria perguntou, atenta, com os olhos arregalados.

2 Uma vila antiga que fica a apenas 40 km de Nuoro, no centro-norte da Sardenha.

3 No original, *complimenti ala francese*, significando saudações à francesa. Esta variante gramatical tem origem na influência do francês basco sobre o idioma sardo-logudorês.

— Por quê? — prosseguiu a outra, abaixando a voz.
— Deus nos livre, mas vocês sabem que Peppe é um mago de primeira grandeza, pelo menos é o que todos dizem... E ele mesmo me disse que é por causa de uma magia dele que vocês não têm filhos.

— Livrainossenhora! — exclamou Saveria, rindo e fazendo o sinal da cruz. Assim como toda a mulherada da aldeia, ela era supersticiosa e acreditava em magias. Inclusive uma vez viu com seus próprios olhos um fantasma branco vagando pelos montes. Mas que Peppe Longu chegasse a esse ponto, por mais que fosse um mago, ah, isso era demais! Mas a outra continuou, ofendida pela incredulidade de Saveria, e tanto falou que terminou por convencê-la.

Depois de uma hora de conversa perto da lareira, sobre cujas brasas Saveria pôs o café para ferver, ela estava tão convencida da magia de Peppe que perguntou, pensativa, à comadre:

— E... me diga: este trabalho infernal não pode ser desfeito?

— Isto não, ele me disse, não mesmo! Parece que tem algum ressentimento contra o seu marido!

Ao anoitecer, Antonio apareceu no final da estrada rochosa sobre o seu cavaleiro preto, com o alforje cheio de queijo fresco e de ricota. Enquanto descarregava os proveitos sob o

pergolado, Saveria o informou sobre tudo. Ele não comentou nada e, franzindo as sobrancelhas espessas, conformou-se em balançar a cabeça. Quando tudo estava em ordem, cavalo, alforje e os proveitos, Antonio se sentou com os pés cruzados perto da lareira e fez com que ela repetisse a estranha novidade.

— Mas que diabos tem a ver com o Peppe? Por que ele está se vingando assim horrivelmente? — perguntou por fim Saveria, muito seriamente.

— Nada! — respondeu Antonio. — A não ser que seja porque eu rio sempre das suas magias!

— Está mal! Não viu como ele afugentou os gafanhotos que estavam arruinando o vinhedo de Don Giovanni? E os de Jolgi Luppеду?

— É verdade... é verdade, mas... Veremos! Amanhã falo com ele.

— Ah, se ele retirasse a magia... — rogou Saveria.

Naquela noite, o casal sonhou novamente com um belo menino moreno. Mas, na manhã seguinte, por mais que Antonio suplicasse, o mago da aldeia se recusou absolutamente a desfazer o encantamento.

Aquele mago era um tipo um tanto misterioso: vivia como todos os outros homens do mundo, mas não trabalhava.

É verdade que, além das magias públicas das quais tanto se vangloriava, como matar os gafanhotos e curar as ove-

lhas doentes com simples palavras misteriosas, pelas quais não aceitava nenhum pagamento, ele recebia muitas visitas noturnas. Porém, ninguém ligava, e era crença geral que os “gênios” que ele tinha sob seu comando lhe dessem o dinheiro e as provisões que abundavam em seu casebre. Mas talvez Antonio pensasse de maneira diferente porque, dado que suas súplicas e até suas ameaças foram malsucedidas, uma noite foi até a casa de Peppe e prometeu um lindo Luís de ouro⁴ para que desfizesse finalmente a tal magia.

No início Peppe se fez de surdo, mostrou-se até escandalizado como um artista a quem se propõe uma “negociata” que despoetize seus ideais; mas depois, quando viu de fato o esplendor do Luís (sabe-se lá onde o pastor o tinha arranjado!), pouco a pouco cedeu e gritou:

— Está bem, sim! Faço isso, porém, pela amizade e por piedade de Saveria; mas tu não mereces, tu, que sempre me menosprezaste!

4 No original, *luigi d'oro*, do francês *Louis D'or*, significando Luís de ouro: moeda cunhada a ouro no reinado de Louis XIII, da França, a partir de 1640, e utilizada até a introdução do franco quando da Revolução Francesa. Foi também cunhada em quantidade limitada durante o período da Restauração Bourbon, entre 1814 e 1830. Também, neste caso, evidencia-se a influência basco-francesa na região.

Antonio protestou. Então Peppe avisou que ele fosse, na noite seguinte, com o fuzil descarregado, uma toalha branca e dois círios a um lugar deserto na montanha. Antonio deixou a moeda com o mago e prometeu que sim. Mas no momento em que se encontrou na estrada escura, ameaçou com o punho cerrado em direção à casa arruinada da qual tinha acabado de sair e bradou, sorrindo com malícia:

— Veremos!

Na noite seguinte, foi o primeiro a chegar ao encontro. Era um lugar horrendo e íngreme, encantado pelo esplendor âmbar da lua. Na noite serena sem um sopro de brisa, as sarças floridas, as lianas negras e o musgo recendiam no silêncio misterioso das rochas iluminadas pelo luar.

O pastor depôs o fuzil (que, segundo as orientações de Peppe, não carregara), a toalha e as velas sobre uma pedra, e esperou... Peppe não demorou. As suas primeiras palavras foram:

— É chegada a hora! Meia-noite. — Estendeu a toalha sobre uma grande pedra nua e isolada das outras, fixou as velas no solo e fez o pastor ficar de braços por um segundo. Quando tornou a se levantar, Antonio viu as velas já acesas e o fuzil posto sobre a toalha. — Começemos! — disse Peppe.

E, de fato, começou a fazer mil pantomimas, que Antonio seguia com um olhar sinistro e com um sorriso de desdém nos lábios. Mais do que nunca, sentia-se pronto a

ridicularizar o mago; mas imaginem o seu espanto quando Peppe, virado para a pedra coberta pela toalha, perguntou a ela em uma língua estranha, que provavelmente era próxima ao latim, e a pedra respondeu, com voz débil, lúgubre, saída do subterrâneo, na mesma linguagem! Ao mesmo tempo, as velas se apagaram por si só, sem que batesse vento ou que Peppe se abaixasse sobre elas. Voltou-se para o pastor, que tremia de cabo a rabo, e disse:

— A pedra me respondeu que... O fuzil responderá se a magia foi ou não desfeita!

— Mas como? — perguntou Antonio, que, com a voz do mago, voltara a si.

— O teu fuzil está descarregado?

— Claro, por Deus! — exclamou o pastor.

— Pois bem, pega-o e atira para cima. Se disparar, é sinal de que o encantamento foi desfeito!

Antonio, que a esta altura estava preparado para assistir a todas as maravilhas do mundo menos a esta última, foi até a pedra falante, pegou o fuzil e disparou... Peppe caiu no chão sem emitir um só gemido, com o coração perfurado por uma bala.

Ao invés de disparar para o céu, Antonio mirara nele...

Após seu delito involuntário, porque, não obstante tudo, acreditara que o fuzil não fosse disparar, o pastor pensou em dar no pé. Mas depois refletiu que ninguém sabia nada sobre este acordo, então dobrou novamente a toalha, pegou as velas e o fuzil e retornou à aldeia, caminhando sobre as rochas de maneira a não deixar nenhum vestígio, passando tranquilamente o resto da noite com sua adorada Saveria.

... Incrédulo como sempre em relação às questões de magia, o forte pastor dos grandes olhos ardentes nunca soube explicar a si mesmo como a pedra falara, como os círios se apagaram e como o fuzil disparara. Porém, nove meses depois, teve a felicidade de pegar em seus braços robustos um belo pequerrucho, o filho dado a ele por Saveria. Então, arrependeu-se amargamente de não ter disparado para cima; mas já que não podia ressuscitar o mago, contentou-se em encomendar-lhe uma missa de sufrágio na velha igreja da montanha.

MAIS MAGIA

O velho Salvatore, nosso lavrador ancião, começou: — Filhinhos meus, eu nem sempre fui agricultor: nasci para me tornar uma figura importante, pelo menos padre, mas o acaso e a extrema pobreza de minha boa mãe não o permitiram. No entanto, na infância, fui sacristão da nossa igrejinha de São Giuliano. Quando desisti de qualquer vocação religiosa, pensei em me casar; tirei o cheiro de incenso e de cera que exalavam das minhas vestes e, vestindo as polainas, eu me pus a trabalhar a terra. Era então o último ano da minha... sacristia, e eu já tinha vinte e dois anos. Em uma tarde de novembro, ao anoitecer, estava sentado do lado de fora da nossa casinha sobre o coche de um vizinho e olhava para o final da estrada. Como fazia frio, ninguém se dignava a me fazer companhia, e certamente se não tivesse um motivo muito forte, eu mesmo não teria ficado lá. Via os montes já cobertos de neve, todos ocultos pela neblina, sentia a umidade gelada que escorria do céu nebuloso transpassar o meu casaco e o vento frio que me

deixava o nariz roxo, mas, mesmo assim, não me movia. O campanário preto de São Giuliano espreitando, de vez em quando, entre a neblina e as cores foscas no anoitecer, advertia-me sobre a hora de ir até lá para soar a Ave Maria, mas eu permanecia ali, resistente, rígido, esquecido do meu dever. O que mais me tentava era o alegre crepitar do fogo, lá dentro na nossa cozininha aquecida onde minha mãe preparava uma boa sopa de feijão com repolho, um verdadeiro luxo, sabeis, incitando com sua voz trêmula a mulinha que ainda trabalhava, monótona e lenta, ao redor do moinho em um canto da cozinha. Olhava, de vez em quando, para o teto baixo e úmido que fumegava, e o pensamento voltado para o fogo bom aumentava o frio, mas não me movia, como se estivesse enfeitiçado. Ah, sim, estava mesmo enfeitiçado. Uma hora antes, na saída da novena, Graziarosa tinha-me dito, misteriosa:

“Compadre Batò, eu preciso lhe falar: esperai-me dentro de uma hora na frente da vossa casa”. Graziarosa falando comigo, marcando um encontro! Era uma coisa que eu nem ao menos sonhava: porque deveis saber que, apaixonado loucamente por ela, ela nunca quis me escutar, ao contrário, zombava de mim me chamando de Compadre Campanário! Como eu sofria, santo Deus! Graziarosa se achava uma grande coisa porque trabalhava na casa do prefeito, o senhor mais

rico do vilarejo, e acompanhava nos passeios a patroazinha Dona Daniela; era uma moça bonita, com os olhos verdes, e eu estava louco, mas ela não me voltava um só olhar, ao contrário, fazia de conta que ia se casar com um senhor! Imaginai, porém, que senhor! Alguém que tivesse calças compridas, eis, de sorte que eu, exasperado, quando soube disso até cantei sob sua janela uma canção infame:

Teracas chi signoras bos cheries...¹

Ela ameaçou de o irmão me dar uma surra: eu estava a ponto de encomendar para ela a composição de um poema escandaloso de um poeta que escrevia, assim, canções para um ou para outro mediante a recompensa de sete “peças”², no momento em que ela marcou o encontro, excepcionalmente me chamando pelo meu verdadeiro nome.

Eis porque eu, que a tinha amado desde sempre, bem podeis imaginar, estava naquela tarde no tempo frio, devorando a neblina e com o nariz vermelho...

Como Deus quis, Graziarosa chegou: retornava da fonte, com as mãos enroladas no avental e a cara lívida pelo

1 Tradução aproximada do subdialeto local do idioma sardo: “Criadas, que patroas quereríeis ser...”

2 Cada “peça” corresponde a 50 centavos.

frio. Logo que a vi, levantei-me prontamente e fui ao seu encontro, acelerado e murmurando:

“Que diabos! Espero-vos há duas horas, que saibais. E tenho que ir soar a Ave Maria!”

Um sorriso maroto lhe enrugou os lábios; pôs a ânfora sobre um murinho e respondeu, olhando em volta: “Que Ave Maria, que nada, meu compadre! Trata-se de escudos. Que ganhar vinte?...”

Olhei-a fixamente e pensei: “Aonde ela quer chegar?” Também eu olhei em volta, lembrando da ameaça dela e achando que o irmão pudesse estar lá atrás do muro, mas não vi ninguém. Só a vinte passos da minha casinha negra, entre a neblina invasiva e o barulho mínimo do nosso moinho movido pela mulinha, Graziarosa percebeu o meu... estava a ponto de dizer “medo”.

“Vamos”, disse, pondo-se séria “não se façais de louco. Não tenho tempo a perder. Dizei se quereis ganhar vinte escudos...”

Assegurando-me de que falava sério e visto que eu poderia galanteá-la sem correr nenhum perigo, passei a lançar olhares lânguidos aparvalhados e respondi:

“Comadre Graziarò, se dizeis a verdade e se trata-se de fazer-vos um favor, falai logo, então. Pois, bem sabeis, estou pronto para me atirar ao fogo por vós: com a condição de

que me queirais um pouco bem, eu, sem outra recompensa, irei ao inferno...”

“Ufa!...” exclamou a moça, olhando-me fixamente. “Sois um fanfarrão! Não tendes que ir ao inferno, mas ficai descansado, que não me fareis um favor de forma alguma, pois peço para outros... Há cem liras para mim e cem para vós, sem contar o amor que, de agora em diante, entregarei a vós...”

Estas últimas palavras me entusiasmarem tanto que, sem saber como melhor agradecer Graziarosa, procurei fazer uma carícia, parecendo que já tivesse algum direito sobre ela. Mas ela deu para trás, dizendo: “Para baixo as mãos, compadre, ou dou-vos uns tabefes... Olho!”

Bruto prólogo da sua promessa de amor! Como a noite avançava e o vento chiava cada vez mais forte no meio da névoa, Graziarosa prosseguiu:

“Esta noite, com certeza, a patroa me manda embora... Ô mulher, para me perdoar! Então, vamos rápido. Antes, porém, de vos dizer do que se trata, preciso que, concordando ou não, jurai que não revelareis nada, jamais, e que nunca pronunciareis meu nome se narrar este feito!” Eu, conhecendo bem meu próprio caráter e sabendo que faria justamente o contrário, proferi os mais horríveis juramentos. Então Graziarosa, com voz suave, contou-me aquilo que queria: era

uma coisa horrenda para mim. Tratava-se, nem mais nem menos, de lhe dar, mediante a referida recompensa de vinte escudos e de seu futuro amor, um pouco de óleo santo!...

Fiquei pálido ao pensar que achavam que eu fosse capaz de tanto: tremi inteiro porque escutara que óleo santo poderia servir para alguma magia; mas por mais que rogasse, Graziarosa não quis me dizer que tipo de magia fosse e para que serviria. Com horror e terror, naturalmente neguei cometer esse sacrilégio, por mais que continuamente me tentasse a estranha promessa de amor de Graziarosa e, um pouquinho, também os cem francos. Oh, ter cem francos e saldar com eles a única dívida que minha mãe tinha, já desde os tempos da morte de meu pai! Cem francos! Para mim eram um sonho, tão grande quanto aqueles que me traziam a desesperada paixão por Graziarosa, mas tê-lo a que preço! Antes, mil raios caíssem sobre mim! Preferiria matar um homem! E disse isto à moça com toda a franqueza.

“Vedei, eu tinha razão! E dizíeis ir ao inferno por mim!”

“Oh, peçais tudo o que queirais, dizei que eu cometa qualquer outro delito e farei por vós, mas isto não, isto não, não, não...”

Depois de uma longa contenda, Graziarosa foi embora pisando duro, e eu fiquei como um sonâmbulo, lá, com os

olhos abertos sem nada ver, com o nariz vermelho na neblina, perguntando-me se tudo não passava de um devaneio.

Naquela noite, na São Giuliano, ninguém soou a Ave Maria, e eu não consegui degustar a sopa de feijão preparada pela minha mãe, que me disse:

“Estás doente!” E quis fazer-me tomar leite quente para que suasse!

Cerca de um mês depois, por causa de um grande temporal, o telhado de uma casa vizinha à igreja se arruinou: a desventura quis que aquela casa fosse justamente a do nosso credor que, pobre como nós, conjurou-nos a finalmente pagar, depois de tantos e tantos anos.

Não tínhamos nem dez francos disponíveis, de modo que rogamos infinitamente ao nosso credor que tivesse paciência, mas como poderia ter paciência, aquele pobre diabo, com a casa descoberta? E no inverno? Em suma: citou minha mãe. Aquele foi um dia muito ruim para nós, que não sabíamos nem de que cor fosse a porta, nós, que nunca tínhamos posto os pés em um tribunal, nem como testemunhas. Pareceu-nos uma infâmia, uma indignidade, ainda mais que sabíamos que não poderíamos absolutamente pagar.

Meu São Giuliano! Busquei todas as saídas, pedi a todos, mas aí de nós, se agora o dinheiro morreu, naquele tempo era moribundo, e... não achei uma só alma que me emprestasse

os cem francos. Então, precisávamos nos resignar e deixar de fazer compras e leiloar os móveis?

No meio de tanto desespero, uma noite lembrei dos cem francos de Graziarosa e, confesso, estava tão desolado e desesperado que, por um momento, tive o pensamento sacrílego de entregar o santo óleo. Pensei novamente para o que poderia servir e, lembrando-me de que escutara que existiam certos senhores que, não acreditando em Deus ou nos santos e para macular com uma cicatriz a nossa santíssima religião, costumam batizar asnos, cães e animais similares, parodiando de maneira horrível o batizado e usando os verdadeiros óleo e água sagrados, senti que meus cabelos ficaram em pé e perguntei a mim mesmo como, por um só minuto que fosse, deliberara dar uma mão a essa perdição.

Mas a lembrança da nossa desgraça urgia cada vez e com mais tenacidade, e o demônio me assaltava por todos os lados: afinal, a ideia dos cem francos de Graziarosa — já não me lembrava nem da promessa de seu amor... — e dos nossos pobres pertences postos em leilão na praça pública, vergonha e humilhação extremos, confundiam-se de tal modo na minha mente que me pus a rezar fervorosamente para espantar a tentação! São Giuliano, meu São Giuliano, ajudai-me vós, ou estarei perdido. Mas em vão, em vão!

Naquela noite, o meu padroeiro devia estar surdo ou não escutava minhas preces por causa do sopro forte do vento...

O fato é que o demônio me vencia, e de nada adiantava espantá-lo. Ao amanhecer ainda estava acordado, lutando contra aquele horrendo pensamento: no final, dirigi-me a Santa Barbara, que era a santa da minha pobre mãe, e rezei tanto, tanto, para me salvar, se não pelos meus méritos, por misericórdia por aquela boa velha que era a minha mãe, que ela me atendeu. Tenho certeza, foi ela, Santa Barbara, a me salvar, inspirar e ajudar.

O velho Salvatore, aqui, fez um longo sermão do qual irei-vos poupar mesmo sendo interessantíssimo, depois prosseguiu, e nós, sempre atentos e curiosos:

— No momento em que clareou, dirigi-me à casa do prefeito e, perguntando por Graziarosa, disse-lhe:

“Comadre Graziarò, em relação àquele negócio, pensei bem, sabeis...”

“Como?” disse ela, arregalando os olhos e conduzindo-me para um canto remoto do pátio. “Estais de acordo? Mas falai baixo.”

“Sim” respondi, eu também esbugalhando os olhos. E já que queria ganhar muito, já que me tinha metido: “Mas escutai, faço-o por vos, porque não posso mais resistir... Se soubésseis como vos amo! Se vós continuardes a ser assim cruel, eu morro, morro de verdade...”

“Devagar, compadrezinho...” murmurou a criada, olhando com medo para as janelas dos patrões, ainda fechadas. “Se me escutam, mandam-me embora. Nisso, então, pensaremos mais tarde... Dizei-me, então?...”

“Esta tarde, passai em casa ao voltar da fonte!...”

Mais tarde, Graziarosa, de fato, passou, e eu lhe entreguei o pequeno frasco com óleo. Vi seus grandes olhos verdes brilharem alegremente, e por pouco não me beijou. Escondeu muito bem o frasquinho e entregou-me uma nota de cem liras que eu, depois de muita cerimônia fingida, aceitei. Naquela tarde começamos a falar de amor, e naquele fim de tarde, o campanário preto de São Giuliano tocou a mais alegre Ave Maria que se possa imaginar, tão alegre que nem parecia a Ave Maria.

Alguns anos após, Graziarosa tornou-se minha esposa: só então ela quis me contar o segredo do óleo santo.

Dona Daniela, sua patroazinha que, ainda que rica, era bem feinha e antipática, apaixonada à morte por um seu primo, jovem belo e formado, visto que todas as outras

formas de sedução resultaram inúteis, recorreu a uma famosa maga de uma aldeia vizinha.

“Se conseguir um pouco de óleo santo” respondeu a maga, “e ungir a testa do jovem enquanto ele dorme, em uma noite de lua cheia, à meia-noite em ponto...” Graziarosa, confidente íntima de Dona Daniela, pensou de imediato em mim que, como sacristão, podia conseguir o óleo santo. Uma vez em posse deste, Dona Daniela, sempre à custa de dinheiro e de mistério, em uma noite de lua cheia, entrou na casa do primo e untou seu belíssimo rosto enquanto ele dormia e a meia-noite soava. A maga tinha dito que, depois desse estratagema, o primo iria se apaixonar loucamente por Daniela...

“E afinal?” perguntei a Graziarosa. “O primo?...”

“Afinal, não só não se apaixonou por ela, como pouco depois partiu para Cagliari e casou-se com outra moça”, respondeu com melancolia.

“Não me digas!” exclamei, dando uma grande risada. “Pudera! O que te entreguei era um óleo comum, que de santidade não conhecia nem sequer o nome!”³

3 N.A. Este relato é histórico, bem como o do conto precedente, dos quais se ocuparam, por sua vez, até os jornais da ilha.

ROMANCE MÍNIMO

Lá no alto, sobre o fundo azulino das montanhas calcárias, sob o céu fresco de uma doçura profunda como um céu de paisagem flamenga que me recorda os quadros mais conhecidos de van Haanen¹, o nosso sobrado verde dominava a aldeia: com seu telhado pontiagudo contornado por um elegante beiral branco, as janelas góticas no andar de cima e a varanda que o circundava por inteiro no térreo, delgada, alta, a tinta verde esmaltada pelo sol, parecia uma casinha chinesa de porcelana, tão fresca e alegre que, não obstante o triste caso que contarei e que me forçou a me afastar para sempre, sua recordação ainda introduz uma nota gaia nas memórias da minha infância.

Passaram-se vinte anos. Naquele tempo, toda a nossa família, a nobre família dos Maxu, a mais rica da aldeia, era composta por mim, um elegante estudante de direito; por meu

1 Remigidius Adrianus van Haanen (1812-1894) era um pintor do norte da Holanda famoso por suas paisagens e particularmente conhecido por suas representações dos céus do inverno.

pai, ainda mais elegante do que eu apesar de seus quarenta anos completos, aristocrático cavaleiro montanhês que vivia caçando javalis nos nossos imensos bosques de azinheiras e de carvalhos; e por uma prima órfã de quem ele era o tutor e por quem eu, naturalmente, era apaixonado.

Porém, não a tinha amado sempre. Ao contrário, eu me lembro que desde menino sentia grande antipatia por ela, talvez porque cada vez que brigávamos, ela, grande e forte — tínhamos quase a mesma idade —, cordialmente me batia como a última das pestinhas, sempre ameaçando de se vingar ainda mais dentro de alguns anos.

Depois que chegou à nossa casa após a morte de sua mãe, eu inclusive passei noites insones, atormentado pelo coração disparado ao me ver sempre perto daquela pequena fúria, tão mimada e mal-educada: ao vê-la senhora e patroa da minha casa, afagada pelo meu pai de quem eu, somente eu, devia ser o ídolo... Por sua vez, Gabriella, ou Gella, como a chamávamos, professorava pouquíssimo amor por mim. Percebendo, porém, a minha má acolhida, mudou completamente de caráter e, superada a dor pela mãe, não retomou a vida antiga. Ao invés disso, fechou-se em relação a mim com uma fria reserva que terminou por fazer, ainda, com que a odiasse ainda mais. Quase nunca falava comigo; passava diante de mim sem me olhar e, andando de cima para

baixo pela casa, impondo-se sobre tudo e sobre todos com uma doçura silenciosa e novíssima nela, parecia nem se dar conta da minha existência. Eu tremia de raiva: teria dado dez anos da minha vida para que Gella desse o mínimo motivo para acusá-la de qualquer coisa. Procurava todos os meios de pelo menos avivar uma das nossas antigas brigas, mas sempre em vão. Ela não ligava para mim e, quando muito, respondia com um sorriso de desprezo às minhas insolentes provocações, às minhas acres alusões sobre a sua condição de intrusa na minha casa... É que eu era ainda um menino com os meus dezesseis anos, e ela, uma mocinha precoce que talvez já sonhasse Deus sabe lá com o quê, com os seus catorze. Teríamos talvez terminado mal se, uma vez findo novembro, eu não tivesse partido para estudar.

Nove meses de afastamento suavizaram a minha antipatia, tanto que voltei com todas as boas intenções possíveis de pacificação; mas Gella não tinha mudado de opinião de jeito nenhum e, não só me acolheu friamente, mas com o tempo, habituada com a casa nova, pareceu me considerar mais como um hóspede do que como patrão!... E assim um, dois, muitos anos. Cansado de afagá-la e de persegui-la, eu também terminei por imitá-la. Nenhuma intimidade, nenhuma afeição, nada daquelas finas atenções ou daquele despeito efêmero habitual nas pessoas que vivem sob o mes-

mo teto transcorriam entre eu e Gella. Enquanto todos na aldeia diziam que logo que me formasse eu me casaria com a prima, nem um vago vislumbre de amor, nem mesmo o mínimo pensamento nos unia, nós, que nos víamos todo o tempo, nós, que tínhamos nos tornado dois jovens belíssimos: eu, moreno, elegante, tão estrondoso que, quando chegava, punha toda a aldeia em agitação; ela, pequena, etérea, loira, com os olhos impenetráveis de um azul pálido mas ardente das montanhas calcárias que dominavam a nossa casa, a pele rosa aveludada nas bochechas que formavam duas fascinantes covinhas cada vez que ela se dignava a sorrir, no colo, nas orelhas pequeninas e até nas mãos. Ela se vestia sempre de branco, tanto em casa quanto para sair: nem uma fita, nem uma joia, nem um só toque de cor, nunca, nunca. E eu, que odiava o branco, chamava-a ironicamente de Cassandra Fedele², mas ela normalmente não ligava nem um pouco para as minhas brincadeiras.

.....
2 Cassandra Fedele (1465-1558) foi a mais renomada estudiosa de latim e grego na Europa do Quattrocento.

Uma noite já bem tarde, ao fechar a janela do meu quarto, vi Gella na varanda do andar de baixo. De pé, imóvel, com as mãos cruzadas sobre a balaustrada, vestia-se, como sempre, de branco, um vestido longo, macio, que a deixava ainda mais alta e magra: as mangas, larguíssimas do cotovelo para baixo, tinham caimento à hebraica ao longo dos flancos elegantes, deixando nua uma parte dos braços finos, mas bem feitos. Seu cabelo crespo, indomável, caía sobre as costas, metade trançado, o resto solto.

A luz da lua que se punha batendo em seu rosto deixava-a tão branca, diáfana e fantástica que eu, mesmo sem nenhuma boa vontade em relação a ela, não só não pude deixar de confessar a mim mesmo que era bela, como fiquei estático no peitoril da janela contemplando-a como se fosse uma aparição sobrenatural... Mas o que fazia lá àquela hora? Não me lembrava de tê-la visto nunca assim tão tarde na varanda. Sabendo que ela não era nem um pouco entusiasta dos encantos da noite, achei que esperasse por alguém, lembrando-me repentinamente de que Gella estava em uma idade na qual era impossível que uma moça bonita não tivesse um namorado.

Sim! Gella esperava! Instintivamente, senti renascer dentro de mim todo o antigo rancor contra a minha prima, ou pelo menos alguma coisa que classifiquei assim. Eu era um psicólogo superficial demais para perceber que, na verdade,

eu estava com ciúmes, talvez mesmo antes de me apaixonar; e sem perceber a causa da minha súbita indignação, parecendo que Gella desonrasse a nossa casa com a sua leviandade de moça que conversa com homens à noite, senti a cabeça ofuscar dolorosamente ao mesmo tempo em que provava um estranho contentamento, achando que eu poderia finalmente humilhá-la. Humilhá-la, oh, humilhá-la!... Finalmente ver aqueles olhos altaneiros e misteriosos, aquele rosto frio e irônico abaixarem-se diante de mim! Que vitória!... E, voltando a ser menino, sem nem ao menos ponderar sobre a minha ação odiosa e leviana, deixei a janela, desci e cheguei perto de Gella com ares de marido que pega a esposa em flagrante, dizendo com voz baixíssima, mas imperiosa:

— Mas o que fazes aqui a esta hora?

Arrancada bruscamente de seus profundos devaneios, Gella empalideceu horrivelmente e olhou-me assustada, tremendo da cabeça aos pés: todas, indicações agravantes que aumentaram as minhas suspeitas. Mas, como um raio, ela se recompôs, ficou corada de novo e seus olhos cintilaram tristemente.

— O que eu bem entendo! — respondeu com voz áspera, voltando-me as costas e apoiando-se na balaustrada.

Era a primeira vez que, depois que chegara em nossa casa, eu a via comover-se desse modo. Com um efeito

misterioso, sua voz fez com que eu voltasse a mim e corasse ao perceber meu parco cavalheirismo. Altaneiro demais para pedir desculpas e lembrando-me de seu proceder bizarro em relação a mim no passado, fiquei contente ao mentir de maneira desprezível, como uma mulherzinha, para me justificar:

— Olha lá, Gella, disseram-me que namoricas com Anni, o médico funcionário público, e que vos falais todas as noites... Se ele tivesse boas intenções, já teria pedido tua mão ao meu pai, e, no entanto... Gella, não te ofendas, digo para o teu bem... Vendo-te assim tão tarde na varanda, pensei que o esperasses e descí... Mas acho que isso seja mentira... Gella... eu não acredito... mas se é assim...

Não pude continuar: aquela mentira, aquela mentira infame me fechava a garganta, secava-me os lábios. Gella ficou imóvel e não respondeu.

Queria dar continuidade à minha pouco louvável encenação; queria pedir perdão e não conseguia. Ao final, fui embora quase sem dar-me conta e voltei à minha janela, perguntando-me se não estava sonhando.

Gella permanecia lá, inclinada sobre o parapeito, com o rosto entre as mãos...

Estava chorando! Um pranto silencioso e desesperado, interrompido de tanto em tanto por soluços espasmódicos que me sacudiam como choques elétricos... Não saberia jamais

descrever o que passei ao ver Gella chorar por minha culpa: maldizia a minha suspeita e, mordendo os lábios até sangrarem, fiquei lá pregado ao peitoril, com o coração que me arrebatava o peito.

A lua ia se pondo no extremo horizonte aberto tingido de um leve esplendor róseo que pronto se desvanecia em tons de violeta azulado, prateado, acinzentado, e soprava a brisa da noite alta que trazia até mim o perfume das murtas e das agaves esbranquiçadas da planície imensa que se estendia sob a aldeia silenciosa e os perfumes acres das montanhas de calcário orvalhadas com a umidade da noite de outono. Um rouxinol cantava entre as roseiras amarelas do nosso jardim: sua melodia delicada e triste despertava em mim, magnetizado pelo aspecto pálido da paisagem, inebriado pelos perfumes úmidos do vento e com os nervos abalados pelo pranto de Gella, a sensação mista de angústia e voluptuosidade já vivenciada na cidade onde eu estudava ao escutar uma sonata meditativa e melancólica de Mozart tocada ao piano por uma senhorita tuberculosa e moribunda.

Fiquei assim um longo intervalo. Só depois de muito tempo voltei junto à minha prima, que ainda estava com as mãos contraídas no ferro gélido do parapeito...

Com a lua que havia se posto, na paisagem reinava agora uma vaga claridade branca, sidérea, e o vento soprava tão frio que me fazia bater os dentes. Gella já não chorava e nem tremia

tanto quanto eu. Não obstante a escuridão, eu a enxergava toda branca, inclusive os cabelos loiros e os olhos pálidos, menos seu rosto e suas mãos rosadas, e pensava que aquela face, aqueles lábios coralinos e aquelas mãos deviam estar ardendo.

— Gella — comecei —, não posso ir dormir sem ter te pedido perdão... — E ela, enrijecendo, continuou muda. — Gella — continuei —, perdoa se ousei duvidar assim de ti. Oh, as más línguas, os desprezíveis!... Mas tu és tão boa que me perdoarás, verdade? Responde... Gella... vamos, Gella... responde!

— Amanhã irei embora desta casa! — afinal respondeu ela, com uma voz ainda chorosa. — Já fiz vinte e um anos!

— O que disseste, Gella? Estás louca? — disse, assustado.

Como ela não continuava, aproximei-me para olhá-la bem de frente. Ela não se mexeu, e eu senti o perfume de suas roupas subirem à minha cabeça. Estava desnorteadado. Em uma hora, eu havia me apaixonado loucamente pela minha prima. Sei que parecerá impossível, mas é assim. O ambiente, a hora, o arrependimento por tê-la ofendido e caluniado, seu pranto, até o canto mágico do rouxinol, a vestimenta fantástica e branca de dama do século 16 que me recordava vagamente Gabriella d'Estrées³, a famosa amante

3 Gabrielle d'Estrées, duquesa de Beaufort (1573-1599), amante do rei Henrique IV da França e, com ele, fundadora do ramo de Vendôme da Casa de Bourbon.

de Henrique IV⁴, seus cabelos meio soltos, os perfumes que nos rodeavam, tudo contribuía para inflamar meu sangue, obrigando-me a agir e a falar como se nas minhas veias corresse uma poção do amor, potente, repentina e indomável. E contei logo tudo isso a Gella com frases de fogo, quebradas, explosivas, ousadas, que agora não me lembro mais, que precisariam de dez páginas para serem transcritas.

Quando me calei, cansado e ansioso, Gella confessou que também me amava!... Então, entusiasmado, enlouquecido, fora de mim, agarrei-a quase com brutalidade entre meus braços, ela relutante, e beijei sua bela boca coral, que achei fria como a neve e que permaneceu fria não obstante meus longos beijos fogosos!

Aquele mês de outubro foi o mês mais estranho de minha vida. De dia, eu e Gella continuávamos com nossos papéis de antes, frios e indiferentes, mas à noite os encontros mais ardentes e românticos nos reuniam na varanda ou no roseiral do jardim, na escuridão azulada das noites interlu- nares ou nos silêncios preciosos das magníficas luas cheias. Somente nas noites chuvosas nós nos reuníamos no pequeno

4 Henrique IV (1553-1610) foi rei de Navarra (como Henrique III, 1572-1589) e o primeiro rei Bourbon da França (1589-1610). Henrique IV, no final da Guerra da Religião, abjurou o protestantismo e se converteu ao catolicismo romano (1593).

salão negro, quente, cuja luz tênue da lamparina fazia com que tivesse uma vaga atmosfera de santuário. No sofá antigo de lampas com floreado lívido, Gella, com sua vestimenta branca, parecia uma santa medieval, uma Nossa Senhora latina da face com reflexos dourados, e eu, quase sempre prostrado sobre o tapete, adorando-a, representava muito bem o papel de devoto. Estava cada vez mais apaixonado: dia a dia, o meu amor atingia imensas proporções, um amor que teria me matado se não fosse correspondido. De dia, agoniava porque tinha de escondê-lo. Gella havia me dito: “Não quero que ninguém, nem mesmo teu pai, saiba que nos amamos, até que tu estejas em condições de casar-te comigo, isto é, formado. Se tu disseres uma só palavra que seja, se levantares uma só suspeita, está tudo acabado entre mim e ti!” À noite eu sofria, mesmo abraçando-a contra o peito, mesmo beijando-a e escutando-a dizer: “Serei tua, tua para sempre e amarei sempre a ti, a ti somente!”, sentia alguma coisa de incomensurável; uma angústia incompreensível misturada com o intenso fervor de estar com Gella e de me sentir amado por ela produzia uma espécie de desatino em minha cabeça transtornada. Tudo girava à minha volta, e eu confundia o passado e o presente, o sonho e a realidade.

Se naquele período tivesse escrito no meu diário, teria compilado o mais interessante dos romances psicológicos,

porque estou convencido de que nenhum homem jamais esteve tão estranha e completamente apaixonado como eu naqueles tempos.

Quando chegou novembro e decidi ir embora, pareceu que despertasse de um longo sonho: na última noite que passei com Gella sobre meus joelhos, lembro de ter chorado como um menino e não me esquecerei jamais o arrepio que senti quando ela disse:

— E se, quando voltar, tu me encontrares... morta?
— Com um olhar frio, ela me viu tremer. Também percebi que ela dizia aquilo com seriedade: — Das outras vezes, não te separavas de mim deste modo!

Mas não dei atenção ao seu olhar e às suas palavras; só mais tarde pensei novamente neles.

Parti. Nos primeiros meses, parecia inebriado: não estudava, não comia nem dormia e escrevia para Gella longas cartas que... não lhe enviava porque assim queria ela, para não levantar suspeitas; mas, pouco a pouco, acostumei-me com a distância e, com o tempo, o meu amor entrou em uma outra fase: amava mais do que nunca, mas não sofria mais. Esperava. Pus-me a estudar com ardor e passei nos exames splendidamente.

Mais um ano e Gella seria minha! Que sonhos, que projetos, que ardentes esperanças, que contentamento ao

pensar no retorno! Porém, a última carta de meu pai me deixou de mau humor e entristeceu horrivelmente a minha viagem: pedia que eu apressasse o meu retorno e prometia a mais incrível surpresa quando eu chegasse.

Os mais terríveis pressentimentos vieram ao meu pensamento, todos concluindo que Gella estivesse noiva de outro... talvez até casada, cercando-se de mistério para definitivamente me aterrorizar! Provava a vertigem daquela ideia e meditava até sobre uma vingança se Gella tivesse me traído desse modo... Mas com quem e por quem?... Nenhum dos poucos senhores da aldeia era jovem, rico, belo e aristocrático como eu, nenhum podia amá-la como eu a amava, nenhum podia lhe oferecer a condição de senhora como aquela que usufruía na minha casa! Porque então me trair, depois de tantos juramentos e lágrimas, depois dos nossos beijos e das nossas promessas? Mas, em vão, eu tentava me tranquilizar. Enquanto o veículo me transportava à aldeia por entre os campos desertos, pelos declives cobertos de acácias luxuriantes e de tomilhos que impregnavam o ar fresco do amanhecer com aroma de incenso, sob os bosques de carvalho emaranhados com urzes selvagens, a memória da longa antipatia uma vez existente entre mim e Gella retornava aguda ao pensamento, as provocações que eu continuamente fizera, as suas ameaças de menina cruel de mais tarde se vingar, seu desprezo, a sua gélida inimizade.

Lembrava de seus lábios frios sob os meus beijos afogeados, seus olhos impenetráveis sob o meu olhar delirante... e aquele pacto horrível de calar sobre o nosso amor... Eu estava perdido, perdido, perdido! Gella não tinha me amado um só instante, mas fingido me amar para me enlouquecer, para se vingar com uma traição a qualquer momento! Certo disso, torcia as mãos e ansiava como um obcecado, mas quando pude vislumbrar, atrás do planalto castanho do horizonte, o contorno dos meus montes, todos cor-de-rosa nas primeiras carícias do sol e sobre o fundo dourado do céu, ri de meus medos, chamei-me de louco e prossegui a viagem sorrindo, totalmente inebriado pelo esplendor da magnífica manhã, certíssimo de que Gella me esperava ansiosamente, e sem mais pensar na prometida surpresa.

Encontrei meu pai e Gella térreo, na sala de jantar, e fui logo abalado por três coisas: a antiga decoração da sala desaparecera e fora substituída por uma nova, rica, esplêndida; meu pai parecia rejuvenescido, elegante, vestido de preto, os olhos cintilantes de alegria (a barba loira, curta, dividida no queixo lhe dava um ar belíssimo que o transformava inteiro); e Gella estava com roupas coloridas!

Ela estava no fundo da sala, as costas apoiadas na janela fechada e, ainda que seu rosto estivesse no escuro contra o fundo luminoso de vidro cuja luz circundava seus cabelos em

uma auréola fulgurante, parecia pálida, mas seus olhos cintilavam com um sorriso misterioso. Fiz todas essas observações em um instante e só depois pude delinear-las bem. Naquele momento, estava tão exaltado que corri primeiro para Gella ao invés de meu pai, para abraçá-la. Mas ela friamente me estendeu a mão. Meu pai, nesse ínterim, sem dúvida contente pelo meu insólito ímpeto de afeto por Gella, enrolava os bigodes loiros e me dizia com um sorriso:

— Vá em frente, abrace-a. É minha esposa!

A DAMA BRANCA

Perto de uma das mais pitorescas aldeias do território de Nuoro, nós possuímos um bocado de terra cultivado por uma família dessa mesma aldeia.

O chefe dessa família, já ancião, mas ainda forte e vigoroso —, estranho tipo de sardo, com uma cabeça de santo suave e branca digna de Perugino¹ — de vez em quando vem a Nuoro para trazer o pagamento e os produtos da propriedade. Todas as vezes nos conta histórias bizarras que parecem lendas, muitas das quais ele esteve envolvido e que realmente aconteceram nos montes, nas escarpas e nas planícies misteriosas onde transcorreu sua vida errante... Ele se chama velho Salvatore.

Eis então a última história que ele nos contou, na qual muitos não acreditaram e que, no entanto, realmente ocorreu

1 Pietro Perugino (1446/1452 – 1523), nascido Pietro Vannucci, foi um artista da Renascença, da escola de Úmbria, que desenvolveu algumas das qualidades depois aprimoradas na Alta Renascença. Seu aluno mais famoso foi Rafael.

nesta terra de lendas, de histórias pungentes e sobrenaturais, de aventuras inverossímeis.

Era uma noite de maio de 1873. Em uma cabana perdida nos pastos solitários da aldeia do velho Salvatore, dois jovens vaqueiros dormiam ao lado do fogo meio apagado. Fora, perto da cabana, as vacas dormiam no curral de pedra e de sebe. A lua de abril, pondo-se no ocidente de um belo rosado fúlvido, iluminava os campos sem fim, negros, fechados entre as montanhas nuas, pontiagudas. A um certo ponto, um dos vaqueiros acordou e, levantando-se para se sentar, olhou se alvorecia. Quando viu que ainda era noite alta, reavivou o fogo e, com as pernas cruzadas, ficou um momento mudo, imóvel, atormentado por um pensamento; depois acordou o companheiro.

Ambos eram morenos, simpáticos e fortes, mas o primeiro que acordou, que se chamava Bellia, isto é, Giommaria, era mais alto e mais bem feito, com uma cabeça senhoril que impressionava e fazia com que as pessoas se perguntassem se, a quem ela pertencia, não fosse filho de um qualquer rico Dom.

— Antonio? — chamou, sacudindo o companheiro para despertá-lo.

— O que foi? O que aconteceu? — respondeu Antonio, sentando-se de golpe, assustado e com os olhos arregalados.

— O que é que foi?

— Nada. Acordei-te para te dizer uma coisa. Escuta. É a terceira noite que sonho o mesmíssimo sonho. Eu não acredito nos sonhos, mas por Deus, quando se sonha por três noites seguidas sempre a mesma coisa, é para se pensar.

— Tu me despertaste para isto? — perguntou o outro, com um sorriso cético e de compaixão. — Talvez tenha sonhado que te levavam para a forca?

— Não — exclamou Bellia sem pestanejar. — Escuta. Aparece sempre no sonho uma senhora vestida à antiga (isto acho eu, porque as senhoras de agora se vestem de modo diferente), com um manto de veludo branco que a cobre da cabeça aos pés. Tem o rosto branco como seu manto e os olhos negros, enormes, com sobrelhas em arco, espessas e unidas, e os cabelos, também negros, torcidos em volta das orelhas...

— Bem! Como as olianasas!² — exclamou irônico Antonio, que se interessou bem pouco por aquele sonho e queria voltar a dormir.

— É sempre a mesma... três noites seguidas, entendes?

2 Designa as pessoas originárias da cidade de Oliena, próxima a Nuoro, ou comumente chamada de Oliana ou Uliana (em sardo) pelos habitantes do local. Refere-se também ao subdialeto do idioma sardo-logudorês falado na cidade e entorno.

— O que diabos acontece com você? Sonhar com senhoras, por Deus!

— Espera. Ela me olha por muito tempo com aqueles olhos severos belíssimos que me amedrontam e encantam e diz: “Bellia, caminha, caminha! Vai aos campos de São Matteo, junto ao bosque, perto da torrente. Encontrarás uma pedra de granito, a dez passos da torrente, junto à primeira árvore do bosque, a mais grossa que há. Levanta a pedra: encontrarás uma outra pedra presa no solo. Levanta também essa e verás uma cruz de ferro atravessada em um buraco. Bellia, caminha, caminha, chega hoje mesmo: de outro modo teus passos serão inúteis, e o demônio tomará posse da tua fortuna.”

— Caramba, que belo sonho! — gritou Antonio.

Não obstante sua cética ironia, ele sentiu um arrepio serpentear por seus rins. Na sua infância, tinha escutado tantas histórias de tesouros escondidos guardados pelo diabo, que deles tomava posse se depois de um certo tempo não fossem encontrados. Nos primeiros anos de sua juventude aconteceu um fato estranho daquele gênero: uma noite, fugindo através de um bosque, seguido pela polícia militar —, porque naqueles tempos era fugitivo, acusado de um homicídio do qual mais tarde fora absolvido — tinha visto, ao luar, uma pilha de esplêndidos tecidos, brocados, panos

finos e seda, e dois vasos cheios de ouro, e tinha claramente escutado uma voz, que saía da preciosa pilha, dizer: “Para, tudo é teu, para!” Mas, a pouca distância, ele escutava os passos dos policiais e era impossível para ele parar; então, continuou a correr. Passado o perigo, no dia seguinte voltou àquele lugar, mas, em vez de tecidos, encontrou grandes pedras de granito negro com forma de pano e dois troncos queimados que conservavam a forma de vasos.

A despeito de tudo isso, ele, que acreditava só no mundo real, ridicularizou a proposta de Bellia de partir, nem bem raiasse o dia, para o vale de São Matteo procurar a pedra indicada pela branca dama do sonho. O outro, que não punha muita fé, nem ele, nos sonhos, mas que em todos os casos queria se certificar, ficou nessa sua indecisão pelo resto da noite e teria sem dúvida nenhuma partido se, ao amanhecer, entrando no curral, não tivesse encontrado uma das suas melhores vacas adoecida: era uma bela vaca cinza, alta e inteligente, de quem Bellia gostava mais do que das suas outras vacas e a quem chamava pelo doce nome de “Bela Minha”.

A imprevista doença de Bela Minha fez com que se esquecesse do estranho sonho e do projeto de viajar ao lugar indicado pela dama. Em vez disso, foi à aldeia e trouxe consigo um velho pastor que conhecia e curava todas as mais graves doenças do gado. Mas nem mesmo o velho

Lallanu pôde saber que raio de mal afligia Bela Minha. Era um mistério: podia-se dizer que a vaca fora envenenada ou que estivesse com algum espírito maligno no corpo. Nem o veterinário, nem mesmo o médico da rede pública souberam dizer alguma coisa. No entanto, depois de alguns dias, Bela Minha sarou de repente, misteriosamente, do mesmo modo como tinha adoecido. Voltou a vagar tranquila com as companheiras através dos campos frescos, entre o feno perfumado de margaridinhas, para grande contentamento de Bellia que, naturalmente, não pensava mais em ir até as planícies rochosas de São Matteo.

Pouco de tempo depois, porém, Bellia e Antonio, mudando as vacas de um pasto para outro, passaram por acaso por lá. Era um pedaço de paisagem bizarra: campos desertos e selvagens de montanha, cheios de rochas e de samambaias, circundados por bosques de azinheiras seculares e chamados de “Campos de São Matteo” em razão de uma igreja ao estilo românico pisano em ruínas, ali perto.

Os dois vaqueiros se lembraram do sonho ou dos sonhos de Bellia, e Antonio foi o primeiro a propor que olhassem se existia a pedra e a árvore sonhados. Seguiram a margem da torrente seca e quando chegaram muito perto do bosque, a cor do rosto de Bellia mudou. Ele estava vendo a árvore,

a mais grossa que se vislumbrava, e via a pedra de granito precisamente igual à do sonho!

— Por Deus! Por Deus! — disse, com a cara branca e com os olhos cintilantes. Lançou-se sobre a pedra, mas sozinho não conseguiu movê-la. Antonio o ajudou e, depois de muito esforço, conseguiram afastá-la. Embaixo dela Bellia viu a outra pedra, menor e fixa no solo, como a dama branca do sonho havia dito!

Nesse momento, também Antonio ficou perturbado e, sem dizer nada, continuou a ajudar o companheiro que, lívido, com os lábios tremendo, retirava com as mãos a terra ao redor da pedra. Conseguiram retirar também essa e olhando-se nos olhos, mudos, perplexos: lá embaixo estava a cruz de ferro do sonho atravessada no buraco. Bellia gritou:

— Viu? Viu? Com um supremo esforço, arrancou a cruz da terra e enfiou o braço trêmulo no buraco, retirando um grande vaso de ferro oxidado. Não é possível descrever a comoção dos dois vaqueiros, especialmente de Bellia. Sem dúvida o vaso estava cheio de ouro e de pérolas, Deus santíssimo... Deus santíssimo!

Com a *leppa*, espécie de grandíssimo punhal que os pastores de Logudoro têm quase sempre metido na cintura, Bellia fez saltar a tampa do vaso e, então, recordou as últimas palavras da dama: “Chega hoje mesmo, de outro modo

o demônio tomará posse da tua fortuna”. O vaso estava cheio de carvão e de cinzas até o fundo! Inútil repetir os comentários, o espanto e o terror dos dois jovens vaqueiros.

Convenceram-se de que ali existira um tesouro e que o demônio, segundo a tradição e a lenda sarda, tinha-se apropriado dele, já que no dia preciso indicado por quem o escondera (a dama branca, certamente), Bellia não o tinha levado de lá. Recordaram, então, o estranho mal-estar de Bela Minha. Sim, com certeza o espírito do inferno fizera com que a vaca predileta de Bellia ficasse doente para impedi-los de viajar a São Matteo.

Os dois juvenzinhos, de imaginação aquecida e fantasiosa como todos os sardos fortes da montanha, acreditaram firmemente nisso e retomaram, melancólicos, suas vidas atrás das vacas viajadoras, chorando o tesouro perdido, aterrorizados com o sobrenatural. Não disseram nunca nada a ninguém sobre essa arcana aventura, até que um fato ocorrido posteriormente os convencesse com mais firmeza sobre suas crenças.

Passaram-se cinco anos. Bellia, casado e já pai de uma graciosa menina, vivia tranquila e modestamente, sempre como vaqueiro, quando em um belo dia de maio de 1878 foi avisado pelo pároco que fosse à casa dele. Bellia, que tinha pouca relação com o velho pároco, foi logo encontrá-lo, cheio de curiosidade pelo que teria a dizer.

O pároco, de quem é inútil referir o nome, morto há dez anos, esperava-o em seu pequeno quarto, limpo e iluminado. Convidou-o a se sentar junto à poltrona verde, depois ele mesmo foi fechar a porta da salinha ao lado porque, em todos os casos... suas pequenas sobrinhas eram tão curiosas... especialmente Maria. Tomadas todas as precauções possíveis, o pároco foi se sentar em sua poltrona, arrumou os óculos e abriu na mesa um papel amarelo, velhíssimo.

Bellia teve uma vaga sensação de temor diante de todos os solenes preparativos do velho pároco e assustou-se quando ele, de repente, disse com seriedade:

— Esta folha é sobre ti!

O vaqueiro procurou uma resposta adequada, mas não a encontrando, achou melhor ficar calado.

— Eu tenho noventa anos — continuou o pároco que parecia, sim, muito velho, mas que não demonstrava aquela idade, levantando os óculos e encarando Bellia com seus olhos claros que pareciam tão bondosos e opalinos

sob as sobrancelhas brancas —, eu tenho noventa anos, filho meu, e há mais ou menos setenta sirvo ao Senhor na nossa aldeia. Não tinha ainda vinte anos quando celebrei a primeira missa.

— E que Deus faça com que chegueis a cem! — exclamou Bellia.

— Nesse mesmo ano morreu, ele também velho, o antigo reitor da nossa igreja, e poucos dias antes de entregar a alma ao nosso Santíssimo Criador, disse: “Depois da minha morte, vós sereis sem dúvida o pároco, então eu devo confiar-vos uma séria missão. Sentai-vos, que antes tenho que vos contar uma história.” Eu me sentei à sua cabeceira e, quando ficamos a sós, o meu velho e venerado reitor narrou este feito:

“Há trinta e cinco ou trinta e seis anos, isto é, cerca de 1773, havia aqui, nesta aldeia, um jovenzinho da família M., a qual reside aqui até hoje. Era um jovem rico, bonito, contador graduado, casado pouco antes com uma donzela da cidade de Sassari, onde tinha estudado. A esposa se chamava Dona Maria Croce M***, filha de um cavalheiro genovês e de uma dama sarda, muito ricos, estabelecidos em Sassari, onde ela nascera. Podia ter uns vinte e cinco anos, era muito bonita, mas de uma beleza bastante severa, com grandes olhos negros e sobrancelhas arqueadas e os cabelos retorcidos ao redor das orelhas, à

flamenga, como dizia ela. Ademais, estava sempre ricamente vestida e costumava usar um manto de veludo branco.

Talvez por causa de seu estranho modo de se vestir, que fazia com que parecesse uma fada, e porque era sabido que seu pai apreciava física e astrologia e que ela tomava parte em seus experimentos, logo que chegou aqui se espalhou o boato que malignamente dizia: Dona Maria Croce se conecta com os espíritos; Dona Maria Croce enfeitiçou Dom Gavino, o marido e, usando magia, forçou-o a desposá-la; além de outras coisas similares do outro mundo.

O fato é que Dom Gavino, antes de se casar com ela, namorava outra moça da aldeia, de boa família, sim, e até bonitinha, mas pobre como Jesus Cristo, chamada Rosanna. Até, para não perder tempo, havendo uma solene promessa de matrimônio, Rosanna e Dom Gavino deram-se de presente uma bela menina, fato pelo qual a moça foi expulsa de casa, ainda que Gavino jurasse que se casaria com ela logo que terminasse os estudos.

Mas, ao contrário, no último ano que passou em Sassari conheceu Dona Maria Croce: e vê-la, apaixonar-se, pedir sua mão, casar-se e trazê-la aqui foi uma coisa só.

Rosanna ficou gravemente doente, mas não disse uma só palavra de lamento. Passados só seis meses desde que Dom Gavino se casara, uma noite, voltando para casa, um homem o segurou e, no escuro da rua, matou-o a punhaladas. Então

foi a vez de Dona Maria Croce se enfermar. Quando finalmente sarou, dedicou-se de corpo e alma a procurar quem era o assassino de seu marido. Conseguiu descobrir que era um jovenzinho perdidamente apaixonado por Rosanna, a quem ela tinha prometido sua mão caso ele matasse Dom Gavino. Dona Maria Croce o acusou: foi preso, mas na falta de provas materiais do delito e não obstante o dinheiro e o poder da jovem viúva, foi libertado.

Todavia, a dama tinha certeza de sua própria sorte e, já que a justiça humana não a vingava, decidiu vingar-se por si.

Havia passado um ano da morte de Dom Gavino e, neste meio-tempo, morria também o pai de Dona Maria Croce, tornando-a herdeira de um grande patrimônio. Ela partiu para Sassari, vendeu tudo e depois voltou para cá. No dia de Páscoa, Rosanna se casou. A igreja estava lotada. Entre a multidão destacava-se Dona Maria Croce, vestida de negro e com um punhal de prata na cintura, ajoelhada atrás da balaustrada do altar.

Quando deram a benção aos noivos, vi-a ficar em pé, com a face branquíssima e os olhos flamejantes. Rosanna e o marido tinham acabado de descer os degraus do altar quando ela se lançou sobre eles e, com sua lâmnia, apunhalou o jovem dizendo:

— Restituo o vosso!

Imaginem a balbúrdia, a confusão, os gritos do povo e a cena que se seguiu. Rosanna desmaiou, depois se enfermou pelo susto e morreu após alguns meses entre os mais atrozes remorsos, já que por sua causa dois homens estavam mortos. Dona Maria Croce foi presa e, se bem que naqueles tempos a justiça fosse feita do jeito que era, não valeu nem o ouro, nem a exortação dos parentes para diminuir sua pena.

Foi condenada à forca.

Antes de morrer, mandou me chamar e confessou-se. Depois me disse que escondera todo o ouro resultante da venda do seu patrimônio no bosque de São Matteo, perto da igreja, em um vaso de ferro no pé de uma árvore. E confidenciou-me que queria deixar este tesouro à terceira geração de Rosannedda, a filha de Rosanna e de Dom Gavino, para que servisse um pouco como desagravo de seus pecados perante a misericórdia de Deus.

— Este é o meu testamento —, disse, entregando-me um papel — conservai-o e, quando da vossa morte, entregai-o ao vosso sucessor para que faça o mesmo. Assim, até a terceira geração de Rosannedda. Então, aquele que estiver em poder deste documento deve entregá-lo, poucos dias antes da data indicada, ao bisneto da moça, e este fará o que tiver de ser feito. Avise-o,

porém, que vá no dia exato, porque se atrasar uma só hora, será tudo em vão...

Pedi à dama que me explicasse esta frase, mas ela não quis dizer nada mais; e por isso, naquele dia, Deus me perdoe, eu também acreditei que ela tivesse relação com o mundo sobrenatural, porque quando lhe perguntei:

— E se Rosannedda morre sem herdeiros? — ela me respondeu:

— Não! Ela se casará e terá uma filha e também esta última tomará marido, de quem terá uma numerosa família. O filho maior, por fim, terá um filhinho em cujo nome há um dos meus nomes. Este é o destinatário...

— E se — perguntei — alguém mais tentar apossar-se do tesouro?

— Em vão! Somente a pessoa que quero o encontrará, desde que chegue a tempo.

Dona Maria Croce não disse mais nada, entregou-me o documento e, desde aquele momento até a hora de sua morte, não fez outra coisa além de rezar. Morreu corajosamente, como boa cristã, e eu chorei por ela como se fosse uma filha.

Como ela previu, Rosannedda, após muitos anos, casou-se e teve uma filha, que ainda vive e é uma bela moça que vós, sem dúvida, conheceis.

Eu conservei o testamento de Dona Maria Croce religiosamente e nunca me passou pela cabeça verificar a veracidade daquilo que ela me confidenciou. Agora o entrego a vós, segundo a sua ordem, e vós fareis da mesma forma se, Deus não o queira, não chegardes a conhecer o herdeiro.

— Dito isto —, continuou o velho pároco — o meu venerado predecessor me entregou o papel que tu vês aqui, Bellia.

Pouco depois ele morreu, e eu, por minha vez, guardei por uns bons setenta anos este precioso segredo que ninguém conhece.

Ainda segundo a predição de Dona Maria Croce, também eu vi a bela filha de Rosannedda se casar e procriar uma numerosa família. O filho mais velho, por sua vez, casou-se e teve um filho, que és tu, Bellia, ou Giovanni Maria, já que de fato tens um dos nomes de Dona Maria Croce. Eis que chegou a hora. Eu te entrego o testamento e tu, sem a ajuda de ninguém, pode muito bem executá-lo!

— Temo que seja tarde demais! — exclamou Bellia que, durante o relato, tinha refletido todas as cores do arco-íris, mordiscando os lábios várias vezes para não intervir e

não faltar ao respeito com o pároco, interrompendo-o.
— Justamente, é mesmo tarde demais!...

— Como sabes tu? — perguntou o velho, estupefato.
Bellia contou a sua aventura de cinco anos antes.

O pároco achou que sonhava. Franziu as plácidas sobancelhas brancas, pôs novamente os óculos e leu pela centésima vez o testamento, depois exclamou:

— Meu Jesus, meu Jesus, o que quer dizer isso? Eis aqui que eu segui todas as normas determinadas; e aqui entra, sem dúvida, o demônio. Escute o testamento: não é que esteja em latim, espanhol ou italiano. Está escrito em sardo mesmo, em logudorês³. Vamos, leia...

Tremendo, Bellia pegou o documento. Era uma folha de papel amarelado, grossíssimo, decorada com arabescos dourados. Em um canto havia o selo do pai de Dona Maria Croce, com uma coroa de cavaleiro e um D., um E. e um M.

3 Logudoro é a região central da ilha da Sardenha. O sardo é uma língua românica próxima ao latim, com influências de fenício, do etrusco, de outras línguas do oriente próximo e do basco. O logudorês (em italiano, *logudorese*) é uma das variantes da língua sarda, a menos influenciada por outras línguas como resultado do isolamento geográfico. Apresenta dois dialetos: o nuorês (*nuorese*, correspondente à região da cidade de Nuoro) e o logudorês do norte, da região da cidade de Ozieri.

entrelaçados em uma pequena espada, uma espécie de espadim antigo: tudo em ouro velho, um pouco desbotado pelo tempo.

O bizarro testamento estava mesmo escrito em logudorês com uma caligrafia antiga, grossa, insegura, mas ainda assim legível, e Bellia o leu em voz alta, destacando as sílabas, com a pronúncia que vacilava um pouco. Dizia assim:

*Deo, sutta-iscritta, Donna Maria Rughe M^{***}, viuda de Don Gavinu M^{***}, declaro de lasciare in testamentu a su nepode de sa fiza de Rosannedda R^{***}, fiza de Rosanna R^{***} e de su biadu de maridu meu, su tesoro cuadu sutta s'alveru pius mannu de su buscu de Santu Matteu, su primu chi si aghatat a deghe passos dae su riu; e chi andet a lu reguglire sa die 20 de maiu de s'annu 1878, poite si no non bi aghattat nudda, e chi preghet pro s'anima mea, e faghat narrer missas de suffragiu.*

*Donna Maria Rughe M^{***}, viuda de Don Gavinu M^{***} 4*

4 Nota inserida no texto pela própria autora, com a tradução do testamento ao idioma italiano, o qual aqui é traduzido, por sua vez, ao português:

*"Eu subscrita, Donna Maria Croce M^{***}, viúva de Dom Gavino M^{***}, declaro deixar em testamento ao neto de Rosannedda R^{***}, filha de Rosanna R^{***} e do defunto marido meu, o tesouro escondido sob a árvore maior do bosque de São Matteo, a primeira que está a dez passos do riacho, e que vá resgatá-lo no dia vinte de maio de 1878, porque de outra forma não encontrará nada; e que reze pela minha alma e que faça celebrar missas de sufrágio para mim.*

*Dona Maria Croce M^{***}, viúva de Dom Gavino M^{***}.*

Levaria tempo demais relatar todos os comentários e as tagarelices de Bellia e do pároco. Só para garantir, Bellia, no dia vinte de maio, voltou a São Matteo e vasculhou sob todas as árvores, mas não encontrou nada.

Para explicar o mistério diabólico, o pároco mandou o testamento a todos seus amigos literatos, sacerdotes e laicos, mas ninguém soube dizer nada.

Finalmente, o bizarro testamento chegou por acaso às mãos de um jovenzinho da aldeia, neto do velho Salvatore, que estudava no seminário de Nuoro e que, além de outros dotes, era um excelente calígrafo. E ele explicou o enigma. O último oito de 1878 do testamento não era realmente um oito, mas um três. As linhazinhas na frente tinham sido feitas de maneira a parecer um oito, então o velho pároco tinha-se enganado em cinco anos ao dar a notificação a Bellia!⁵

5 N.A. Este caso é contado, com algumas variações, também em Gallura, e parece ser que não esteja fundamentado só em lendas.

IN SARTU (NO REDIL)

O velho Nanneddu Fenu tinha um redil para os lados de Tresnuraghes, isto é, quase a duas horas de Nuoro, em um belo pasto onde a erva permanecia fresca até o mês de junho. A cada dois ou três dias, a mulher ou a filha, a simpática Manzèla¹, viajava a pé de Nuoro até o redil do velho Nanneddu para aproveitar um dia de sol e levar os mantimentos ao pastor ancião.

Bustianeddu, o caçulinha da família Fenu, um pequenote com o rosto negro-bronze, gracioso e maligno, com os olhos tão grandes que quase tocavam as orelhas e que todos, inclusive sua mãe, chamavam de Tilipirche,² era quase sempre o companheiro de viagem das duas mulheres. Só que ele ia a cavalo. Esse cavalo, que na verdade era uma eguinha só um pouco mais alta que Bustianeddu, estéril, velha, de longo pelo cinza e olhos cheios de uma profunda melancolia, era uma personagem

1 N.A. Apelido de Mariangela.

2 N.A. *Cavalletta, maschile* ou Gafanhoto macho.

importantíssima na casa dos Fenu. Chamava-se Telaporca³ e talvez do seu nome derivava o apelido de Bustianeddu.

O fato é que Telaporca e Tilipirche passavam quase toda a vida juntos. Todas as tardes ao escurecer e todas as manhãs ao clarear podia-se ver o pequeno pastor trotar alegremente sobre sua pensativa eguinha através das estradas e dos pastos desertos que de Nuoro conduzem a Tresnuraghes, ou nos caminhos íngremes e rochosos de Marreri, onde o velho Nanneddu descia com o rebanho na estação crua.

Desde que Tilipirche crescera, o velho Nanneddu já não saía do redil: era o pequenino que ia e vinha transportando os víveres de Nuoro ao redil e o leite, a ricota e os queijos do redil a Nuoro. A eguinha era naturalmente seu meio de transporte: tinha uma pequena sela de couro preto e madeira, antiquíssima, e o alforje tão cinza e gasto que podia ser confundido com seu pelo. Tilipirche cavalgava maravilhosamente e ia pelos caminhos apinhados de amoreiras-silvestres espinhosas e de lentiscos com os olhos fechados. Quando o alforje não estava pesado demais, o pequeno carregava na garupa ou na frente de Telaporca um bom feixe de lenha, ramos de zimbro ou *cottichina*, isto é, as raízes lenhosas do lentisco, e se não aguentava mais, levava para casa cinco ou seis ramos secos

3 N.A. *Cavalletta*, *femminile* ou Gafanhoto fêmea

de ginesta e de tomilho, que deixavam um aroma atrás dos passos lentos e cadenciados da bizarra cavalgadura.

A cada dois ou três dias, então, ou pelo menos uma vez por semana, ora a velha Ventura, ora a bela Manzèla viajavam ao redil para visitar Nanneddu — que, ao envelhecer, transformava-se em um verdadeiro javali — e para aproveitar o sol da planície.

Levavam a costura ou panos para lavar no riacho que, atravessando o pasto, estagnava em vários pontos, formando pequenos lagos verdes circundados por juncos e por erva-das-azeitonas fresquíssimas. Ultimamente, inclusive, a velha Ventura tinha-se apoderado de um pedacinho de terra permanentemente úmida e fincado uma enorme quantidade de batatas, depois uma sebe alta de tomates e de feijões, que cultivava com imensa paixão e cuidado.

Algumas vezes as duas mulheres ficavam no redil até para dormir: desde que desencantara a profissão de horticultora, a velha Ventura parecia hipnotizada e se passassem vários dias sem visitar o bendito lugar, parecia que ia morrer. Manzèla se chateava, gritava com ela dizendo que agora não fazia mais as tarefas da casa, com essa paixão, mas a velha Ventura a deixava desembuchar e voltava lá de qualquer jeito, para a sua próspera plantação. Um dia, a moça ameaçou arrancar

tudo; então a velha Ventura incumbiu Pedru⁴ Chessa — um outro pastor que trabalhava na grande pastagem compartilhada com o velho Nanneddu e que à noite se retirava para a mesma cabana — que se encarregasse de vigiar Manzèla quando lá fosse.

— Por que não o dizeis ao vosso marido? — perguntou Pedru Chessa.

— É claro! Ele faz tudo o que querem as crianças: caso veja Manzèla arrancando a minha horta, vai rir.

— Está bem! Vou cuidar disso. Se a vejo... o que devo fazer?

— Talvez dar-lhe um safanão, mas que Nanneddu não veja.

Em uma manhã de maio, Bustianeddu e Manzèla trotavam alegremente na direção do redil. Trotavam, modo

4 Ao longo deste conto aparecem indistintamente duas formas do nome do personagem Pietro Chessa, a saber: Pedru e Predu. Existe também a forma Petru. São todas versões em sardo do nome italiano "Pietro", o qual, por sua vez, corresponde a Pedro, em português.

de dizer, porque o único a trotar era Bustianeddu sobre sua eguinha.

O pequenino não tinha nenhum instinto cavalheiresco e por isso não cedia nunca seu lugar, nem às mulheres. Manzèla caminhava mais ligeira do que Telaporca e era capaz de atravessar toda a Sardenha a pé.

Avante, avante, pela estrada branquíssima, através das frescas planícies verdes cobertas de margaridas e de campânulas agrestes, sob o sol ardente, os dois garotos iam conversando e rindo. Manzèla tinha tirado os sapatos e mergulhava com prazer os pés nus entre a relva orvalhada, de vez em quando soltando um palavrão quando os espinhos dos cardos moles, que nasciam sob o feno, picavam suas pernas.

Nada de mais gozado do que Manzèla quando invocava o diabo ou fazia alguma careta de ressentimento. A moça era uma verdadeira filha do povinho de Nuoro, malcriada, de uma graça espontânea e de um fascínio bizarro. Dizia tudo o que passava pela cabeça, mentia com a máxima desenvoltura e aprontava até com os santos.

De resto era devotíssima, confessava-se com frequência e nos momentos de mau humor desejava ardentemente a morte. Os escapulários que levava no pescoço e a pequena medalha que o velho Nanneddu trouxera de Roma — sim, precisamente de Roma, daquela vez que tinha ido como testemunha no famoso

processo dos sardos, aquela que um padre lhe dera e que ele julgava ser a imagem do Papa — não a impediam de xingar a toda hora.

Manzèla tinha dezoito anos. Na verdade, ela, desde os dezesseis, tinha congelado sua idade alegando como prova os treze anos que Bustianeddu tinha, mas na realidade ela tinha dezoito. Era fininha e pequena, com os cabelos negros divididos no meio sobre a testa um pouco baixa. O sol e o ar tinham dado à sua pele aquela tonalidade quente, dourada e, digamos, quase loira das raças latinas fronteiriças à moura.

A família dos Fenu tinha a peculiaridade de ter os olhos grandes. Mazèla tinha olhos enormes. Dois estranhos olhos ligeiramente claros sem serem pardos, cheios de uma falsa ingenuidade e de uma despreocupação vaguíssima. Manzèla se valia de seus olhos o tempo todo, tornando-os doces, amedrontados ou atônitos, como queria. Sempre que estava irada os fechava um pouco, sabendo que então ficavam terríveis. Apesar de tudo, ela não era malvada: achava que fosse, mas não era, assim como não era desalmada, ainda que Bustianeddu repetisse isso a todo instante. Mesmo naquela manhã, conversando ao longo do caminho, o pequeno pastor repetiu a ela:

— Sua malvada!

Manzèla não pôde suportá-lo e espancou com um ramo de férula o dorso da eguinha, que se pôs a correr desembestada ao longo do estreito sendeiro relvado. Mas Bustianeddu

ficou firme e, quando pôde acalmar o bicho, voltou para trás rindo a plenos pulmões e esconjurou a irmã, chamando-a:

— Ferulazinha, Ferulazinha!

A garota desatou a correr decidida a atirar-lhe uma pedra, mas nesse momento apareceu um homem no verde de uma moita e parou-a, gritando:

— Ei, Manzèla, tu, por estas bandas? — Era Pietro Chessa que vinha, também ele, de Nuoro e que já seguia os dois jovens há mais de meia hora.

— Sim, por estas bandas! — respondeu Manzèla com uma careta. — Fazia tempo que não me vias por estas bandas!

— Sim, desde anteontem!

Proseguiram juntos pelo caminho. Temendo algum disparo da irmã, Bustanieddu ia sempre na frente e cantava em dialeto. Sua vozinha estridente, mas cadenciada, perdia-se na distância por entre as maquis que fechavam a planície, entre o zunido das moscas escondidas no feno alto, imóveis, ao sol. Pietro e Manzèla seguiam. A moça expunha ao jovem toda a malvadeza e as más ações de Bustianeddu: já não aguentava mais. No momento em que o pequenino caísse em suas garras, ela o esfolaria vivo. Mas Predu quase não a escutava. Com os olhos fixos no horizonte próximo, na altura em que imperam,

arruinados, os nuragues⁵ que dão nome àquelas pastagens — aquelas justo onde estava o redil, seu e do velho Nanneddu —, na linha do céu, de um azul tão profundo e escuro que parecia tristíssimo, Predru parecia imerso em um sonho.

Ele estava loucamente apaixonado por Manzèla. Desde que a velha Ventura pedira a ele que ficasse de olho na menina, não tinha um só momento de paz. A figurinha dela havia ficado impressa na retina de seus olhos e via-a por todas as partes, no verde sem fim da planície, no céu implacavelmente azul, de dia e à noite.

À noite, inclusive, sempre que o rebanho vagava pelas brenhas silenciosas enchendo a serenidade láctea da lua cheia com a música monótona das suas sinetas, Pedru, mudo e sonolento, era invadido por uma intensa melancolia. Vislumbrava Manzèla por todos os lados, entre os juncos cintilantes ao luar, na cabana, sobre os nuragues negros e na selva.

5 Nuraghe, em português "nurague" ou "nurago", é uma palavra sarda que designa um tipo de construção pré-histórica característica da Sardenha. É geralmente um edifício em forma de torre tronco-cônica para defesa, com porta em arco, construído com rochas sedimentárias ou vulcânicas sem o uso de argamassa cimentícia. Hoje ainda existem pelo menos 7000 nuragues, sendo mais comuns nas partes nordeste e centro-sul da ilha. O conto faz referência também à localidade de Tresnuraghes, que significa "Três nuragues".

Ele havia se apaixonado assim que a conheceu. Agora, no entanto, seu amor atingia a loucura; por pouco não explodia. Em seus planos, Predu tinha decidido explicar-se e pedir Manzèla em casamento. O que lhe faltava? Era um bom pastor, jovem, forte, bonito; possuía rebanhos e algum pasto, e podia construir uma casa sem temor nenhum. A menina era muito jovem e inexperiente, mas isto pouco importava. Poderiam esperar dois ou três anos para se casarem: o que importava era encontrar o amor. Naquela manhã Predu, vendo-se sozinho ao lado da moça, pensava e repensava sobre o modo como se explicar, mas nem uma palavra saía de seus lábios e o seu coração batia forte a ponto de se despedaçar embaixo o casaco de veludo.

Em alguns momentos, quando ela tagarelava falando mal de Bustianeddu, o jovem ficava tentado a interrompê-la gritando por cima o seu segredo, mas logo que abria a boca uma espécie de torpor ardente invadia sua cabeça, vendando seus olhos e quase fazendo-o cair.

Até que, no final, teve de se decidir. Na distância já aparecia a cabana e o abrigo de forragem seca onde os pastores faziam a sesta, e Bestianeddu, lançando ao ar o último trinado de sua canção, desatou a galope na direção do redil.

O sol já alto flamejava na planície, e Predu sentia o sangue serpentear, ardente, latejante, tortuoso, em chamas, inflamando o rosto e a cabeça.

Manzèla, ao contrário, puxando o lenço sobre os olhos, prosseguia tranquila, com a face dourada feito a de uma pequena Nossa Senhora latina do século 15. A luz intensa dos campos abertos produzia um reflexo claríssimo em seus olhos grandes, tornando-os quase cinzas e transparentes, e Predu, olhando-a intensamente, estava morto de vontade de tomá-la nos braços como a um pequeno cordeiro branco e amedrontado e cobri-la de beijos.

— Manzè —, disse ao final, estancando na sombra de uma colina que escondia a cabana e sob a qual se insinuava um pequeno sendeiro traçado na relva — Manzè, quero te dizer uma coisa.

Como ele havia ficado em silêncio ao longo de todo o caminho, a moça o olhou espantada e também parou na sombra.

Havia uma frescura encantada, lá debaixo. Dos rochedos sobrepostos nos montes choviam grandes cachos de amoras-silvestres verdejantes e de espinheiro-branco florido. As rosas-caninas, diáfanas, esfumadas em âmbar, exalavam uma fragrância aguda, e o riachinho, borbulhando, atravessava o sendeiro para depois desaparecer entre as férulas altas também floridas, das quais Manzèla ainda trazia na mão um ramo grosso e longo.

De repente Predu ficou pálido, branco como as flores da férula e dos espinheiros. A moça o olhou quase assustada, achando que se sentia mal.

— E agora, o que tu tens? — perguntou.

— Escuta — ele começou —, você ama alguém?

— Não... mas o que isso importa? — disse Manzèla, explodindo em uma gargalhada alta.

Sem que ele dissesse mais nada, ela já havia entendido aonde Predu queria chegar e ria... ria... ria porque nem sequer suspeitara dessa história, porque nunca passou por sua cabeça um provável amor entre ela e o jovem pastor. Ele deixou que risse e prosseguiu, revigorando-se pouco a pouco, ou melhor, aquecendo-se:

— Há um jovem que te quer bem e casaria contigo de bom grado... Isso se você acha que podes aceitá-lo, Manzèla...

— É você, não é? — ela perguntou francamente, olhando-o nos olhos e batendo nele em um ombro, de brincadeira, com a férula. Pietro se sobressaltou e uma faísca refulgiu em seus olhos negros.

Ah, então Manzèla o amava? Sim, de outro modo não se comportaria assim. Após tanta ansiedade e tantos temores, uma felicidade imensa tomava o coração de Predu, tão inesperada e luminosa a ponto de fazer com que perdesse o juízo e a noção de si mesmo.

Mas subitamente lançou um grito agudo que ressoou em toda a planície. O que teria sido? Uma coisa simplicíssima.

No ardor da alegria, Predu, quase involuntariamente, tentara abraçar Manzèla, mas a moça, que não queria isso, dando um passo atrás, bateu ferozmente no rosto dele com sua férula.

Um golpe, uma chicotada terrível, incrível, inclusive.

A pele morena do jovem tinha-se lacerado como se golpeada por uma lasca de pedra e sangrava.

A dor aguda da verdadeira ferida estava à vista. Predu achava que fosse morrer. Se tivesse sido outro que não Mazèla a fazer isso com ele, certamente teria corrido até a cabana para pegar o seu arcabuz ou a sua *leppa*. Mas com ela, o que poderia fazer? Uma vez passada a dor inicial, sem pronunciar uma palavra, inclinou-se sobre o riachinho e lavou a cara, depois tirou um lenço e enxugou o sangue que escorria manchando a barba, a camisa e o casaco.

Manzèla tremia, frenética: parecia ter cometido um delito. Agora era a sua vez de ficar branca como as flores da férula. De início esteve a ponto de fugir, mas depois, dado que Predu não se queixava, foi para perto dele murmurando mil desculpas.

— Deixe-me ver — disse, estendendo as mãos —, deixe-me ver. O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?

E queria examinar a ferida, mas Predu a empurrou sem dizer uma palavra. Enquanto Manzèla continuava a olhar para ele, torcendo as mãos de desespero, Bustianeddu chegou correndo, perguntando o que acontecera.

— Nada — respondeu Predu —, caí e me machuquei aqui... ao retornarem para a estrada, ele mostrou a ferida ao pequenino.

Manzèla os seguiu. Não ria mais, não sabia mais em que mundo estava. Ah, junto com o sangue, ela vira as lágrimas escorrerem dos olhos dele, dos pobres olhos de Predu Chessa!

... Então aconteceu uma coisa estranha. Desde aquele dia, Predu se tornou rabugento e selvagem como o velho Nanneddu. Já não ia a Nuoro, não falava, não cantava, já não ria.

E nem sonhava. Nas noites quentes e estreladas de junho, quando no ar imóvel da planície vaporizava o perfume das primeiras ceifas e das papoulas escarlates no feno que se dessecava, ele já não via Manzèla diante de si. O tilintar

do rebanho que pastava trazia só a recordação amarga e o lamento pelos sonhos extraviados.

Quando a moça ia ao redil, ele já nem a olhava. Ora, ela podia, quanto quisesse, arrancar toda a horta da velha Ventura: ele não se moveria do abrigo ou da cabana. Às vezes, inclusive, quando via aparecer o lenço escuro ou o corselete vermelho da moça, ele ia para longe, para lá dos nuragues, e desaparecia atrás das moitas como um bandido.

Contudo, Manzèla agora estava cheia de gentilezas para com ele. Chamava-o de “compadre Predu” e perguntava sobre ele a Bustianeddu todos os dias. Agora, ia com mais frequência ao redil e envolvia-se em tudo. Ficava dentro da cabana sempre que Predu preparava o queijo, ajudava a afogear as pedras que serviam para coagular o leite e não deixava escapar nenhuma ocasião de lembrá-lo sobre a aventura da férula. Mas ele, calado, sempre calado. Deixava com que ela fizesse, não respondia nada, não fazia nenhuma observação, não dava sequer uma olhadela.

O que estava acontecendo entre aqueles dois seres bizarros?

Nada de maravilhoso, ou melhor dizendo, sim, uma coisa maravilhosa, um drama íntimo e interessantíssimo.

Manzèla amava Predu perdidamente, e Predu não a amava mais. Manzèla fazia-lhe a corte, mas ele não ligava,

ao contrário, experimentava um desgosto infinito e um acre prazer, o prazer da vingança. Ah, ela tinha açotado seu rosto... sim, estava muito bem, estava em seu direito de moça honesta, mas agora ele fustigaria o coração dela, faria com que sangrasse como ela fizera sangrar o seu rosto.

Estava esperando a ocasião propícia.

No meio-tempo, Manzèla se consumia de paixão e de remorso.

Aquelas lágrimas que vira escorrer na fronte do forte pastor — que provavelmente não chorara nenhuma outra vez em toda a sua vida — voltavam à sua mente a cada minuto. A cena dolorosa se repetia quase todas as noites em seus sonhos.

Tornou-se mais devota do que nunca e rezava sempre, peregrinando pelas igrejas de Valverde e do Monte para pedir à doce Senhora do Céu a paz para sua pobre alma.

Mas a paz não retornava, não retornava mais. O sorriso tinha-se apagado em seu belo rosto dourado, que na lividez da tristeza se tornava quase feio, com nuances terrosos e cadavéricos. Seus olhos tinham enegrecido, ofuscados por um véu de melancolia misteriosa.

Todos percebiam a mudança. A velha Ventura jurava que Manzèla estava enfeitiçada. À força de escutar repetirem isso, a menina acreditou também, e tiveram que se sujeitar à cura para essa singular doença.

A poção medicinal estava a cargo da velha Peppa Frunza, a curandeira das redondezas. Antes, mediu Manzèla no comprimento e na largura. A partir dessa medição ficou evidente que a moça estava enfeitiçada há três meses. A velha Peppa, então, acendeu o fogo, jogando nele o fio com o qual tinha medido Manzèla, alecrim, plumas de coruja e tantos outros ingredientes milagrosos. Depois, os borrifou sobre a enferma por três vezes enquanto recitava rezas misteriosas.

Essa cura especial foi repetida várias vezes, até que pareceu à velha Peppa que Manzèla tivesse sarado. Mas quê! A moça estava e continuou apaixonada por Predu. Andava como uma louca e não encontrava a calma em nenhum lugar, só lá, lá em Trenuraghes, no ardor do sol que se alastrava pelo feno alourado, entre as férulas secas, os cardos e as searas que cintilavam, dourados.

Lá estava Predu, que não ria nem cantava jamais, que tinha deixado crescer a barba, que estava mais bonito do que nunca com as sobrancelhas franzidas e os lábios fechados.

Até o velho Nanneddu percebia a loucura de Manzèla. Mesmo que a amasse ternamente, com toda o carinho de seu caráter fechado e selvagem, ressentia-se de sua conduta. Mas o que fazer? Proibi-la de ir ao redil? Não, porque nem ele poderia ficar sequer dois dias sem vê-la.

Com muito pensar e repensar, decidiu mudar de pasto e deixar a Predu, mediante remuneração, todos os pastos de Tresnuraghes. Fez isto às escondidas. Quando tudo ficou acertado, disse a Manzèla em uma tarde de agosto:

— Diga à tua mãe que amanhã movo o rebanho para as montanhas.

— Predu também? — perguntou ela, com ansiedade.

— Não, ele fica aqui todo o outono...

Ela não disse nada. No desespero que a atingiu tomou a grande decisão de ir procurar o jovem.

Não o encontrava em nenhum lugar. Na imensa calma ardente da tarde, parecia que toda a planície dormia. As ovelhas ressonavam na sombra das maquis, e o limite da paisagem se esfumava em linhas quase amarelas confundidas com o horizonte de um azul acinzentado e esvaído.

Depois de muito andar, Manzèla viu Predu ao longe. Na luminosidade do sol, parecia uma manchinha negra e longínqua, mas logo a menina o alcançou. Tremia como uma folha: o calor, a corrida e a emoção enrubesceram sua face e seus lábios. Assim, com os olhos assustados, os cabelos desgrenhados sob o lenço que, solto, escorregava de sua cabeça, Manzèla voltava a estar bonita como poucos meses antes, mais bonita ainda, tanto que Predu se surpreendeu ao olhá-la.

— Pois bem — perguntou —, por que estás correndo assim feito louca? O que há?

— É verdade que meu pai vai embora e você vai ficar aqui? — perguntou ela, ofegante.

E ele, frio:

— Parece que sim!

— E então... você vai embora... sem me dizer quem era o jovem que...

Ele não a deixou prosseguir. Com uma explosão de ira, de paixão e de ódio na voz, gritou:

— Era eu!

Manzèla ficou aniquilada. Agora perdia toda a esperança, agora via claramente que Predu a odiava à morte. Ah, não aguentava mais, não aguentava mais! E deixando-se cair sobre uma pedra sob o sol incendiado de agosto, desatou a chorar.

Pred�, vendo a cena, mudou de cor e provou uma sensação que por certo não era aquela que esperara de sua vingança. Todo o sangue afluiu à sua face; mesmo assim, diante do rompante de dor da menina, não encontrou mais do que uma pergunta estúpida:

— Que diabos você tem, Manzèla?

Mas ela não respondeu. Predu se afastou rapidamente e logo se transformou de novo em uma mancha preta dissipada na lonjura, no clarão da planície silenciosa.

Manzèla continuou a chorar sua desventura e seu amor desesperado, mas quando — cansada de chorar — voltou para a cabana, o velho Nanneddu a levou a um canto, sob o alpendre da forragem, e disse:

— Manzè, Predu Chessa quer se casar com você!

O PAI

De pé sobre um talude gramado, quase sobre a borda da estrada, Jorgj Preda, apelidado de Lagartixa, esperava há mais de quinze minutos sua pequena namorada Nania, a filha do vigilante.

Eram namorados há umas três semanas, isto é, conheciam-se há pouco tempo. Nania passava na estrada todos os dias, perto das duas horas, para ir ao riacho e buscar água para a casa do vigia. Jorgj sempre a esperava sobre o talude fingindo cuidar das ovelhas, que àquela hora repousavam entre os arbustos sob o bosque de sobreiros.

Logo que Nania aparecia na brancura desolada da estrada, Jorgj descia de seu observatório e caminhava para a sombra atrás do talude onde Nania, com a longa ânfora florida, que parecia uma ânfora etrusca, na cabeça, dirigia-se até ele, cheia de amor e medo.

Porque, com certeza, se o pai a descobrisse namorando com Jorgj, quebraria suas costelas. Àquela hora, o velho Gavinu Faldedda tirava a sua costumeira soneca ou dedicava-se

a cultivar o pedacinho de terra junto à casa, mas ainda assim não era de se confiar.

Os dois jovens conversavam por cinco ou seis minutos devorando-se com os olhos, mas sem se tocar nem na ponta dos dedos; depois Nania prosseguia pensativa, e Jorgj se metia no bosque, suspirando com angústia.

Ele se sentia, certamente, altaneiro e feliz de ter uma namorada só sua, lá, longe do povoado, em completa solidão, mas a sua felicidade não era completa de jeito nenhum.

Antes de mais nada, havia aquele suplício do velho Gavinu — que não pensava de jeito nenhum em casar Nania com um moleque feito Jorgj —, e também... tantos outros poréns... enfim. Por sua vez, Jorgj, à espera do recrutamento e de outras mazelas, ficaria contente em conseguir pelo menos um beijo de Nania, mas isto era o pior, era aquilo que mais o fazia suspirar. A pequena não tinha nenhuma intenção de beijá-lo, e ele não ousava tocá-la nem na barra da saia. Naquele dia, porém, Jorgj Preda estava decidido a abraçá-la inteira e a lhe dizer: “Se os namorados não se beijam, quem irá se beijar?”

Mas justamente naquele dia, Nania não aparecia.

Sempre em pé sobre o talude, Jorgj começava a ficar inquieto porque, pela sombra projetada na terra pelo longo bastão que tinha em mãos, ele percebia que já eram mais de duas horas da tarde.

Jorgj Preda, a quem chamavam vulgarmente de Lagartixa, era de Bitti e podia ter uns dezenove anos.

Cuidava, junto com um outro pastor de Nuoro, das ovelhas de um rico proprietário também de Nuoro. As paragens onde estavam pastoreando se estendiam até perto de uma casa de vigia da estrada de Bitti.

Podia-se dizer que Jorgj era um moço bonito — ele se achava um homem maduro —, alto e musculoso ainda que esguio, com cabelo pretíssimo e com o perfil perfeito; um daqueles perfis escultóricos da melhor escola grega, como são encontrados somente para os lados de Bitti e de Orune. Mas tinha a pele enegrecida e endurecida demais em razão do sol e do frio, e a doce linha de sua belíssima boca, de lábios finos e dentes esmaltados, não atenuava a dureza de seus olhos negros, enevoados e quase tétricos.

Criado em Nuoro, Jorgj falava o dialeto nuorês com uma longínqua reminiscência de sua pronúncia nativa, mas conservava a vestimenta de sua cidade, quase toda

preta, com calças estreitas brancas de *orbace*¹, um pouco rasgadas e sujas.

Desde que descobrira a casa do vigia e enamorara-se da pequena filha do velho Gavinu, Jorgj Lagartixa lavava o rosto e as mãos e procurava se limpar, mas apesar do esforço continuava negro feito o demônio, e suas botas e a sua boina sempre exalavam um perfume pastoral pouco voluptuoso.

E Nania ainda não aparecera. Mil pensamentos ruins agitavam o espírito inquieto do jovem pastor, tornando-se mais dolorosos à medida que a sombra do bastão se encompridava sobre a grama fresca do talude.

Jorgj, com os olhos semicerrados, continuava fincado lá em cima olhando fixamente a ponta da estrada, mas nenhuma alma humana passava pelo imenso espaço de campo em torno.

No doce meio do dia de abril, os bosques de sobreiros que cobrem a planície selvagem, intrincados de estevas, de medronheiros e de abrunheiros, tranquilos e silenciosos,

1 Tecido típico sardo feito de lã artesanal e muito grosso.

tinham nas folhas frescas como que o reflexo de céu de um azul perolado e se estendiam assim a perder de vista até o horizonte fugaz, encerrado pelas montanhas longínquas de um azul mais escuro e vaporoso. Do lugar onde estava Jorgj via-se somente o teto da casa do vigia, de cuja chaminé subia uma longa espiral de fumaça diáfana. Não se avistava de modo algum a cabana dos pastores, que ficava mais longe, no interior cerrado do bosque.

A estrada serpenteava pela planície entre os arvoredos como o leito de um rio evaporado pelo sol, e a erva, ainda alta e bonita, crescia nas beiras porque o rebanho, que tinha tanto pasto no interior da planície, não avançava até lá.

Nania não vinha, Nania não chegava mais. Os olhos de Jorgj, que pouco antes resplandeciam de um modo inusitado ao pensamento do beijo que teria dado, querendo ou não, em sua pequena namorada, estavam se obscurecendo cada vez mais e quase se enevoavam de lágrimas. Ah, meu

São Jorge², deve ter acontecido alguma coisa. Talvez Nania estivesse doente, talvez o velho Gavinu tivesse farejado alguma coisa e decidiu não a deixar mais sair para buscar água, talvez... Jorgj disponibilizava-se a deixar o seu posto de espera e ir até a casa do vigia com algum pretexto, como sempre ia, quando ouviu o galope de dois cavalos e viu passar, envoltos em uma ligeira nuvem de poeira, dois belos senhores a cavalo que nem se dignaram a olhá-lo.

Ele, que sempre via tanta gente atravessar a estrada, também não prestou lá muita atenção neles, desceu do talude e foi em direção à casa. Mas na metade do caminho parou, estremeceu. A visão da longa ânfora florida que ele conhecia tão bem fez com que seu coração batesse violentamente, mas por pouco tempo. Não era Nania que o trazia sobre a cabeça, não era Nania que avançava na triste brancura da estrada com o lenço amarelo caído sobre as costas e fulgurante ao sol. Era a pequena irmãzinha, Rosa.

— Por que vais tu buscar água hoje? — gritou Jorgj, quase zangado.

Ao invés de lhe responder, Rosa, uma pestinha da pior espécie, assim que o reconheceu começou a gritar, para chateá-lo:

2 O personagem Jorgj, cujo nome que corresponde a Jorge em português e a Giorgio em italiano, faz aqui um apelo a seu santo padroeiro.

*Lagartixa, lagartixa,
Tua mãe está por aí,
Teu pai está moribundo,
Lagartixa, vai embora...*

Mas ele não deu bola e repetiu a pergunta, menos duramente, chegando perto da pequenina.

Rosa, temendo que batesse nela, mostrou então um belo sorriso e respondeu:

— Porque Nania está trabalhando.

— E o que está fazendo?

— Está trabalhando porque vêm o empresário e o engenheiro. Não os viste passar?

— Ah, eram aqueles dois senhores? Eles vêm com muita frequência?

— Mais ou menos! Às vezes mais, às vezes menos. Por que isso te interessa?

Jorgj considerou acompanhar a pequena até o riacho para saber alguma coisa mais sobre aqueles senhores que já o deixavam com ciúme e com inveja, por não ter visto Nania naquela tarde. Passando perto do talude, mostrou as ovelhas a Rosa, dizendo:

— Você quer um carneirinho, um carneirinho branco como um dente de cachorro?

Rosa achou que ele estava zombando dela e, para vingar-se, repetiu a quadrinha da lagartixa, cantando toda ela em uma mistura dos dialetos nuorês, campidanês e ozierês, mas Jorgj repetiu tão seriamente a proposta que conseguiu, então, muitos detalhes sobre os “dois senhores”.

O empresário era de Nuoro e o engenheiro, aquele com a barba loira, do continente.

Este último, Rosa conhecia há muito, muito tempo. Cada vez que vinha à casa do vigia, dava um bom dinheiro a Nania, do qual uma parte ela dava ao pai e a outra escondia dentro de um saquinho sob o colchão; e a ela, Rosa, não dava nunca nada, nunca... Por isso, não podia nem o ver.

— Como se chama? Perguntou Jorgj, fazendo uma careta muito significativa.

— Sr. Guglielmo...

— Ficam para dormir?

— Sim.

De golpe, Jorgj largou a pequena e foi embora, com o rosto sombrio.

— Lagartixa — gritou Rosa —, e o carneirinho? E o carneirinho?

Ele não respondeu e logo desapareceu no bosque. Um terrível ciúme o atormentava. Voltou ao redil, mas estava com tal mau humor que discutiu com o velho Concafrisca,

o outro pastor, e quase se pegaram a tapas. Sumiu de novo no bosque, arrastando a sua tristeza pelo matagal de estevas com cheiro de rosas no doce pôr do sol. Não foi capaz de fazer nada durante toda a tarde.

Ao anoitecer, chegou perto da casa do vigia, mas não teve coragem de entrar. Por uma boa hora, girou ao redor como uma alma danada, mas só na noite alta pôde se deitar.

Não obstante a chaminé ainda levantasse um rastro sutil de fumaça, etérea na vaporosidade da fresca noite de abril, a porta estava fechada, fechadas as janelas e um grande silêncio reinava ao redor. Da janela do quarto do engenheiro, no térreo, escapava a luz do lampião, que desenhava um quadrado luminoso sobre a estrada.

Jorgj se aproximou e viu, através dos vidros, o senhor da barba loira, aquele que Rosa dissera ser o engenheiro, em mangas de camisa.

Provavelmente se preparava para ir para a cama. Era alto e magro, loiro e com os olhos pequenos dos quais não se distinguia a cor, estreitos nos cantos de modo bizarro, transmitindo uma expressão simpática a toda sua fisionomia. Um homem bonito, ao final, que podia ser velho, não saberia dizer bem.

Jorgj o devorava com os olhos, no momento em que viu Nania entrar. Um tremor agitou todo o seu corpo e,

instintivamente, deu um salto de cobra para trás para não ser visto pela menina.

Nania era uma menina pequena, fininha e triste. Em seu rostinho de quinze anos pairava sempre uma seriedade quase trágica, e a lividez fosca de sua pele delicadíssima era acentuada pela cor acinzentada de seus cabelos loiros. Um esplendor de cabelos crespos, tão volumosos que deviam pesar na sua pequena cabeça liliácea de menina crescida antes do tempo. De fato, ela era, há três ou quatro anos, depois da morte da mãe, gestora da casa do vigia.

Fazia de tudo, ajudada mal e mal por Rosa, e não perdia um minuto de tempo. Somente de três semanas para cá parecia distraída, descuidava de seus afazeres domésticos e levava uma boa hora para ir ao riacho. Em alguns momentos era invadida por ataques de louca alegria e às vezes esvaía-se em lágrimas, e o velho Gavinu percebia essa mudança, mas não dizia nada e não conseguia adivinhar a causa.

Da estrada, Jorgj Preda, tremendo e taciturno, fixava o olhar cintilante através dos vidros, intimamente vencido também por um doce sentimento de ternura e de paixão ao rever a pequena e frágil juvenzinha que o tinha enfeitiçado e por quem teria dado um tiro de arcabuz talvez até no rei.

Nania vestia um traje típico de Ozieri, de onde o velho Gavinu Faldedda era nativo, mas conservava o lenço caído

como as de Campidano. O corselete, de brocado muito puído, era amarrado na frente com um cordão vermelho multiplamente cruzado, e também a blusa era sem as mangas soltas ao estilo das batinas, mas abotoadas nos pulsos.

A saia e o avental eram simplicíssimos, de chita escura, e Nania não usava outro ornamento a não ser um pequeno colar de coral em torno do sutil colo delicado. Estava descalça, sem nada sobre a cabeça e levava um jarro de água para o quarto do engenheiro.

Jorgj viu sua namorada sorrir para o belo senhor, e este envolvê-la inteira com um olhar e um sorriso amorosos. Graciosa e esbelta, Nania colocou o jarro em um canto e depois chegou perto do engenheiro. Conversavam. Do lugar onde Jorgj estava, não escutava nada e, além do mais, foi tomado por vertigens espasmódicas de cólera e de ciúme. Ah, não havia dúvida, não havia dúvida... Nania o traía, Nania gostava dos senhores bonitos, limpos e ricos.

Todo o sangue afluía ao rosto de Jorgj e suas têmeoras martelavam. Se estivesse com o arcabuz, teria disparado através do vidro, matando aquele senhor que vinha para roubar a sua vida.

De repente, empalideceu e deu um segundo sobressalto, mais serpenteante e estremeedor do que o primeiro.

Ah, o que ele estava vendo!... Achou que fosse enlouquecer e nunca mais esqueceu a sensação provada naquele instante.

O engenheiro, depois de muitos sorrisos e muitas palavras, pegou a cabecinha de Nania entre suas mãos, entre as suas longas mãos de um candor e de uma delicadeza femininas, e cobriu-a de beijos. Depois a abraçou, mantendo-a longamente junto ao peito, a menina que sorria e chorava, tudo ao mesmo tempo. Jorgj gemeu na estrada. O engenheiro deve ter escutado alguma coisa, porque largou Nania bruscamente e chegou junto ao vidro. Jorgj teve o sangue frio de se esconder junto ao muro e não foi visto. Ele, porém, viu o quadrado de luz desaparecer da estrada e percebeu que os postigos da janela tinham sido fechados.

Então foi tomado por uma raiva imensa e por uma grande covardia, e esteve a ponto de bater na porta da casa do vigia para dizer ao velho Gavinu: "Olhai o que acontece, olhai!" Mas não fez isso. Em vez disso, tomou a decisão de massacrar o engenheiro, e quase totalmente acalmado com esta ideia, afastou-se, enquanto estranhos soluços secos, dolorosos, contorciam sua garganta...

Ao amanhecer, Jorgj Preda, emboscado atrás das moitas a quinze minutos de distância da casa do vigia, armado com o arcabuz do velho Concafrisca, esperava pela passagem do engenheiro para fuzilá-lo com um só tiro. Rosa tinha dito, na tarde anterior, que os dois senhores teriam prosseguido no dia seguinte para a outra casa de vigia, então deviam passar por ali, e ele esperava... com a feroz decisão na cara horrendamente perturbada e nos olhos mais tetricos e enevoados do que nunca. No alvorecer fresco de abril, um mágico encantamento de vaga luminosidade e perfumes inundavam o campo; o horizonte do bosque se esfumava no oriente dourado; e nas matas luzentes pelo orvalho, os picanços cantavam com vivacidade, mas Jorgj Preda prestava atenção em tudo, menos na idílica poesia matutina.

De sua moita, controlava um bom pedaço de estrada e via a ponte sob a qual escorria um filete de água descolorida, absorvida por altos juncos e pelo asfódelo que começava a florir.

E recordava os sonhos tidos tantas vezes sentado na beirada da ponte, as canções cantadas a voz altíssima para serem escutadas por Nania na lonjura acompanhadas pelo sussurro dos sobreiros e pelo tilintar das ovelhas que todas as noites vinham matar a sede naquele lugar, já que Jorgj respeitava o outro riacho como se fosse sagrado, pois provia água para a casa do vigia.

Às vezes, o espírito do jovem pastor era conquistado pela ternura das lembranças, e então pensava em se afastar, perguntando a si mesmo se tudo não tivesse sido um sonho ruim, mas a sensação da realidade logo o retomava, então não se movia.

Mas os aguardados não passavam. Cada minuto parecia um século, alguma outra pessoa poderia passar por ali e descobri-lo. Tinha medo, temia até errar o tiro.

Ei-los, finalmente! O sol estava a ponto de despontar na extremidade luzente do bosque no momento que Jorgj avistou os cavalos e escutou a voz detestável de seu rival. Através das moitas intrincadas de seu esconderijo, com os olhos aguçados como os de um falcão, esbugalhados e ávidos, focou no engenheiro para examiná-lo melhor do que na noite anterior. Um sorriso amargo contraiu seus lábios finos e bonitos, esbranquiçados e enrugados pelo desespero daquela noite infernal.

Ah, aquele senhor era belo e gentil. O que contava ele, Jorgj Preda, o Lagartixa, com sua cara negra e com seus trapos, o que contava ele em comparação com aquele senhor branco

e loiro, assim tão bem vestido e elegante? Nania, magra e dengosa como uma senhora, tinha razão em preferi-lo; mas então por que, se gostava de senhores, por que o enfeitiçara, dizendo-lhe que o queria bem e que o esperaria para marido?

A ponto de assassinar um homem, Jorgj Preda sentia uma vontade espasmódica de chorar. Os senhores se aproximavam. Jorgj recordou Nania, sua pequena Nania, a quem adorava tanto quanto à Nossa Senhora dos Milagres, nos braços do engenheiro e levantou o arcabuz antigo do velho Concafrisca.

Passando sob sua mira, o engenheiro, que certamente não pensava no terrível perigo iminente, levantou a cabeça, tirou o chapéu campestre branco e apoiou-o um pouco sobre o arção da sela, e um momento depois sorriu, sempre conversando com o companheiro, com o rosto voltado para o mato onde estava Jorgj. Parecia detectá-lo. O sol despontou. Sua primeira luminosidade, de um amarelo rosáceo, inundou a estrada e as figuras dos dois cavaleiros.

Jorgj não disparou. Deixou o seu rival passar são e salvo.

Ele tinha olhado nos olhos e contemplado o sorriso do engenheiro, e um estranho pensamento, girando de repente em sua mente perturbada, freara sua mão.

Às duas, apoiado em seu longo bastão — seu cajado de pastor —, de pé como no dia anterior sobre o talude cheio de relva e de margaridas, espreitava a chegada de Nania. De manhã, tendo viajado a Nuoro com o “rendimento”, isto é, com o queijo fresco, a ricota e o leite, Jorgj tinha-se trocado e agora, na brancura opaca de sua camisa e com o rosto empalidecido pelas terríveis emoções sofridas, parecia quase branco. O sofrimento e a insônia tinham-lhe afinado os traços, tanto que Nania, logo que foram para a sombra do talude, disse:

— Mas por que estás assim bonito hoje?

A pequena menina possuía uma voz doce e triste, tornada ainda mais fascinante pela sua pronúncia natural de Logudoro.

Jorgj, com os olhos sombrios, de entrada não respondeu, e ela o encarou fixamente, quase querendo penetrar em sua alma.

— És mais bonita tu... — respondeu com voz irada. E pegando de mau jeito a ânfora, pôs no chão, dizendo: — Hoje temos que conversar longamente, Nani...

Ela teve medo e olhou-o assustada. Com seu grande lenço cor de ouro estampado com flores estendido como um manto sobre as costas, Jorgj a achou tão bonita que se abrandou subitamente e ficou estático olhando para ela. Parecia uma daquelas figuras sacras pintadas sobre um fundo de tapeçaria mourisca que são admiradas em algumas telas

italianas do século 15, e Jorgj, pensando nas belezas morenas das moças que até agora tinha conhecido, convencia-se de sua suspeita.

— Senta-te — fazendo com que se sentasse sobre uma pedra — e conversemos.

— Não fico, não fico mesmo... — disse ela, tremendo.
— Meu pai...

— Teu pai está longe e ninguém nos verá. E mesmo que nos virem, que mal há?... Não podemos ser amigos, conhecidos?...

— Meu Deus, meu Deus, não posso...

Na verdade, Nania tinha um enorme prazer com a ideia de ficar por um bom tempo sentada junto a Jorgj, mas mesmo com um grande medo, não se movia.

— O que tu tens hoje? — perguntou, tremendo. — O que foi? Talvez estejas irritado porque não vim ontem? Sabes, tinha um empresário, tinha um engenheiro, e tive que trabalhar muito. Não tem ninguém mais na casa do vigia.

Calou-se, com os olhos perdidos em um pensamento triste e doloroso, e Jorgj, vendo-a empalidecer ainda mais, sem dúvida por causa da lembrança do engenheiro, estremeceu e se afastou um pouco.

Ele olhava sem parar o rosto da menina, e uma grande escuridão atingia sua alma. Não havia dúvidas, não. Nania o traía, e o engenheiro era seu amante.

— O que tens, o que tens? — ela repetiu.

— O que eu tenho? — gritou Jorgj, agitando os braços como louco. — Tu sabes melhor do que eu o que eu tenho...

— Eu não sei nada! Estás enlouquecendo?

— Sim, acho que vou ficar louco. Nania, escuta, tu és pequena, mas és maligna comigo. No entanto, não continuarás a rir de mim, não continuarás. Tu me tomaste por um moleque, mas não sou, não. Sou somente um pobre coitado, mas tu não deves rir-te de mim porque eu te farei pagar caro por este jogo, Nani, escutas, Nani?

Nania o olhava atônita e não encontrou o que responder ao seu acesso de cólera.

— Não respondes? — gritou Jorgj.

— Fala baixo... — disse a moça, levantando e prestando atenção. — Se o meu pai nos escuta...

— E que me importa? — Já não tenho mais nada a ver contigo...

— Mas o que tens, o que te contaram? — perguntou ela, com desespero.

— Nada, não me contaram nada, eu vi com estes olhos, vi ontem à à noite. Deixastes a janela aberta, minha bela. E

esta manhã, quase foi fuzilado entre o nariz e a boca, o teu belo senhor.

Não fiz isto porque me veio à cabeça uma ideia louca. Eu o vi sorrir e achei que se parecesse contigo, e pensei, olha que loucura, pensei: talvez seja o pai dela... Agora me dou conta de que era uma loucura. Que pai, que nada! Teu pai é o velho Gavinu, que o diabo o carregue, e tu és... tu és... — concluiu Jorgj, engolindo um terrível insulto — tu és a amante do engenheiro.

Todas as cores do arco-íris passavam pelo rosto ressentido de Nania. O coração, seu pequeno coração apaixonado parecia querer arrebentar o brocado desgastado de seu velho corselete, e grandes lágrimas brilhavam em seus olhos. Não procurou negar, nem falar. Com um imenso medo infantil, temendo que Jorgj batesse nela, pensou em escapar e fugiu com um movimento tão repentino, que o jovem custou a alcançá-la na estrada.

— Nania —, exclamou, sorrindo de seu malogro e segurando-a pelo braço — não achava que fosses tão má... Por que foges? Achas que vou te matar, talvez?...

Ela também não pôde deixar de sorrir, o lenço havia caído da cabeça e o sol inundava toda a sua cabecinha loira.

Jorgj soltou uma exclamação de alegria e de estupor ao ver sua face sorridente e seus olhos azuis — de um azul esverdeado — perfeitamente similares aos do engenheiro.

— Nania, Nania, perdoa-me — disse, sorrindo e soluçando. — Vem, vem, façamos as pazes. Assim como Deus é verdadeiro, como é verdadeira a Nossa Senhora dos Milagres, eu não contarei nada a ninguém. Nunca direi nenhuma palavra a ninguém, nunca, nunca, jamais. Vem pegar a ânfora, vem, vem...

Tomou-a quase entre seus braços e a levou de volta à sombra. Nania parecia morta de tão pálida e imóvel, mas quando Jorgj disse:

— Quem acreditaria, quem poderia pensar... tua mãe...

— Nania se levantou com o rosto vermelho e com os olhos brilhantes de raiva e de pranto e gritou:

— Minha mãe está morta! Respeita-a porque era uma santa. O engenheiro me beijou e me abraçou porque eu sou a sua amante... Mata-me, então, Jorgj Preda, mata-me, mas não investigues minha mãe...

E caiu no chão, explodindo em choro. Com aquelas palavras, ela perdia tudo. Perdia o amor de Jorgj, a quem ela adorava com todo o entusiasmo de seus quinze anos, de seu primeiro amor, perdia seus sonhos e as suas doces esperanças, perdia a honra e talvez punha em perigo sua vida e a do

engenheiro, mas o que importava? A memória de sua mãe — cujo pecado era desconhecido de todos, e especialmente de Gavinu Faldedda, que ainda chorava por ela, adorando-a em suas lembranças — estava salva pelo sacrifício.

Mas Jorgj Preda tinha visto.

Por alguns instantes, permaneceu imóvel e silencioso olhando a pequena menina sentada na grama, que continuava a chorar. Seus soluços infantis, desesperados, perdiam-se no grande silêncio meridional e no imenso campo dormente, Jorgj não escutava outro rumor.

Esteve a ponto de fugir, sentindo-se vil e indigno diante da pequena Nania, mas naturalmente não pôde mover um dedo. Ao contrário, recordou-se de todas as lindas promessas que haviam trocado, lembrou dos sonhos de amor sonhados especialmente de noite enquanto o rebanho bebia sob a ponte, lá embaixo, entre o asfódelo e os oleandros, pensou que dentro de três anos estaria em condições de esposar Nania, e abaixou-se.

— Deixa-me em paz... — ela disse.

Mas Jorgj a levantou como uma pluma, tomou-a em seus braços e cobriu seu rosto de beijos, até que conseguiu acalmá-la e fazê-la sorrir.

MANCHAS

I

Amanhece. No céu azul-cinéreo de uma doçura triste e profunda curvado sobre a imensa paisagem silenciosa, divagam, em afagos, os largos meandros de um rosa palidíssimo, gradualmente esfumados no horizonte ainda escuro. Grandes desfiladeiros, sinuosos e uniformes, sucedem-se até onde alcança a vista, manchados com sombras, selvagens e desertos. Sequer uma choupana, uma árvore, uma ovelha, uma estrada.

Somente trilhas íngremes, muretas decrépitas cobertas de musgo amarelo, um regato de águas cinzentas estagnadas entre juncos de um verde escuro, desolado, e sarças baixas, extensas maquis de lentiscos cujas folhas refletem a luz cianina da alba. Atrás, nos morros castanhos ao norte, clareiam grandes despenhadeiros de granito cinza e a amurada de um cemitério.

A cruz preta desenhada contra o céu cada vez mais róseo domina os vales desertos: e parece o emblema da triste paisagem sem vida estendida, silenciosa, sob a abóbada do céu azul-cinéreo. Amanhece.

II

Sob o clarão ardente do meio-dia, a casa do vigia, branca com telhado vermelho, cala, dorme: as janelas verdes olham absortas para a estrada queimada pelo sol, e embaixo do beiral, de um turquesa lavado, caem franjas de sombra de um frescor indescritível. A estrada branquíssima, deserta, com montes de seixos rolados salpicando faíscas ao sol, serpenteia por uma vasta planície coberta de bosques de sobreiros.

Na lonjura, altas montanhas em picos velados pelos vapores azuis e ardentes encerram em círculo o horizonte inflamado. Sob a atmosfera estacionária, irrespirável, no esplendor cadente do céu metálico, os sobreiros-anões, luxuriantes, projetam curtas penumbras esverdeadas no solo árido e nas rochas tapizadas de boragíneas, fofas feito pelúcia. Uma menina está deitada justo sobre uma destas pedras, de costas, os braços e as pernas seminus.

A sua figura delgada e bem-feita se destaca do verde tenro daquele tapete natural, e as flores vermelhas do brocado de seu corselete um tanto puído dessangram na penumbra do bosque. No calor asfixiante do meio do dia, com as vestimentas consumidas e miseráveis, destoa-se maravilhosamente a pele da menina, de uma brancura fenomenal, ainda mais que sob o lenço amarelo se veem cabelos pretíssimos e, sob as pálpebras cansadas, dois olhos de um negro-acinzentado, foscos e impenetráveis. Quem é? Impossível saber: ela não faz o menor movimento no langor prostrado do calor e talvez sonhe, talvez durma, branca e silenciosa como a casa de vigia próxima sob o brilho ardente do meio-dia.

III

O sol se põe: da aldeia em festa chega um rumor confuso, vago e longínquo até o pequeno cômodo tranquilo da casa do camponês.

A janela está aberta sobre a sacada de tijolos crus onde tremula, com a brisa do anoitecer, uma pobre plantinha de manjerição que parece sorrir também ela, ainda que só e esquecida entre o júbilo dos casebres negros e do céu dourado. Oh, os luminosos horizontes! O vale verde circunda a aldeia,

e a vegetação em flor rescende e resplandece entre a névoa ígnea do sol que declina. Da pequena sacada de tijolos crus se abarca uma viela estreitíssima e outros chalés mínimos enegrecidos pelo tempo, com os tetos musgosos, ladeira que sobe até o velho solar espanhol, cuja fachada em estilo mourisco tem sua face encarnada a oeste, os baluartes decrépitos perdidos entre os esplendores do céu, como uma memória da triste dominação aragonesa à luz dos novos tempos. Na pequena casa mais próxima ao terraço, a portinha preta está fechada, mas do lado de fora está pendurada uma coroa de figos que estão dessecando e, sobre o parapeito da janelinha, um gato com o dorso tostado contempla solenemente a rua por onde passa somente uma pequena mulher em traje típico, do rosto cor de cobre, amarrando bem o corselete de pano e veludo violeta bordado. Dentro do pequeno recinto com a sacada, um jovem, também ele em vestimentas tradicionais, toma café. Apoiou a xicrinha verde sobre o duto da chaminé de uma velha lareira, e de pé, de costas para a janela, beberica a sua bebida predileta.

Está doente, mas em seu rosto louro palidíssimo, de convalescente, está estampado um íntimo deleite, um bem-estar de quem enfrenta de novo a vida, cheio de esperanças após uma longa enfermidade. A cama de madeira, com cobertas de percal e estampas em arabescos, baixa e dura, mas com

um aspecto tranquilo, típico, digamos, quase sonolento, as cadeiras cinzas, o tosco guarda-roupa vermelho, a caixa preta de madeira esculpida com estranhas flores e animais antediluvianos, a mesa coberta por uma toalha branca adornada com bandejas e xícaras, tudo sorri ao redor do jovem camponês convalescente na paz beata da pobreza feliz, na luminosidade do poente cor-de-rosa. No alto, nas paredes caiadas, uma inumerável fileira de quadradinhos em cores vivas cintila suavemente na nuvem de poeira dourada, e os velhos vidros da janela ardem como lâminas de ouro com o reflexo do sol que se põe.

IV

E cai a noite! Na igreja milagrosa, no famoso santuário onde a multidão imensa passou sem deixar nenhum traço, a penumbra se adensa, lívida, fria e cheia de mistério.

Ao fundo, dos janelões bizantinos chove um apurado alvor azul sobre o pavimento de mosaico de tijolos, cujo esmalte tem vagos reflexos de água estagnada: no alto, no altar branco, uma luminária de cristal vermelhão expande trêmulos clarões rubros que descem e sobem sobre flores pálidas, sobre candelabros dourados, sobre as coluninhas

dóricas de jaspe do nicho coberto por um panejamento céreo com variegado azul, damasco.

Soberbas tranças negras, inteiras negras, narradoras de romances e de dramas imensos ou piedosos, joias de ouro e de prata, estupendos membros de cera, mãos de virgens cristãs de uma suprema e mórbida suavidade e colos branquíssimos e elegantes como de vênus gregas pendem nas paredes amarelas e poeirentas. Aqui também encontramos uma menina, mas já não é a aldeã ao meio-dia no bosque. É uma senhora: vestida de branco, ajoelhada na escadaria do altar, a testa sobre a balaustrada, as mãos apertadas convulsivamente uma contra a outra no fervor da oração.

As pregas mórbidas de seu longo vestido de mangas altas como as da Rainha Margot¹ caem no pavimento com um abandono artístico de estátua e alvejam, suaves, na penumbra avermelhada do lume noturno.

O semblante pálido da mulher, os grandes olhos castanhos e profundos exprimem um desespero excruciante, avultado pela lúgubre melancolia do crepúsculo perecedouro. Oh, que graças pedem, aqueles olhos, ao santo milagroso escondido atrás da cortina damasco como um rei oriental?

1 Margarida de Valois (em francês: Marguerite, 1553-1615) foi uma princesa francesa que tornou-se rainha consorte de Navarra e depois também da França.

Eis, ela enfim se levanta e, saindo na esplanada, detém-se, imóvel, diante do parapeito voltado para o vale.

No céu tingido de açafrão e de esmeralda, elevam-se os montes negros e a lua desponta entre suas cristas denteadas. A areia da grande planície cintila aos primeiros raios da lua, e a aldeia perfila-se lá embaixo entre as agaves cinzas e os álamos prateados do vale, enquanto o santuário se sobressai no céu violáceo do norte, com dois grandes janelões bizantinos que parecem dois estranhos olhos de bronze esmaltados pelo reflexo do oriente esplandecido pela alvorada da lua.

Atrás, as terras noturnas, imensos campos férteis, vales escarpados nos quais fremente a torrente e montanhas sobre cujos cimos as lendas dominam, estendem-se vagas e indistintas como um sonho na luz vaporosa do último crepúsculo, e as solitárias vilas fortificadas repousam entre os lentiscos acinzentados da planície ou sobre os penhascos negros dos despenhadeiros alcantilados.

A menina branca olha para o norte, e grandes visões misteriosas, sonhos arcanos e profundos atravessam seus olhos pensativos perdidos na extrema distância; e o seu vulto pálido, o seu vestido marmóreo parecem de prata na nívea luminosidade da lua, cada vez mais branca e fúlgida na medida em que a noite cai.

V

Na noite alta de lua cheia, três cavaleiros passam a galope através do sendeiro das montanhas rochosas. Os canos de seus fuzis brilham ao luar, e os cavalos relinham no profundo silêncio da paisagem sublime.

Ao longe, as nuvens sobem do mar de madrepérola sutilmente pintado no extremo horizonte, sobem lentas no céu de ouropel da lua cheia, azuis e diáfanas sobre o fundo branco do infinito.

Nos cumes das montanhas rochosas, a neve desenha um perfil iridescente, fantasmagorias marmóreas e miniaturas douradas dignas dos versos de Heine, mas os carvalhos antigos estremecem ao vento tramontano que sussurra tétricas lendas e histórias sanguinárias assobiadas entre as gargantas escarpadas e as grutas de granito. O sendeiro escabroso atravessa, tortuoso, os despenhadeiros imensos e os penedos negros que assumem fantásticas formas de torres góticas em ruínas e de dólmens² cobertos de heras e de sarças, ficando mais perigoso e pitoresco com a luz noturna. Sob o bosque, os

2 Monumento tumular druidico pré-histórico formado por duas ou mais pedras fincadas no solo e com uma pedra encimada, nelas apoiada como uma viga horizontal. O nome deriva do Bretão *dol* (mesa) e *men* (pedra).

raios da lua chovem em feixes, com o esplendor de diamantes, projetando áureos arabescos e damasquinagens orientais sobre samambaias claras ondulantes ao vento: através dos carvalhos castanhos, o céu enluarado tem um aspecto tão encantado, com seus preciosos esplendores, que traz ao pensamento os céus impossíveis dos contos de fadas, e os ciclames, as velas-de-bruxa, as barbas-de-velho dos troncos impregnam o ar com um perfume forte de floresta tropical. Além dos três cavaleiros que atravessam o sendeiro, escuros, mudos, envoltos em seus capotes marrons com capuz em ponta como cavaleiros errantes da epopeia medieval, um pequeno pastor com seu rebanho povoa de repente a solidão infinita das montanhas. Sentado sob um penhasco, insensível ao vento que assobia na límpida noite de lua cheia, cuida das ovelhas que pastam na noite clara, atento ao seu tilintar monótono e melancólico, vibrante entre as ravinas relvadas e as pedras musgosas, entre as ericas selvagens e os troncos derrubados pelo temporal.

O pequeno pastor é feio, a face escura como o orbace da sua capa, mas em seus olhos acobreados, de um branco azulado e com a íris cheia de um langor profundo, espande um raio pensativo que é toda uma revelação: talvez o pequeno pastor seja um poeta e, no interior de sua mente virgem e selvagem como as montanhas rochosas sobre as quais

decorrem seus dias desertos, aprecia mais do que qualquer artista culto e refinado a poesia inefável, plena de fervor sobre-humano e espiritual, do silêncio azul da noite.

A tradução contou com a consultoria da Sra. Marilù Carcassi e da Sra. Edda Galzerino, originárias da província de Nuoro, na Sardenha, bem como do Sr. Giuliano Campus, responsável pela página www.sardegnaflora.it e do Sr. Antonio Deias, da instituição isresardegna.org. Nossos sinceros agradecimentos a essas gentis pessoas nativas da ilha da Sardenha, extremamente prestativas com suas contribuições valiosas e desinteressadas sobre a língua sarda.





Racconti sardi

Grazia Deledda

DI NOTTE

I

Potevano essere le undici quando la piccola Gabina si svegliò nel gran letto di legno della stanza di sopra, ove dormiva sempre con la sua mamma che le voleva tanto bene.

Ma quella notte la mamma non le stava allato. Perchè dunque non c'era? Per quanto Gabina stendesse le sue manine da tutte le parti del gran letto di legno non poteva trovare la sua mamma. Solo le lenzuola fredde come il vento, solo i guanciali di percalle rosso; null'altro!

Dove era dunque la mamma? Gabina si coricava e si levava sempre insieme a lei; mai s'era trovata sola in letto, così, nel gran letto freddo, nell'oscurità della notte spaventosa.

Quello era dunque un grande avvenimento per la piccina.
— Mamma... mamma... — chiamò con un fil di voce.

Ma nessuno rispose. Fuori urlava il rovaio e la pioggia si sbatteva fragorosamente contro i vetri della piccola finestra.

Senza di ciò Gabina si sarebbe forse riaddormentata, ma con quegli urli infernali, nella fonda oscurità della cameretta solitaria, le era assolutamente impossibile nonchè riprender sonno, calmarsi.

Temeva tutti i fantasmi immaginabili: la morte, i vampiri, il padre dei venti, le fate nere e l'orco, tutti... tutti...

— Mamma... mamma?... — ripeté a voce alta mettendosi a sedere sul letto — Mamma, mamma?...

Rimase così quasi un quarto d'ora, alzando sempre più la voce, abituandosi al buio e al fragore del vento.

E siccome la madre non rispondeva mai, Gabina pensò di vestirsi e scendere in cucina per cercarla. Veramente era la mamma a vestirla ogni mattina perchè a lei, così piccola, non riusciva ancora infilarsi il giubboncello nero dalle maniche strette; ma poco importava... purchè ritrovasse la gonnellina bastava. La lasciava sempre nella sedia ai pie' del letto: dunque bisognava scendere per ritrovarla.

Scendere?... Scendere all'oscuro, a piedi nudi, con quella notte, scendere da letto, sola?.. Ci voleva proprio un gran coraggio, e Gabina, che tremava forte di freddo e di paura, esitò a lungo. Ma rimanere a letto senza la mamma non le conveniva! Il vento urlava ognor più fragoroso; fra poco

sarebbe penetrato nella camera e avrebbe divorato la testa a Gabina... Dunque giù!

Scese e mandò un urlo. Il suo piedino aveva incontrato qualcosa di duro, di freddo, di deforme che certo non era il suolo di tavole levigate dal tempo...

Un rospo, un vampiro forse?

— Mamma mia... mamma mia!.. — gridò la piccina a squarciagola, cercando invano risalire sul letto; ma alla fine, visto che il vampiro non si muoveva e che la mamma continuava a non rispondere, si chinò e s'assicurò che quella era una scarpa vecchia uscita per caso da sotto il letto.

Un sorriso le sfiorò le labbra e quella prima avventura le infuse molto coraggio, sicchè, risoluta di non temer più nulla pei piedini, si avanzò appoggiandosi alla sponda del letto. Ma laggiù, non trovò punto la sedia con le sue vesti; cominciò a stizzirsi e a imprecare; perchè dovete sapere che non era un modello di educazione, e nominava con disinvoltura tutti i diavoli dell'inferno, come li udiva dal nonno, e dagli zii e un po' anche dalla mamma.

— Dove diavolo dunque stavano le sue vesti? Se le aveva prese il demonio? Alla galera la notte e chi l'aveva inventata!....

Ma le scordò un momento e ricominciò a tremare così forte che i dentini pareva volessero spezzarsele.

In un intervallo silenzioso del vento e della pioggia aveva sentito strani rumori salire dalla cucina e voci umane più tetre e spaventose dei gridi della procella.

Che avveniva in cucina? Dio mio, Dio mio, e la mamma sua? Cerano forse i ladri o i diavoli? E il nonno e i zii mancavano da tre giorni e non c'era nessuno che potesse difendere la mamma, la povera mamma sua!... La curiosità si unì alla paura, e Gabina si rimise a cercare le sue gonnelline, urtando nelle sedie, su tutti i poveri mobili della camera oscura. Riuscì finalmente a trovarle e le indossò a stento, ma quando tutto pareva fatto un altro ostacolo si interpose al disegno della piccina.

La porta che dava sulla scala era chiusa a chiave dal di fuori, per quanti sforzi facesse non poté aprirla, e il silenzio orrendo della mamma continuò quando si rimise a chiamarla, scuotendo la porta con fracasso.

Ritornò verso il letto, disperata, e nascosto il volto fra le coltri in disordine si mise a piangere, ma a un tratto si ricordò che nella stanza attigua v'era un poggiolo di pietre, d'onde, per una scaletta esterna si scendeva al cortile, e sotto cui si apriva appunto la vecchia porta della cucina.

La pioggia e il vento continuavano, ma Gabina era decisa a tutto: entrò nella camera vicina, aprì il poggiuolo e scese, sfidando l'acqua che veniva giù furiosa dal cielo basso di piombo, e il rovaio gelato che imperversava nella notte.

Tremava come una foglia, ma aveva completamente scordato i fantasmi e i vampiri. Un'angoscia indicibile le stringeva il cuoricino e un presentimento orribile, superiore alla sua età, le diceva che giù in cucina doveva accadere qualche cosa. Oh, quelle voci che aveva sentito!..

In un attimo fu sotto la scala, al coperto della pioggia, davanti alla porta della cucina. Anche questa era chiusa, ma Gabina non picchiò per farsela aprire, benchè vedesse il bagliore del fuoco acceso nel focolare, attraverso la grande fenditura che rigava dall'alto in basso la porta.

Si accoccolò per terra e applicò l'occhio sulla fenditura.

Non temeva più, ma non voleva punto entrare in cucina perchè la mamma l'avrebbe certamente picchiata.

Il nonno e gli zii — tre uomini alti, robusti, bruni, il cui costume consunto e sporco rivelava una misera esistenza di lavoro continuo e faticoso, i cui occhi cupi e profondi narravano la triste storia di anime ignoranti non avvilita dalla povertà, ma turbate da passioni tetre, ardenti e dolorose, — erano tornati e stavano seduti intorno al focolare.

La mamma di Gabina, Simona, giovane, bella, di quella strana bellezza araba che si incontra in molte donne sarde, e che ricorda i saraceni dominatori e devastatori dell'isola nel IX e X secolo, rimaneva un po' nell'ombra, seduta per terra, le mani incrociate sulle ginocchia, scalza e in maniche

di camicia, larghe maniche all'orientale, strette sui polsi e increspate negli omeri eleganti.

Mai Gabina aveva visto sua madre così pallida e cupa, sua madre che pure era sempre smorta e triste in viso, mai aveva visto i suoi occhi neri brillare stranamente così.

Sotto il fazzoletto nero calato sulla fronte il volto di Simona assumeva tinte cadaveriche, i lineamenti finissimi e immobili stirati da una tetra e spaventosa serietà, gli occhi illuminati da un riflesso di odio e di angoscia.

Ma chi più attrasse l'attenzione di Gabina, e la costrinse a rimanersene fuori, fu la vista di un estraneo, seduto anch'esso vicino al focolare, legato solidamente con una corda di pelo alla vecchia sedia che ornava da sola la cucina, una sedia grossolana che restava sempre in un angolo, non toccata da nessuno, ma spesso guardata cupamente da Simona.

Gabina non aveva mai, prima d'allora veduto il volto dell'estraneo che pure indossava il costume del villaggio, e l'andava esaminando curiosamente, chiedendosi chi fosse e perchè fosse lì, legato, nel folto della notte.

Era un bell'uomo sulla quarantina, i capelli di un biondo rossastro ondeggianti sull'ampia fronte abbronzata, gli occhi grigi acutissimi, e con una magnifica barba rossa cadente sul petto.

Un'atroce espressione di spasimo gli sconvolgeva tutto il volto e sulla fronte gli brillavano, al riflesso del fuoco,

grosse gocce di sudore, ma non era pallido come gli altri e specialmente come Simona.

Gabina certamente non percepì tutti questi particolari, ma comprese benissimo che là dentro, — nella cucina nera illuminata dal fuoco e da una specie di lampada a quattro becchi, di latta annerita dal fumo del lucignolo, posta sul forno e che andavasi spegnendo, — accadeva qualche cosa di misterioso, di straordinario; e incapace di darsi una qualsiasi spiegazione, rimaneva muta, immobile dietro la porta, la fronte incastonata sulla fenditura, gli occhioni grigi, — che rassomigliavano assai a quelli dell'uomo legato alla sedia, — spalancati e avidi.

La piccina tremava di nuovo, — svanita la curiosità, la paura angosciosa di prima le gravava nuovamente sul cuore; e si domandava se tutto non fosse un brutto sogno.

Gelidi soffi di vento le percuotevano le spalle mal coperte; i suoi piedini, le sue mani, tutta la sua personcina oramai erano coperte di neve, e l'acqua che invadeva il cortile saliva, saliva, ingrossata sempre più dalla pioggia furiosa. Ben presto l'avrebbe costretta a fuggire od a farsi aprire la porta, ma lei non se ne accorgeva. Provava tanto freddo che sentiva una pazza voglia di piangere, eppure non si muoveva... Un nodo le serrava la gola, e più d'una volta dei singhiozzi aridi, spasmodici, le contorcevano le labbra rese livide dal freddo e dallo spavento.

Perchè ciò che vedeva, ciò che sentiva, era una scena così terribile che avrebbe atterrito qualunque uomo, nonchè lei, debole animuccia di appena nove anni...

II

— Elias, Elias! — esclamava il padre di Simona. È inutile che tu urli chiedendo aiuto. Nessuno verrà, e la procella nasconde il tuo grido. Nessuno verrà! Tu devi morire lì, legato alla sedia ove ti assidevi ogni notte, dieci anni fa, ti ricordi, miserabile? ogni notte... in qualità di fidanzato leale ed onesto!... colla sedia che abbiamo gelosamente conservato per dieci anni... che ti aspettava... che getteremo sul fuoco intrisa del tuo sangue vigliacco...

— Difenditi! — diceva cupamente Simona. — Se non ci dai una sola scusa, almeno una, del tuo vile procedere, la tua morte sarà orribile! Difenditi! Scusati, e con una fucilata tutto sarà finito. Se no, guai a te!..

— E sei tu che parli così?... — rispose Elias. — Tu donna, tu che mi dimostravi la bontà in persona? Tu?

— T'odio! Tu mi hai disonorato; tu ch'eri il mio fidanzato, la vita mia, mi hai tradita, mi hai perduta! Il dolore ha ucciso in me ogni sentimento umano: t'odio, e da dieci anni non sogno che la vendetta. E che cosa è, vigliacco, l'angoscia che tu provi

stanotte in confronto di ciò che ho sofferto io? È odio, e son io che ho spronato i miei alla vendetta...

— Uccidetemi dunque!.. mormorò Elias — Ma pensate che v'ha una coscienza... un Dio...

— Ci aggiusteremo noi con la nostra coscienza e con Dio! esclamò Tanu, uno dei fratelli, con un sorriso crudele e feroce che lasciò vedere due fila di denti bianchissimi, forti, da belva, scintillanti al riflesso del fuoco.

— La coscienza e Dio!... — saltò su Simona come una vipera. — Ne hai tu avuto coscienza, hai pensato a Dio tu?...

Elias chinò il capo.

— In nome di nostra figlia... disse.

— Dunque sai che ho una figlia?

— Sì, lo so. Se tu vuoi io la legittimo. La piglierò meco e un giorno sarò ricca, perchè io lo son diventato e con l'altra non ho figli...

— Come parli! — gridò Pietro, l'altro fratello. — Non hai dunque ancora compreso che non uscirai di qui nè vivo nè morto?... E accarezzò lungamente la canna del fucile, che teneva sulle ginocchia, dicendo con crudele lentezza: — Ti massacrerò io, io che ero il tuo amico, io che ti ho introdotto nella nostra casa dove lasciasti la sventura e il disonore. Ti ucciderò io e ti porrò io sotto terra, tristo serpente miserabile! Ah, con chi ti credevi tu? con chi ti credevi? La nostra famiglia

ha vendicato sempre le offese ricevute, e noi, stanotte, noi che ti abbiamo cercato per dieci anni in tutti i villaggi di Barbagia, pei monti nevosi e per le gole dirupate, noi laveremo col tuo sangue la macchia impressa al nostro nome.

— Simona, Simona!... — mormorò il prigioniero volgendo, spaventato, uno sguardo supplichevole. — Nostra figlia...

— Taci, non nominarla! È il fiore nato dalla colpa, ma è pura come le nevi del Gennargentu! Tu la profani nominandola perchè sei vile, perchè sei infame! Tu le sei nulla... Suo padre è Dio!..

— Tu non le vuoi bene, Simona! Se l'ami lasciami vivere!...
Un lampo brillò negli occhi foschi della donna.

— Io adoro mia figlia e vivo solo per lei. Se essa sparisse dalla mia esistenza tutto crollerebbe intorno a me e sarei la più sfortunata fra le donne. Se l'amo! La mia figlia! La povera figliolina mia! È tutto il mio amore, la mia felicità! Ma ti ripeto di non più nominarla. Il suo ricordo, nonchè muovermi ad una pietà, impossibile in me dopo tutto ciò che è accaduto, accresce il mio odio, la mia sete di vendetta. E non vedo mai l'ora di saperti sotto terra affinchè, quando essa mi chiede di suo padre, io possa dirle, senza più arrossire: È morto!...

— Dunque è deciso! — gridò Elias. — Uccidetemi dunque! Vedete che son pronto! Saprà morire perchè non

sono vile, come voi credete, perchè se errai non fu mia colpa, ma del caso e per volontà di Dio! Uccidetemi!..

— Uccidetemi!... — ripeté fuori il lugubre fischio del vento.

I cinque personaggi di questa tetra tragedia rusticana tacquero un momento. Una calma terribile segnava nei loro volti e il fuoco continuava a illuminare la scena con tinte sanguigne, e funebri chiaroscuri; una scena degna del fosco Caravaggio.

— Racconta dunque perchè mi hai tradito, senza scusa alcuna, dopo due anni di fervido amore! — Disse alla fine Simona, sempre fissa nella sua idea. — Se ti ricordi dovevamo sposarci subito perchè io ero madre. Tu partisti con un cavallo carico di castagne, di formaggio e di arnesi di legno che avresti venduto a Nuoro per comprarmi l'anello di sposa e i gioielli... Dovevi ritornare fra quattro o cinque giorni e mi lasciasti quasi piangendo... Son trascorsi dieci anni, dieci anni di angoscia, di lacrime e d'odio, ma mi pare ieri... E non tornasti; e un mese dopo ti seppi sposo a una fanciulla di Fonni!...

— Racconta! Se hai una scusa, ti ripeto, ti uccideremo con una sola fucilata, altrimenti, come è vero Cristo, come è vero che sei lì, legato, ti abbrucieremo vivo!

L'accento di Simona era così duro che un brivido d'orrore corse per tutto il corpo di Elias. Tuttavia, dissimulando,

rispose freddamente: — Non temo nè il fuoco, nè la palla; pure vi dirò come è accaduto. Non fu mia colpa, vi dico, ma volontà di Dio!... Sentite!... — E cominciò:

«Sì, son dieci anni e pare ieri! Io partii pensando a te e disegnando la nostra vita avvenire... ma Dio volle altrimenti! Ero due ore distante da Fonni, ove contavo di passare la notte, per proseguire l'indomani il viaggio verso Nuoro, allorchè cominciò a nevicare. Non ne feci caso, abituato com'ero a tutte le intemperie del tempo, e proseguii per il sentiero dirupato, attraverso le gole dei monti, camminando a piedi davanti al mio cavallino tanto carico. E cammina, cammina. Il vento mi batteva la neve sul volto, appiccicandola alle mie vesti, alle mie mani, persino alle ciglia e alle labbra. In breve il mio pastrano ne fu tutto coperto, e le bisaccie delle castagne e la groppa del cavallo, tutto, tutto quanto.

Il sentiero sparve sotto la neve, ma io, che mi credevo pratico dei luoghi, proseguii senza turbarmi, in linea retta, gli occhi fissi sull'orizzonte dove di tanto in tanto credevo scorgere il profilo di Fonni. Il vento urlava pazzo per le montagne e la notte piombava, ma la neve cadeva sempre... Cadeva sempre, ammuccchiandosi sui miei passi, e nessuna anima viva interrompeva la solitudine selvaggia dei monti. Solo noi, io che cominciavo a perdermi d'animo, bagnato fino alle ossa, cominciando a credere d'essermi smarrito,

giacchè Fonni non compariva più sul mio cammino, — e il povero cavallo che tremava tutto e non poteva più andare innanzi. — La neve ingrossava; per ogni passo occorreva un quarto d'ora, e le tenebre si facevano ognora più folte. Mi pentivo di non essermi fermato in un ovile incontrato mezz'ora prima che la neve cominciava e dove il pastore m'aveva invitato a passare la notte, pronosticandomi la vicina bufera, — e ad un tratto, disperato del tutto, pensai di dar volta e ritornarmene là. Decisi di salire anzi a cavallo, perchè m'era impossibile proseguire a piedi, ma siccome l'animale era estenuato più di me, così gravemente carico come si trovava, lo scaricai di tutta quella roba che, mal come potei, misi al sicuro sotto un albero, sperando di ritrovarla l'indomani, lo montai e via!

«Avanti! — dicevo amorevolmente al mio povero cavallino, — stanotte ci riposiamo laggiù e domani sorgerà un bel sole che ci permetterà di ritornare qui. Ripiglieremo la nostra mercanzia e andremo a Fonni. Là giunti non c'è più che temere! Avanti, avanti!...

«Per un po' il cavallo parve partecipasse alle mie idee e camminò, ma a un punto rallentò il passo e finì col fermarsi. Invano lo aizzai, lo carezzai, lo percossi; non si mosse più, ed io dovetti smontare e ripigliare il cammino a piedi, trascinando dietro, la povera bestia.

«Oh, che notte orrenda! — Il vento era cessato, ma la notte regnava folta e desolata sulle montagne e la neve cadeva, cadeva sempre. Una lieve luce bianca tramandata dal manto che copriva le rupi mi permettevano di non cadere in qualche precipizio, — ma a poco a poco i miei occhi si velavano, le gambe mi si intorpidivano sotto le ghettoni bagnate e tutto il mio corpo diventava freddo e inerte come la neve su cui mi trascinavo barcollando. Una volta, io e il cavallo, cademmo in un fosso; io mi rialzai a stento ma il cavallo non si mosse più ed io non pensai punto ad aiutarlo.

«Ripresi la via: ero interamente coperto di neve: grosse lagrime mi cadevano dagli occhi e finivano confondendosi con la neve che mi imbiancava la barba: le mani mi pendevano inerte e gelate sotto il pastrano freddo e pesante, e i piedi andavano, andavano, automaticamente, a caso, barcollando. E non un lume appariva nella notte, non una voce umana risuonava per l'orribile solitudine della montagna.

«A manca e a destra i picchi bianchi s'innalzavano perdendosi nel cielo color di cenere; dietro non scorgevo nulla attraverso la nebbia che scendeva lentamente dall'orizzonte e che presto mi avrebbe attorniato; davanti la china si stendeva sotto i miei piedi, piena di burroni e di precipizi. Non era certo questa la strada percorsa qualche ora prima, no, — e l'ovile non poteva comparire innanzi a me perchè m'ero

smarrito! Oh, perchè non avevo proseguito verso Fonni? Forse non era poi tanto lontano dal sito dove avevo lasciato le bisaccie... forse... forse...

«Le forze mi venivano meno; dopo mezz'ora di faticoso e inutile cammino la nebbia mi raggiunse, acre, densa, nera, mi circondò, e proseguì la discesa, togliendomi l'ultimo barlume di luce. Ancora un passo e sarei caduto forse in qualche abisso: d'altronde m'era impossibile continuare perchè ora la neve mi giungeva al ginocchio e una volta affondati i piedi mi riusciva a stento trattenerli.

«Ero bagnato fino alle ossa; non vedevo più, e come gli occhi così mi si velò la mente! Caddi sulla neve e raccomandai la mia anima a Dio, pensando un'ultima volta a Simona!

III

Elias tacque un momento, quasi ancora oppresso dal ricordo di quella triste notte, forse confrontandola con la notte, più triste ancora, che trascorreva.

— Prosegui! — disse Simona. Il suo accento non era più feroce, i suoi occhi stavano fissi al suolo e tutta l'espressione

truce del suo volto andava sfumando insensibilmente. Elias se ne accorse e sussultò di speranza, poi riprese:

«Quando rinvenni era giorno alto. Mi trovai steso in un letto caldo, in fondo a una cucina grandissima, nel cui centro, nel focolare di pietra, ardeva un enorme fuoco il cui tepore giungeva sino a me. Dalla quantità delle stoviglie e delle masserizie che arredavano la cucina arguivi di trovarmi in casa di gente benestante; una ragazza preparava il pranzo accanto al focolare e al suo costume la riconobbi per fonnese. Dunque ero a Fonni!... Chi mi ci avea trasportato? Chi mi aveva salvato?... Che differenza fra il mio stato di dieci ore prima e il presente! fra il letto di neve, sotto il cielo nero e la nebbia, con la morte allato, e il letto caldo in cui mi svegliavo, e la bella ragazza che mi stava vicino, forse spiando il mio ritorno alla vita!...

«Sì, proprio una bella ragazza! Quando, accortasi di me, mi si accostò, la guardai meravigliato, chiedendomi se non era una visione. Non avevo mai visto una bellezza simile; solo la nostra Madonna del Latte dolce, nei giorni di festa.

«Così gli occhi grandi e neri, così i capelli, così la pelle color di rosa, la bocca piccola, il naso profilato, il collo lungo bianchissimo, la persona tutta, infine, tutta...

«Aveva una gonna sola, stretta, che le disegnava le anche ben fatte, e lasciava vedere i piccoli piedi calzati da

scarpette piene di fiocchi, un corsetto nero di albagio, e il piccolo busto slacciato sulla camicia bianchissima, sotto le cui pieghe si modellava il seno nascente, perchè la fanciulla poteva avere al più diciotto anni.

«Se faccio tutti questi particolari, — proseguì Elias mentre gli occhi di Simona riprendevano il cupo lampeggiamento di prima, indovinando nella bella fanciulla fonnese la donna che le aveva rapita l'intera felicità della sua vita — è per spiegare in qualche modo la causa primiera del mio traviamiento.

«Io dunque la guardavo incantato, e mentre essa mi accomodava le coperte sulle spalle un brivido mi passò per tutta la persona. Ahimè, lo confesso, in quel momento avevo scordato la bufera della notte, il mio cavallo morto fra la neve, le castagne perdute, la causa per cui mi trovavo in quel letto...

«— Come stai?.. — mi chiese la fanciulla tastandomi il polso. Son già cinque ore che tu vaneggi!.. Come ti chiami?

«— E tu? Domandai io con voce rauca.

«— Dove sono?

«— In casa mia! Mi chiamo Cosema P...

Stanotte il mio servo che passava per la montagna ti trovò, quasi morto, sulla neve. Ti prese sul suo cavallo e ti portò qui. Sei a Fonni sai! Dopo molte cure, rinvenisti verso le cinque di questa mattina, ma subito ti assalì la febbre e il

delirio, sicchè non potei sapere chi tu fossi. Al tuo vestire credo che tu sii del villaggio di A..., ma non so chi tu sei!..

«Le raccontai la mia storia, non tacendole il motivo del mio viaggio e le mie prossime nozze con Simona.

«— Devi esser ben povero se, per comprare gli anelli, ti vedesti costretto a intraprendere un viaggio così!... — mi disse Cosema fissandomi coi suoi grandi occhi neri lucenti.

«— No, — risposi, — non sono tanto povero! Ho un chiusetto piantato a castagni che mi rende venti studi ogni inverno, ed ho buone mani per lavorare! Ma è necessario che vada a Nuoro di tanto in tanto per vendere i miei prodotti. Ho anche il carro e i buoi, e il cavallo e la casa... non sono povero, no. E anche Simona mi porterà qualche cosa...

«Parlammo così lung'ora, con la massima confidenza, quasi ci fossimo conosciuti da molto; e Cosema, a sua volta, mi disse che era orfana e ricca. Amministrava da sè, essendo pochi mesi prima morto il suo tutore, e aveva una serva e due servi, uno contadino e l'altro, quello che mi aveva salvato, pastore. Possedeva la casa, un orto grandissimo, una tanca e molto bestiame.

«Quando mi volli levare, me lo impedì, dicendomi ch'ero malato e che il medico, chiamato la notte al mio letto, aveva ordinato di non lasciarmi non solo ripartire, ma neppure levare. — E restai! — Peppa, la serva, sopraggiunta,

mi diede una scodella di brodo e mi ripeté tutto ciò che la padrona mi aveva detto, compreso l'ordine del medico.

«Infatti il freddo e la febbre non tardarono a ricomparire; una febbre gagliarda che mi faceva ballare nel letto, che sconvolveva tutto a me intorno, in un vortice pazzo e vertiginoso. Rimasi così, tra la vita e la morte, per una settimana.

Nei lucidi intervalli pregavo Cosema di mandare a dire a Simona il mio stato per rassicurarla sulla mia tardanza, e la ragazza mi diceva sempre di sì, scongiurandomi a star tranquillo. — In quelle ore di sofferenza e di spasimo pensavo sempre a Simona, ma i miei occhi, il mio pensiero sconvolto dalla febbre vedevano Cosema, Cosema bella che andava di quà e di là per la cucina, in punta di piedi per non disturbarmi, che si chinava sovente sul mio letto, posandomi sulla fronte la mano bianca e fresca, che vegliava intere notti al mio capezzale, magnetizzandomi coi suoi occhi di bambina innocente e per ciò più pericolosa.

«Tutte quelle cure, quelle attenzioni che mi dava, senza quasi conoscermi, mentre destavano in me la più profonda delle riconoscenze, mi facevano pensare con dispetto alla strana indifferenza di Simona, la mia fidanzata che non dava segno di vita mentre io morivo lontano dal mio paese, morivo per causa sua e pensando a lei! È vero che anche gli

altri miei parenti non si facevano vivi... ma io non badavo a loro, non pensavo a loro...

«Dopo una settimana cominciavo a sentirmi meglio e il medico mi disse che fra otto o nove giorni sarei stato in grado di ritornarmene al mio villaggio. Pensavo con dolore al cattivo esito del viaggio e al ritardo delle nostre nozze; il cavallo e le castagne non s'erano potute rinvenire, benchè Cosema avesse mandato il servo per la montagna. Una notte procellosa come quella in cui m'ero smarrito, allorchè sentii la porta della cucina aprirsi leggermente ed entrare una persona che sulle prime non distinsi bene.

«Poteva essere mezzanotte. Il vento romoreggiava sopra il letto e copriva ogni altro romore umano. Nel focolare il fuoco coperto di cenere mandava di tratto in tratto una fiammata azzurrognola che illuminava debolmente la cucina. A quel chiarore incerto credetti riconoscere Peppa nella persona entrata e pensai che venisse ad assicurarsi se stavo bene e se dormivo. Finsi di dormire, ma con gli occhi semi chiusi.

«La ragazza si avvicinò in punta di piedi al mio letto e si fermò, guardandomi a lungo, con gli occhi sfavillanti nella oscurità. Un tremito mi invase tutto, mio malgrado...

«Non era Peppa quella, no, era Cosema...

«Che mai voleva? Perchè mi guardava così? Perchè tremavo tutto sotto il suo sguardo?

«A un tratto si chinò su di me e mi baciò!..

«Le sue labbra ardevano come bragie ed io sussultai quasi m'avesse toccato un ferro rovente. Credendo d'avermi svegliato Cosema diede un passo indietro e andò leggermente a sedersi accanto al focolare. Ma io non mi mossi e continuai a fingermi dormito. Rassicurata, Cosema, rimuginò il fuoco e chinò il capo sulle braccia conserte sui ginocchi. Mi sembrò che piangesse... Non saprei dirvi ciò che intanto accadeva entro di me, ma certo avevo dimenticato il cavallo, le castagne e le nozze. Il bacio di Cosema mi ardeva il volto e mille confusi pensieri passavano nel mio cervello.

«Era un sogno dunque? Che significava ciò? Che Cosema si fosse innamorata di me, così, in pochi giorni, lei così bella, così giovine e ricca? Di me estraneo, sconosciuto, ch'ella sapeva promesso ad un'altra donna?...

«Non potevo credere ai miei sensi, ma intanto vedevo la bella fanciulla là, nella penombra, piangere silenziosamente, e la mente mi si sconvolgeva, e il sangue mi ardeva istintivamente. Mio Dio, mio Dio, che tentazione! Se Cosema mi avesse ribacciato, m'avrebbe perduto, non ostante tutti i miei propositi.

«Però essa si ritirò senza neppure guardarmi.

«L'indomani la vidi pallida e con gli occhi rossi, ma non le dissi nulla. Solo, in un momento in cui non c'era mi

vestii e mi assisi accanto al fuoco e quando essa entrò le dissi che volevo partire.

«— Hai ragione, — rispose essa con freddezza. — Ti abbiamo molto mal trattato, e certo non vedi l'ora di andartene.

«— Dio ne guardi! — gridai io. — Anzi avete fatto tutto ciò che io non meritavo! Mi avete salvata la vita ed io me ne ricorderò sempre.

Voglio andarmene per togliervi il disturbo. Ah, Cosema, cosa hai tu detto! Ma mi prendi per un animale? Io non so cosa fare per sdebitarmi di tutto ciò che ti devo. Parla; chiedimi ciò che tu vuoi e farò tutto per te...

«Non avevo ancora ben pronunziate queste parole che già me ne pentivo, perchè vidi gli occhi di Cosema brillare di gioia. Ah, se mi avesse chiesto l'impossibile... di amarla...

«— Allora rimani finchè sarai ben guarito! — rispose ella. — Rimasi. Tanto più che mi sentivo incapace di intraprendere il viaggio, così debole, e col tempo pessimo che regnava. Ma non mi sentivo tranquillo e un presentimento mi diceva che avrei finito col cedere alla misteriosa seduzione di Cosema. Lottavo con tutte le forze, ma l'immagine della bella ragazza, per lo più reale, s'imponeva al mio pensiero e il ricordo del suo bacio mi faceva tremare più della febbre.

«Invano pensavo intensamente a Simona, al suo stato, alle mie sacre promesse: quando più forte era la mia decisione,

ecco Cosema lì, davanti a me, affascinante, bella, che mi incantava col suo sorriso, col suo sguardo fisso nel mio, col quale mi diceva tante cose che non osava esprimermi a voce. — Signor Iddio! che spasimi, che tentazioni, che guerra! Piangevo come un bambino, e più di una volta, nella notte fonda, mentre imperversava la procella, fui per fuggire da quell'inferno, dicendomi ch'era meglio morire fra i monti, che vivere così. Perché mi avevano salvato? Perché?...

«Il dolore interno accresceva il mio male; avevo la febbre nel sangue e nel cervello e mi pareva di odiare Cosema a cui dovevo tanto; Cosema che ogni notte veniva a darmi il solito bacio, all'oscuro. Così non poteva durare. Finii col credere che tutto fosse un sogno, un'opera del demonio, e fisso in quest'idea decisi di accertarmene. Non l'avessi mai fatto!...

«Una notte, mentre Cosema mi baciava, le afferrai le mani e spalancando gli occhi la fissai alla luce incerta del fuoco. Ella non disse nulla, ma tremò tutta e aspettò che parlassi.

«— Cosema... che vuol dire ciò?.. — chiesi severamente.

«Essa si lasciò cadere in ginocchio e nascondendo il volto fra le mani mormorò: — Perdonami!... T'amo da morirne!...

«Anch'io cominciai a tremare; pure, facendo il forte, esclamai:

«— Che hai tu detto? Ma non sai che sono ammogliato?...

«— Non è vero!.. So tutto... So che sei fidanzato e so lo stato in cui si trova Simona... Però so anche che tutto il villaggio dice che tu non sei il solo padre di...

«— Cosema! — gridai fuori di me. — Non calunniare nessuno! Dimmi che m'ami, che mi vuoi... ma non calunniare...

«— Dico ciò che ho inteso. Ma non gridare così! Peppa potrebbe svegliarsi e accorgersi di tutto.. Non perdermi perchè t'amo!...

«Era così supplichevole che, abbassando la voce, le chiesi fremendo la spiegazione delle sue orribili parole. E lei mi raccontò mille storie che non ricordo bene, che non sentivo bene, ma dalle quali emergeva chiara per me una sola cosa. Che io ero mistificato in una guisa infame e che Simona non m'amava, ma lo fingeva per coprirsi di una colpa di cui non io solo era il complice... Oh, che orrore, che orrore!

— Che miserabile!.. esclamò Simona, interrompendo il racconto di Elias, livida in volto, agitando le braccia. Ma Tanu, il fratello, che la pensava diversamente, ascoltando Elias con un sorriso acre d'incredulità, sicuro che tutto il racconto era una fiaba, la calmò a stento, e disse beffardo:

— Prosegui e sii più breve...

«— Sarò breve. Cosema mi promise delle prove, poi, tutto ad un tratto, si mise a piangere disperatamente, singhiozzando.

«— Ebbene, — chiesi io sorpreso, — e ora perchè piangi?..

«In realtà, non potevo trattenermi neppur io, e un nodo mi serrava la gola. Credevo e non credevo a ciò che Cosema m'aveva detto e mentre sentivo una pazza voglia di schiaffeggiarla, avrei voluto baciarla dicendole: T'amo, e disprezzo Simona!..

«— Perdonami... perdonami... — ripeteva essa con la voce rotta dal pianto. — So che non puoi amarmi, che ami quella... Perdonami se non ho potuto resistere... ma ti amo tanto... ma sento morirmi... ma se tu non avrai pietà di me accadrà qualcosa di fatale.....

«— Cosema, Cosema, — le dicevo io, — come puoi tu amarmi? Io sono povero, e i tuoi parenti, anche se io t'amassi, non acconsentirebbero.

«— Io non ho parenti! Son padrona di me e farò ciò che mi piacerà. Ma tu non puoi, non vuoi amarmi, tu ami quella... — e accentava con disprezzo la parola *quella*, — tu mi lascerai morire...

«— Oh, Elias, se tu sapessi come soffro! Ti ho amato dal primo vederti e subito mi accorsi che la tua entrata in casa mia doveva portarmi la morte! Ma io non ti chiedo nulla, nulla. Se vuoi andartene vattene, ma ricordati di me... Fa conto di non aver inteso nulla dalle mie labbra e sposa

Simona, ma quando sarai infelice rammentati che io sono più infelice di te.

«Così Cosema parlò lung'ora, sempre china su me, bruciandomi il volto col suo alito ardente, bagnandomi le mani con le sue lagrime. Non sapevo in qual mondo mi fossi e mi morsicavo le labbra, rattenendo a stento il pianto e le bestemmie che in pari tempo mi salivano dal cuore che mi saltava in bocca.

«Il fuoco si spense e rimanemmo all'oscuro.

«— Addio, addio!... disse Cosema. — Ora me ne vado. Domani partirai e non ci vedremo più. Ricordati di me, Elias, ricordati. Addio, addio... Vattene pure; io non ti chiedo nulla!..

«Non mi chiedeva nulla, ma intanto mi copriva il volto di baci e di lagrime; lagrime che parevano gocce di piombo liquido; baci lunghi, pazzi, che mi bruciavano le labbra, gli occhi, le guancie, che finirono col togliermi la ragione rimastami.

«— Cosema, — dissi con voce rauca, stringendole la testa fra le mani e ricambiandole i suoi baci, — t'amo e rimarrò!

«Due giorni dopo, — conchiuse Elias, — un prete venne in casa di Cosema e ci sposò, segretamente. Io avevo sempre la febbre e operavo automaticamente, senza quasi avvedermi di nulla.

«Lo stesso giorno si fecero le pubblicazioni e tre settimane dopo davanti alla legge ero per sempre legato a

Cosema. Sicchè, quando passati i primi ardori, ritornai in me, e mi avvidi del mal fatto, e mi convinsi che le voci correnti sul conto di Simona erano vere calunnie, era troppo tardi! — »

IV

— E chi ci assicura che tutta questa storia non sia una fiaba?... — esclamò Tanu con voce terribile.

Elias chinò il capo e nei suoi occhi morì la speranza. Dal volto dei suoi giustizieri, niente commossi dalle sue parole, egli vedeva la sua condanna, e provava il sovrumano strazio del condannato a morte nel fior degli anni, ma non voleva dimostrarlo per non parer vile.

— È vero! — disse, — nessuno può difendermi...

Rivolse uno sguardo a Simona, ma gli occhi della giovine erano lontani dai suoi, e d'altronde?

Anche volendolo essa non avrebbe potuto salvarlo.

— Tu morrai! — sentenziò cupamente il padre.

Si fece un lungo silenzio. La sorte di Elias era decisa; egli non doveva uscire da quella casa fatale dove dieci anni prima aveva passato tante ore felici. La storia di Cosema non aveva punto alterato i cruenti propositi della famiglia da lui disonorata, e il fucile brillava sempre nelle mani di

Pietro, che si considerava la causa primiera della sventura di sua sorella.

E poi ora era una questione di vita o di morte. Perdonando Elias essi si perdevano perchè egli si sarebbe certamente vendicato di quella terribile notte, — vendicato a dovere, possente e ricco come egli era. Dunque doveva morire.

Nessun fremito di paura o di esitazione passava in quei cuori induriti da una vita aspra e stentata, che avevano per religione la vendetta, l'odio per Dio.

Una notte essi avevano giurato, intorno a quello stesso focolare, su quel medesimo fuoco che mai non si spegneva, di lavare col sangue l'offesa ricevuta, e, attesa per mesi ed anni, finalmente giungeva l'ora sognata.

E si accingevano a uccidere un uomo con un raccoglimento quasi religioso, sicuri di fare un dovere, convinti di mancarvi se perdonavano, a fronte alta, davanti a quel Dio di cui ignoravano le massime, che supponevano crudele al pari di loro...

— Vattene!.. — disse Pietro a Simona.

— No, rimango sino all'ultimo!... — rispose la giovine con voce ferma che fece trasalire vivamente Elias.

Pietro alzò il fucile...

Il vento, la pioggia, i tuoni scrosciavano fuori con indicibile fragore; parevano urli umani e rovinare di montagne;

la giusta ira di Dio per il delitto che consumavasi in quella casa nera e desolata, abitata da demoni in vesta d'uomini.

Pietro mirò Elias; ma mentre stava per calcare il grilletto un colpo secco e sonoro, che non era certo causato dal vento, battè sulla porticina sprangata che dava sul cortile. Si guardarono tutti spaventati, le labbra pallide, il cuore immoto, e il fucile ricadde sulle ginocchia di Pietro.

Chi poteva essere? Erano dunque scoperti... perduti?...

Ma repente Simona si alzò di scatto e gridando con terrore, — Gabina! Gabina!.. — si lanciò verso la porta, a salti, fremendo, come una jena ferita, e aprì...

Trovò infatti la piccina, stesa per terra, bagnata e svenuta. — Gabina visto e udito tutto, non aveva potuto resistere, ed era svenuta, piena di spavento e d'orrore...

— Figlia mia!.. Gabina, Gabinedda... figliolina mia!.. diceva Simona prendendola fra le braccia e portandola accanto al focolare. Vistala così livida, fredda, bagnata, con gli occhi chiusi e il volto ancora scomposto dallo spavento, Simona la credè morta e — dimenticando del tutto Elias che divorava la bimba con gli occhi, — si mise a piangere spasmodicamente, chiamandola coi più dolci nomi e spogliandola dalle vesti inzuppate, riscaldandole i piedini contratti e baciandola furiosamente.

Ma Gabina non dava segno di vita.

— Gabinedda... Gabinedda mia... figlia mia... cuor mio, dolce cuor mio! Ah! è morta... è morta... la figlia mia adorata, la sola mia gioia!... Fiorellino mio, Gabina, povera, povera... Come faccio io... Dio mio, Dio mio, come farò... È morta... vedete, babbo mio, toccate, è morta... è fredda... è morta, Dio mio!...

Simona gesticolava e smaniava; pareva impazzisse, e a momenti parlava, a momenti sorrideva sembrandole che Gabina tornasse in sè, poi ricominciava a piangere come una pazza.

Tanu e Pietro intanto si guardavano confusi e interdetti. Certo la piccina aveva inteso e visto tutto. Dunque?...

Elias taceva e fissava sempre la bimba, cupo e disperato.

— Oh, se fosse morta, se fosse morta davvero?.

Zio Tottoi invece, ch'era molto superstizioso, sorrideva amaramente pensando, che là sotto, stava la mano di Dio che li puniva, o almeno li avvertiva; la luce inondava l'anima del vecchio e un grande pensiero gli brillava nella mente.

Prese Gabina dal grembo di Simona e la pose fra le braccia di Tanu dicendogli:

— Portala su, al letto... e tu Pietro, corri e fa venire il medico...

— Babbo!?! — esclamò il giovine spalancando gli occhi e accennando Elias, mentre Tanu, obbediente, usciva con Gabina fra le braccia e Simona dietro col lume.

— Va! — rispose il vecchio. — Va ti dico. Non accadrà nulla di male!..

Fidente nel padre, Pietro che adorava la nipotina, che anch'egli credeva morta o in fin di vita, depose il fucile e uscì...

Dopo un momento zio Tottoi si avvicinò alla porta e chiamò:

— Simona, Simona! Scendi... — La giovine scese subito.

— Simona, — mormorò il padre con voce solenne e misteriosa. — Gabina ha visto tutto. È la mano di Dio... Simona...

La giovine comprese; rimase immobile, muta, gli occhi fissi su Elias, i grandi occhi nel cui fosco brillare si leggeva una vera battaglia interna. — È la mano di Dio!... — ripeté il vecchio.

A un tratto Simona si lanciò verso Elias e sciolse le corde; libero che fu lo prese per mano, lo condusse al cortile, gli aprì il vecchio portone e lo spinse nella via dicendogli:

— Vattene e ricordati di tua figlia!... E rimase lì finchè il passo di lui non morì In lontananza, fra gli urli della procella.

IL MAGO

Vivevano in fondo al villaggio, uno dei più forti e pittoreschi villaggi delle montagne del Logudoro, anzi la loro casetta nera e piccina era proprio l'ultima, e guardava giù per le chine, coperte di ginestre e di lentischi a grandi macchie.

Filando ritta sulla porta, Saveria vedeva il mare in lontananza, nell'estremo orizzonte, confuso col cielo di platino in estate, nebbioso in inverno: cucendo presso la finestra scorgeva una immensità di vallate stendentisi ai piedi delle sue montagne, e sentiva il caldo profumo delle messi d'oro ondeggianti al sole, e il sussulto del torrente che scorreva fra le rocce e i roveti montani. — In quella casa piccina e nera, col tetto coperto di musco giallo e rossastro, ombreggiata da un vecchio pergolato, fra tanta festa di cieli azzurri e di immensi orizzonti silenziosi, da due anni, Saveria scorreva la vita più felice che si possa immaginare, accanto al suo giovane sposo dai grandi occhi ardenti e le labbra rosse come i frutti delle eriche fra cui conduceva i suoi armenti, la

sola sua ricchezza. Si chiamava Antonio. Anch'esso dacchè aveva sposato la piccola signora dei suoi sogni da pastore, viveva felicissimo; però una leggera nuvola era apparsa dopo due anni di completa felicità sul cielo sereno della sua esistenza. Saveria non lo aveva reso nè ancora accennava a renderlo padre! Era una cosa ben triste! Egli l'aveva tanto sognato un bel marmocchio bruno come lui che appena in gambe l'avrebbe seguito su e giù, fra i boschi e le valli, aiutandolo nelle dure fatiche di pastore; un marmocchio che poi, fatto forte giovanotto, la gioia e la speranza dei suoi vecchi, ammogliandosi avrebbe a sua volta tramandato il loro nome e la discendenza dei loro armenti in un altro, e così via pei secoli dei secoli! Tutti gli avi di Antonio erano stati pastori: e questa gloria egli sognava di continuarla ma come fare se non veniva l'erede?

Tutto fu messo in opera; promesse, novene, pellegrinaggi. Antonio andò, scalzo e a testa nuda, a piedi, sino al celebre santuario della Madonna dei Miracoli, a Bitti, fece fare una processione, una messa solenne, e promise di dare tante libbre di cera lavorata alla Madonna quante ne avrebbe pesate il futuro figliuolino, ma tutto fu inutile. Saveria restava sottile, sottile, elegante nel suo costume dal corsetto giallo e la camicia ricamata, e la casa non veniva ancora rallegrata dagli strilli del sognato

bambino nè dalla nenia della mamma accompagnata dal cigolio della culla.

Era una ben triste, triste cosa! Se ne aveva già deposta l'ultima speranza allorchè un giorno un'amica di Saveria venne a trovarla e le disse con profondo mistero, dopo i primi complimenti alla francese¹: Non sapete dunque, comare Sabè? Peppe Longu mi ha detto che voi non fate figli perchè...

— Perchè?.. chiese attenta Saveria con gli occhi spalancati.

— Perchè? seguì l'altra abbassando la voce. Ci scampi Iddio, ma voi lo sapete, Peppe è un mago di prima qualità, così almeno dicono tutti... e lui stesso mi ha detto che è per opera di una sua magia che voi non avete figli.

— *Liberanosdomine!* esclamò Saveria ridendo e facendosi il segno della croce. Come tutte le donnicciuole del villaggio essa era superstiziosa e credeva alle magie, anzi una volta aveva visto coi suoi propri occhi un fantasma bianco vagare pei monti, ma che poi Peppe Longu, per quanto fosse mago, arrivasse a quel punto, ah, questo era troppo! Ma l'altra proseguì, offesa dell'incredulità di Saveria, e tanto disse che finì per convincerla.

1 Per lo più, nel Logudoro meridionale, invece di dire: come siate? si dice: come siete?

Dopo un'ora di chiacchiere accanto al focolare, sulle cui bracie Saveria aveva posto a bollire il caffè, ell'era così convinta della magia di Peppe che chiese pensosa alla comare:

— E... ditemi, non la potrebbe disfare questa opera infernale?

— Questo poi no, mi ha detto, questo no! Pare che abbia dell'astio contro vostro marito!..

All'imbrunire Antonio comparve in fondo alla strada rocciosa sul suo cavallino nero e la bisaccia gonfia di formaggio fresco e di ricotta. Mentre scaricava la sua *entrata* sotto il pergolato, Saveria lo informò di tutto: egli non rise punto, ma aggrostando le folte sopracciglia si contentò di scuotere la testa. E quando tutto fu rimesso in ordine, cavallo, bisaccia ed *entrata*, Antonio si sedette a piedi in croce accanto al focolare e si fece ripetere la strana novità.

— Ma che diavolo avete con Peppe? Perchè si vendica così orribilmente? domandò alla line Saveria con grande serietà.

— Nulla!.. rispose Antonio. A meno che non sia perchè mi rido sempre delle sue magie!

— È male! non hai visto come ha disperso le cavallette che rovinavano la vigna di Don Giovanni? E quelle di Jolgi Luppèdu?..

— È vero... è vero... ma! Vedremo! Domani gli parlerò.

— Ah, se sciogliesse la magia!.. esclamò Saveria.

Quella notte i due sposi sognarono nuovamente un bel bambino bruno; ma l'indomani, per quante preghiere Antonio gli facesse, il mago del villaggio ricusò assolutamente di disfare l'incantesimo.

Era un tipo alquanto misterioso quel mago: viveva come tutti gli altri uomini del mondo, però non lavorava mai.

È vero che oltre le magie pubbliche di cui menava vanto, come l'uccidere le cavallette e il sanare le pecore malate con semplici parole misteriose, per cui non accettava compenso alcuno egli riceveva molte visite notturne; però nessuno ci badava e generalmente si credeva che i genì che egli aveva al suo comando gli dessero il denaro e le provviste che abbondavano nella sua catapecchia. Ma forse Antonio la pensava diversamente perchè, viste mal riuscite tutte le sue preghiere e anche le sue minacce, si recò una notte da Peppe e gli promise un bel luigi d'oro purchè sciogliesse finalmente la fatale magia.

Sulle prime Peppe fece il sordo, si mostrò anzi scandalizzato, come un artista a cui si proponga un *affare* che spoetizzi i suoi ideali; ma poi, visto realmente lo splendore del luigi, chissà donde il pastore lo aveva tratto! cedè a poco a poco e gridò:

— Ebbene, sì! Lo faccio però per amicizia e pietà di Saveria; ma tu non lo meriti, tu che mi hai sempre deriso!

Antonio protestò; Peppe allora l'avvertì di trovarsi l'indomani notte in un sito deserto della montagna, col fucile scarico, una tovaglia bianca e due ceri. Antonio lasciò la moneta al mago e promise tutto; però, allorchè trovossi nella strada oscura, minacciò col pugno la casa rovinata da cui era uscito e sogghignò: Vedremo!

L'indomani notte fu il primo ad arrivare al convegno: era un sito orrido e dirupato reso fantastico dal chiarore croceo della luna al tramonto. Nella notte serena non spirava un alito di brezza, e i rovi fioriti, le liane nere e il musco olezzavano nel silenzio misterioso delle roccie illuminate dalla luna.

Il pastore depose il fucile che, secondo la raccomandazione di Peppe, non aveva caricato, la tovaglia, e i ceri su un masso e attese... Peppe non tardò. Le sue prime parole furono: È giusta l'ora! Mezzanotte. Stese la tovaglia su una larga pietra nuda e isolata dalle altre, fissò i ceri in terra e fece stendere bocconi, per un secondo, il pastore.

Quando si rialzò Antonio vide i ceri accesi e il fucile posto sulla tovaglia. — Cominciamo! disse Peppe. —

E infatti cominciò a fare mille pantomime che Antonio seguiva con occhio torvo e con un sorriso di sdegno sulle labbra. Più che mai si sentiva in vena di deridere il mago; ma qual non fu il suo spavento quando Peppe rivoltosi alla

pietra coperta dalla tovaglia, la interrogò in un linguaggio strano che probabilmente doveva passare per latino, e la pietra rispose, con voce flebile, lugubre, uscente di sotterra, nel medesimo linguaggio?... In pari tempo i ceri si spensero da sè senza che tirasse vento o che Peppe si chinasse su di essi. Si rivolse invece verso il pastore che tremava verga a verga e gli disse: La pietra mi risponde che... il fucile risponderà se la magia è sì o no sciolta!...

— Come? — chiese Antonio richiamato in sè dalla voce del mago.

— Era scarico il tuo fucile?

— Sì perdio! esclamò il pastore.

— Ebbene, piglialo e spara in aria: se fa fuoco è segno che l'incantesimo è sciolto!

Antonio, oramai preparato ad assistere a tutte le meraviglie del mondo ma non a quest'ultima, si accostò alla pietra parlante, prese il fucile e sparò... Peppe cadde al suolo, senza emettere un solo gemito, col cuore trapassato da una palla.

Invece di sparare in aria, Antonio lo aveva preso di mira.

Dopo il suo involontario delitto, perchè, nonostante tutto, credeva che il fucile non facesse fuoco, il pastore pensò di darsela a gambe ma poi riflettè che nessuno sapeva nulla di tutta questa faccenda, e... ripiegò la tovaglia, riprese i

ceri e il fucile e ritornò al villaggio camminando sulle rupi in modo da non lasciare alcuna traccia dietro di sè, e passò tranquillamente il resto della notte con la sua adorata Saveria.

Sempre incredulo in fatto di magie, il forte pastore dai grandi occhi ardenti non seppe mai spiegarsi come la pietra avesse parlato, come i ceri eransi spenti e come il fucile aveva fatto fuoco; però nove mesi dopo ebbe la gioia di pigliare fra le sue braccia robuste un bel marmocchio di cui Saveria lo rese padre. Allora si pentì amaramente di non aver sparato in aria; ma non potendo far rivivere il mago, si contentò di fargli dire una messa di suffragio nella vecchia chiesetta della montagna.

ANCORA MAGIE

Zio Salvatore, il nostro vecchio fattore, cominciò;
— Figlioli miei, io non sono stato sempre
agricoltore: ero nato per diventare qualcosa di
grande, prete almeno, ma i casi e l'estrema povertà della
mia buona mamma, non lo permisero. Tuttavia durante la
mia fanciullezza feci il sagrestano nella nostra chiesetta di San
Giuliano, e solo allorchè, smessa ogni vocazione religiosa,
pensai di ammogliarmi, mi scossi via il profumo d'incenso
e di cera che esalava dalle mie vesti, e, vestitemi le ghettoni
posi a lavorare la terra.

Sentite dunque: era l'ultimo anno della mia... *segrastania*
e ne contavo già ventidue.

Una sera di novembre, all'imbrunire, me ne stavo
seduto al di fuori della nostra casetta, sul carro di un vicino,
e guardavo in fondo alla via. Siccome faceva freddo nessuno
si degnava tenermi compagnia, e anch'io, certo se non fossi
stato spinto da un forte motivo, non sarei rimasto là. Vedevo
i monti, già coperti di neve, tutti velati di nebbia, sentivo

giù dal cielo fosco stillare un'umidità gelata che trapassava il mio cappotto, e il vento freddo m'imporporava il naso, eppure non mi muovevo. Il campanile nero di San Giuliano, facendo di tanto in tanto capolino fra la nebbia e le tinte fosche dell'imbrunire, mi avvertiva esser l'ora di recarmi a sonar l'*ave*, eppure io restavo là duro, stecchito, immemore del mio dovere. Ciò che più mi tentava era l'allegro schiopettare del fuoco, dentro, nella nostra cucinetta calda ove mamma preparava un buon minestrone di fagiuoli con cavoli, un vero lusso sapete, aizzando ogni tanto con la sua voce tremula l'asinello che funzionava ancora, monotono e lento, intorno alla macina in un angolo della cucina. Guardavo ogni tanto il tetto basso e umido che fumava e il peronsie del buon fuoco accresceva il mio freddo, pure non mi muovevo, come fossi incantato. — Ah, si, ero proprio incantato. Un'ora prima, all'uscita della novena, Graziarosa, mi aveva detto con mistero:

— Compare Batò, devo parlarvi: attendetemi fra un'ora davanti a casa vostra. — Graziarosa parlarvi, darmi un convegno! Era una cosa che io non sognavo neppure: perchè dovete sapere che, innamorato pazzo di lei, lei non mi aveva mai voluto ascoltare, anzi mi derideva chiamandomi: compare campanile! Come soffrivo Dio Santo! Graziarosa si credeva un gran che perchè serviva in casa del Sindaco, il

più ricco signore del paese, e accompagnava la padroncina donna Daniela, a passeggio; era una bella ragazza, Graziarosa, con gli occhi verdi, e io ne andavo pazzo: ma lei non mi dava uno sguardo, anzi pretendeva di maritarsi con un signore! figuratevi però che signore! uno che avesse pantaloni, ecco, talchè io, esasperato, quando lo seppi, le cantai persino sotto la sua finestra, una canzone infame:

Teracas chi signoras bos cheries...

Essa minacciò di farmi bastonare da suo fratello: io stavo per farle comporre una poesia scandalosa da un poeta che scriveva così canzoni per l'uno e per l'altro mediante la ricompensa di sette *pezzas*¹, allorchè mi diede il convegno, con buona grazia e chiamandomi insolitamente col mio vero nome.

Ecco perchè, io che, ben potete figurarvi, l'amavo sempre, me ne stavo quella sera al fresco, tranguggiandomi la nebbia e col naso rosso...

Come Dio volle Graziarosa arrivò: ritornava dalla fonte, le mani avvolte nel grembiale e il viso livido dal freddo. Appena la vidi mi alzai di scatto e le andai incontro palpitando e mormorando!

1 Ogni *pezza* corrisponde a 50 centesimi.

— Che diavolo! vi attendo da due ore, sapete. Ed ho da suonar l'*ave*!

Un sorriso beffardo le increspò le labbra: depose l'anfora su un muricciuolo e mi rispose, guardandosi attorno: Altro che *ave*, compare mio! Si tratta di scudi. Volete guadagnarvene venti?

La fissai bene, e pensai: A che vuol concludere? Anch'io mi guardai attorno, ricordandomi la sua minaccia, e dubitando che il fratello fosse là dietro il muro, ma non vidi nessuno. Solo a venti passi la mia casetta nera, fra la nebbia invadente e il crosciare minimo della nostra macina mossa dall'asinello, Graziarosa si accorse della mia... stavo per dire paura.

— Su, — disse, facendosi seria, non state a fare il matto. Non ho tempo da perdere. Ditemi se volete guadagnarvi venti scudi...

— Assicuratomi che parlava sul serio e visto che potevo fare il galante senza correre alcun pericolo cominciai a far gli occhi languidi imbambolati, e risposi: Comare Graziarò, se dite davvero, e se si tratta di farvi un piacere, parlate pure subito... Già, lo sapete, io sono pronto a gettarmi nel fuoco per voi: purchè mi vogliate un po' di bene, io, senz'altra ricompensa, vado all'inferno...

— Ufh!.. — esclamò la ragazza fissandomi. Siete un fanfarone! E non che andare all'inferno, ma scommetto che non mi farete punto il piacere che vi chiedo, che è poi

per altri... Vi sono cento lire per me e cento per voi, senza contare l'amore che d'ora innanzi vi porterò...

Queste ultime parole mi entusiasmarono tanto che, non sapendo come meglio ringraziare Graziarosa, cercai farle qualche carezza, sembrandomi giù di aver qualche dritto su di lei. Ma essa diede indietro dicendo: Abbasso le mani, compà, o vi piglio a schiaffi... ohè!

Brutto prologo del suo promesso amore! Siccome la notte avanzava e il vento strideva più forte fra la nebbia, Graziarosa proseguì:

— Stanotte di certo la padrona mi manda via... E donna eh, da perdonarmi! Dunque facciamo presto. Prima però di dirvi di che si tratta bisogna mi giuriate che non svelerete mai nulla, acconsentiate o no, nè che mai pronunzierete il nome mio se narrate questo fatto! — Io, appunto perchè sapevo che avrei fatto il contrario, conoscendo bene il mio carattere, proferii i più orribili giuramenti. Allora Graziarosa, a voce sommessa, mi fè noto ciò che voleva: era qualcosa di orrendo per me. Si trattava nientedimeno che di darle, mediante la sopradetta ricompensa di venti scudi e il suo futuro amore, un po' di olio santo!..

Diventai pallido nel pensare che mi credevano capace di tanto: tremai tutto allorchè sentii che l'olio santo doveva servire per una magia; ma per quante preghiere facessi,

Graziarosa non volle dirmi che sorta di magia fosse e per chi servisse. Naturalmente negai, con orrore e terrore, compiere questo sacrilegio, per quanto mi tentasse sempre la strana promessa dell'amore di Graziarosa e un pochino anche i cento franchi. Oh, avere cento franchi e saldare con essi l'unico debito che aveva la mamma sin dal tempo in cui era morto il babbo! Cento franchi! Erano per me un sogno, grande quanto quelli che mi dava la disperata passione per Graziarosa, ma averli a quel prezzo! Prima mi fossero piombati cento fulmini! Avrei ucciso meglio un uomo! E lo dissi francamente alla ragazza.

— Vedete, avevo ragione io! E dicevate di andare all'inferno!...

— Oh, chiedetemi tutto ciò che volete, ditemi di fare qualunque altro delitto e lo farò per voi, ma questo no, questo no, no, no...

Dopo lunga contesa Graziarosa se ne andò via pestando i piedi ed io rimasi come un sonnambulo, là, a occhi aperti senza veder nulla, con tanto di naso rosso fra la nebbia, chiedendomi se tutto non era una visione.

Quella sera a San Giuliano non si suonò punto l'*ave*, ed io non presi alcun gusto al minestrone di fagioli preparato dalla mamma, la quale mi disse!

— Sei malato! — E volle farmi bere del latte caldo per farmi sudare!

— Circa un mese dopo, causa un gran temporale, rovinò il tetto a una casa vicina alla chiesa: la sventura volle che quella casa fosse appunto quella del nostro creditore che, povero come noi, ci scongiurò a pagarlo alla fine, dopo tanti e tanti anni.

Non avevamo neppure dieci franchi disponibili, sicchè pregammo tanto il nostro creditore ad avere pazienza, ma come poteva pazientare quel povero diavolo con la casa scoperta? E in inverno? In breve: citò la mamma. Fu quella una brutta giornata per noi che non sapevamo neanche di che colore fosse l'usciera, che non avevamo mai posto piede, neppure come testimoni, in un tribunale. Ci sembrò una infamia, un'onta, tanto più che sapevamo di non poter assolutamente pagare.

San Giuliano mio! Cercai ogni pertugio, pregai tutti, ma ahimè, se ora il denaro è morto allora era moribondo, e... non trovai un'anima che mi prestasse cento franchi. — Bisognava dunque rassegnarci a lasciar fare spese e metterci all'asta le masserizie?

Fra tanta disperazione una notte mi ricordai i cento franchi di Graziarosa, e, ve lo confesso, ero così desolato e disperato che per un momento ebbi il sacrilego pensiero di dare l'olio santo. Ripensai a che poteva servire, e ricordandomi che avevo sentito dire esservi certi signori

che non credendo più in Dio e nei santi, per fare uno sfregio alla nostra Santissima Religione, usano battezzare asini, cani e simili animali, parodiando in orribile modo il Battesimo e adoperando il vero olio e acqua santa, mi sentii rizzare i capelli e mi chiesi come mai, per un solo minuto avevo deliberato di dar mano a questa perdizione.

Ma il pensiero del nostro malanno incalzava sempre più tenace e il demonio mi assaliva da ogni parte: oramai l'idea dei cento franchi di Graziarosa — non ricordavo punto la promessa del suo amore... — e delle nostre povere masserizie poste all'asta in pubblica piazza, onta e ludibrio estremo, mi si confondevano così nella mente, che mi posi fervorosamente a pregare per scacciare la tentazione! San Giuliano, San Giuliano mio, ajutatemi voi o sono perduto. Ma invano, invano! Quella notte il mio patrono doveva essere sordo o non udiva le mie preghiere causa il forte soffiare del vento...

Fatto sta che il demonio mi vinceva e nulla valeva a scacciarlo. All'alba ero ancora sveglio, lottando sempre contro quell'orrendo pensiero: alla fine mi rivolsi a Santa Barbara, ch'era la santa della mia povera mamma, e la pregai tanto tanto di salvarmi, se non per i miei meriti per misericordia di quella buona vecchia di mia madre, che mi esaudì. Ne son certo, è stata lei, Santa Barbara, a salvarmi, a ispirarmi, ad ajutarmi.

Zio Salvatore qui ci fece un lungo sermone che vi risparmio per quanto interessantissimo, poi proseguì, noi sempre attenti e curiosi!

— Fatto appena giorno mi recai in casa del Sindaco e chiesto di Graziarosa le dissi: — Comare Graziarò, per quell'affare ho bene pensato, sapete...

— Come? — disse lei spalancando gli occhi e attirandomi in un angolo remoto del cortile. — Acconsentite? Ma parlate piano.

— Sì! — risposi, io pure stralunando gli occhi. E siccome volevo guadagnar molto, giacche mi ci ero messo; — Ma sentite, lo faccio per voi, perchè non posso più resistere... Se sapeste come vi amo! Se voi seguitate a fare così la crudele io me ne muoio, me ne muoio a dirittura...

— Piano, compà... — mormorò la serva guardando con timore le finestre ancora chiuse dei padroni. — Se vi odono mi mandano via. A questo poi ci penseremo dopo... Ditemi dunque?

— Stasera passate in casa, tornando dalla fonte!...

— Sul tardi Graziarosa infatti passò ed io le consegnai una piccola ampollina di olio. Vidi i suoi grandi occhi verdi

scintillare allegramente e per poco non mi baciò. Nascosta ben bene l'ampollina mi consegnò un biglietto da cento lire che io, dopo molte finte cerimonie accettai. Quella sera cominciammo a parlare d'amore, e quella sera dal campanile nero di San Giuliano risuonò la più allegra *ave maria* che si possa immaginare, tanto allegra che non pareva *ave maria*.

Dopo qualche anno Graziarosa diventò mia moglie: solo allora volle confidarmi il segreto dell'olio santo.

Donna Daniela, la sua padroncina, che benchè ricca era un tantino brutta e antipatica, innamorata da morirne di un suo cugino, bel giovine e laureato, viste riuscite inutili tutte le altre seduzioni, era ricorsa ad una famosa maga di un villaggio vicino.

— Si procuri un pò d'olio santo, — rispose la maga, — e ne unga la fronte del giovine mentre dorme, una notte di luna piena, a mezzanotte precisa... — Graziarosa, intima confidente di donna Daniela, aveva subito pensato a me che, come sagrestano, potevo procurarle l'olio santo. Avuto questo, donna Daniela, sempre a furia di denaro e di mistero, crasi una notte di plenilunio introdotta in casa del cugino e gli aveva unto la bellissima fronte mentre egli dormiva e la mezzanotte suonava. La maga aveva detto che dopo questa operazione il cugino doveva anch'egli innamorarsi pazzamente di Daniela...

— E invece?... — chiesi io a Graziarosa. — Il cugino?

— Invece, — mi rispose lei con melanconia, — non solo se ne innamorò, ma poco di poi partì per Cagliari e sposò un'altra ragazza.

— Figuriamoci! — esclamai dando in una gran risata.
— Sfido io! Quello che ti consegnai era semplice olio che di santità non conosceva neppure il nome²!

2 Questo racconto è storico, come è storico il precedente del quale, a suo tempo, si occuparono persino i giornali dell'Isola.

ROMANZO MINIMO

Su, in alto, sullo sfondo azzurrino delle montagne calcaree, sotto il cielo fresco di una dolcezza profonda da cielo di paesaggio fiammingo che mi ricorda i quadri più noti di Van-Haanen, la nostra casa verde dominava il villaggio: col suo tetto aguzzo su l'elegante cornicione bianco, le finestre gotiche al secondo piano e il verone che la circondava tutta al primo, esile, alta, la tinta verde smaltata dal sole, pareva una casetta cinese di porcellana, così fresca e allegra che ancora, nonostante il triste caso che vi racconterò e che mi costrinse ad allontanarmene per sempre, il suo ricordo mette una nota gaia nelle memorie della mia fanciullezza.

Son passati vent'anni. Allora tutta la nostra famiglia, la nobile famiglia dei Maxu, la più ricca del villaggio, era composta da me, elegante studente di giurisprudenza, da mio padre più elegante ancora di me benchè contasse quarant'anni suonati, aristocratico cavaliere di montagna che viveva cacciando aquile e cinghiali nei nostri immensi

boschi d'elci e di roveri, e da una cugina orfana di cui egli era tutore, ed io naturalmente innamorato.

Però non l'avevo sempre amata: mi ricordo anzi che (in da bambino provavo una sorda antipatia per essa, forse perchè ogni volta che venivamo a lite, lei grande e forte — eravamo quasi della stessa età — mi picchiava cordialmente come l'ultima delle monelle, minacciandomi sempre di vendicarsi meglio fra qualche anno.

Venuta poi in casa nostra, dopo morta sua madre, io avevo trascorso persino notti insonni roso dal crepacuore di vedermi sempre accanto quella piccola furia così viziata e maleducata: di vederla signora e padrona della mia casa, accarezzata da mio padre di cui io, io solo, dovevo esser l'idolo... Dal canto suo poi Gabriella o Gella, come la chiamavano, mi professava pochissimo amore. Accortasi però della mia cattiva accoglienza cambiò completamente di carattere e, cessato il suo dolore per la madre, non riprese la vita antica, ma si chiuse a mio riguardo, in una fredda riservatezza che finì col farmela addirittura odiare. Non mi parlava quasi mai; mi passava davanti senza guardarmi, e andando su e giù per la casa, imponendosi su tutto e su tutti con una dolcezza silenziosa e nuovissima in lei, pareva non accorgersi neppure di me. Fremevo di rabbia: avrei dato dieci anni di vita perchè Gella mi avesse procurato il menomo

motivo di accusarla a mio padre, e cercavo tutti i mezzi per accendere almeno una delle nostre antiche liti, ma sempre invano. Lei non badava a me, e tutt'al più rispondeva con un sorriso di disprezzo alle mie insolenti provocazioni, alle mie acri allusioni sulla sua condizione d'intrusa nella mia casa... Si è che io ero ancora un bimbo coi miei sedici anni e lei una fanciulla precoce che forse sognava già Dio sa che cosa coi suoi quattordici. L'avremmo forse finita male, se, sopravvenuto il Novembre, io non fossi partito per i miei studi.

Nove mesi di lontananza temprarono la mia antipatia, tantochè ritornai con tutte le possibili buone intenzioni di pacificazione; ma Gella non aveva punto cambiato di opinione, e, non solo mi accolse freddamente, ma abituata col tempo alla nuova casa, mi sembrò mi considerasse come ospite più che padrone!... E così uno, due, molti anni. Stancatomi di accarezzarla e di perseguitarla finii anch'io con l'imitarla. Nessuna confidenza, nessun affetto, nessuna di quelle fini attenzioni o di quei dispetti effimeri abituali in persone che vivono sotto lo stesso tetto correvano fra me e Gella; e mentre nel villaggio si diceva che appena laureato avrei sposato mia cugina, neppure un barlume vago d'amore, neppure il minimo pensiero ci univa, noi che ci sedevamo ogni secondo, noi ch'eravamo diventati due bellissimi giovani; io bruno, elegante, rumoroso così che al mio arrivo mettevo

tutto il villaggio in fermento; lei sottile, eterea, bionda, con gli occhi impenetrabili, dell'azzurro pallido ma ardente delle montagne calcaree che dominavano la nostra casa, la carnagione rossa vellutata, sulle guance formanti due affascinanti fossette ogni volta che lei si degnava sorridere, sul collo, sulle orecchie piccine piccine e persino sulle mani. Vestiva sempre di bianco, in casa e per fuori: non un nastro, un gioiello, un solo filo di colore, mai e poi mai. Ed io, che odiavo il bianco, la chiamavo ironicamente Cassandra Fedele ma lei, al solito, non badava punto ai miei scherzi.

Una notte, assai tardi, nel chiudere la finestra della mia camera, vidi Gella nel verone del primo piano. Ritta, immobile, con le mani intrecciate sulla balaustrata, vestiva, come sempre di bianco, un abito lungo, morbido, che la rendeva più alta e sottile: le maniche, larghissime dal gomito in giù, le cadevano all'ebrea lungo i fianchi eleganti, lasciando nuda parte delle sue braccia esili, ma ben fatte, e i capelli crespi, indomabili, le scendevano sulle spalle, metà a treccia ed il resto disciolti.

Il raggio della luna al declino, battendole sul viso, la rendeva così bianca, diafana e fantastica che io, benchè tanto mal disposto verso di lei, non potei non solo far a meno di confessarmi ch'era bella, ma rimasi estatico sul davanzale a contemplarla, come un'apparizione sovranaturale... Ma che faceva lì a quell'ora? Non mi ricordavo d'averla veduta mai così tardi al verone, e sapendola pochissimo entusiasta per gli incanti della notte, pensai che aspettasse qualcuno, rammentandomi repente che Gella era in un'età in cui una fanciulla bella è impossibile non abbia un innamorato.

Sì! Gella aspettava! Istintivamente sentii rinascere entro di me tutti i vecchi rancori contro mia cugina, o almeno qualcosa che qualificai per ciò. Ero poco profondo psicologo per accorgermi che invece ero geloso, forse anche prima di essere innamorato, e senza ben percepire la causa della mia subitanea indignazione, sembrandomi che Gella disonorasse la nostra casa con la sua legerenza di ragazza che parla di notte con un uomo, sentì il cervello offuscarmi dolorosamente, mentre, nello stesso tempo, provavo una strana gioia pensando che potevo finalmente umiliarla. Umiliarla, oh, umiliarla!... Vedere finalmente chinare quegli occhi alteri e misteriosi, quella fronte fredda e ironica innanzi a me! Che vittoria!... E ritornato bambino senza per nulla ponderare la mia azione odiosa e leggera, lasciai la finestra, scesi e comparvi

vicino a Gella, con la cera di un marito che coglie la moglie in fragrante, dicendole a voce bassissima, ma imperiosa: Che fai lì a quest'ora?...

Strappata bruscamente alle sue profonde fantasticherie, vidi Gella impallidire orribilmente e guardarmi spaventata, tremando da capo a piedi: tutte dimostrazioni aggravanti che accrebbero i miei sospetti. Ma in un lampo si rimise, ritornò rossa ed i suoi occhi scintillarono cupamente.

— Ciò che mi pare e piace! rispose con voce aspra, dandomi le spalle e appoggiandosi alla balaustrata. Era la prima volta che, dopo che era in casa nostra, la vedevo commuoversi in tal guisa. Per un effetto misterioso, la sua voce mi fece ritornare in me e arrossire della mia poca galanteria. Ma troppo altero per chiederle scusa, — ricordandomi intensamente il suo bizzarro procedere verso di me, — mi accontentai di mentire vilmente, come una donnicciuola, per giustificarmi!

— Bada, Gella, m'hanno detto, che amoreggi con Anni, il medico condotto, e che vi parlate ogni notte... Se avesse buone intenzioni ti avrebbe già domandata a papà, e invece... Gella, non offenderti, te lo dico per il tuo bene... Vedendoti così tardi al verone ho pensato che lo aspettassi e son sceso... Ma credo che ciò sia bugia... Gella... io non ci credo... ma se fosse...

Non potei proseguire: quella bugia, quell'infame bugia, mi serrava la gola, m'inaridiva le labbra. Gella rimase immobile e non rispose.

Volevo continuare la mia poco lodevole commedia; volevo chiederle perdono e non potevo nulla: alla fine me ne andai senza quasi avvedermene, e ritornai alla mia finestra chiedendomi se non sognavo.

Vidi Gella sempre là, china sul parapetto, col volto fra le mani...

Piangeva! Un pianto silenzioso e disperato interrotto di tratto in tratto da singulti spasmodici che mi agitavano la persona come scosse elettriche... Non saprei mai descrivere ciò che provavo nel veder Gella piangere per mia colpa: maledicevo il mio sospetto, e morsicandomi le labbra a sangue restavo là, inchiodato sul davanzale, col cuore che mi scoppiava in seno.

La luna cadeva sempre, nell'estremo orizzonte aperto, tinto di un lieve splendore roseo, sfumante su, su, in toni di un viola azzurrastro, argenteo, cinereo, e spirava la brezza dell'alta notte che portava fino a me il profumo dei mirti delle agavi biancheggianti nella pianura immensa che si stendeva sotto il villaggio silenzioso, e i profumi acri delle montagne di calce irrorate dall'umidità della notte autunnale. — Un usignuolo cantava fra i roseti gialli del nostro giardino: la sua musica

fine e triste destava in me, magnetizzato dall'aspetto pallido del paesaggio, inebbrinato dagli umidi profumi del vento, e i nervi posti in sussulto dal pianto di Gella, la sensazione mista d'angoscia e voluttà provata una volta, nella città dove studiavo, nel sentire una suonata pensosa e melanconica di Mozart, eseguita al piano da una signorina tistica e moribonda...

Rimasi così a lungo: e dopo molto tempo mi ritrovai vicino a mia cugina, con le mani contratte sul ferro gelido del parapetto...

La luna tramontata, sul paesaggio regnava ora un vago barlume bianco, sidereo, e il vento soffiava così freddo che mi costringeva a battere i denti. Gella non piangeva più e non tremava punto come me. Non ostante l'oscurità la vedevo sempre, bianca in tutta la persona, persino nei capelli biondi e negli occhi pallidi, fuorchè sul viso e sulle mani rosee, e pensavo che quel volto, quelle labbra di corallo e quelle mani dovevano scottare...

— Gella — cominciai non posso andar a dormire senza averti chiesto perdono... E lei; rizzatasi, restò muta. — Gella, — proseguì, — perdonami se ho osato dubitare così di te. Oh, le cattive lingue, i vili!.. Ma tu sei così buona che mi perdonerai non è vero? Rispondi... Gella... su, Gella... rispondi!

— Domani vado via da questa casa! rispose essa alla fine con la voce ancora piangente. Ho compiuto il ventun anno!

— Che cosa hai tu detto, Gella? Ma sei pazza?... — diss'io spaventato, e siccome lei non proseguiva, me le avvicinai per guardarla bene in volto. Essa non si mosse, ed io sentii il profumo delle sue vesti salirmi al cervello. Smarrivo le idee. In un'ora m'ero tanto innamorato di mia cugina da perderne la ragione: parrà impossibile, eppure è così. — L'ambiente, l'ora, il pentimento d'averla offesa e calunniata, il suo pianto, persino il canto magico dell'usignuolo, la veste fantastica e bianca da dama del cinquecento che mi ricordava vagamente Gabriella d'Estrées, la famosa amica di Enrico IV, i capelli semi sciolti, i profumi che ne circondavano, tutto contribuiva a infiammarmi il sangue, costringendomi a operare e parlare quasi che nelle mie vene corresse un filtro d'amore, potente, repentino e indomabile. — E dissi subito tutto questo a Gella, con frasi di fuoco, rotte, balzanti, ardite, che ora non ricordo più, che vorrebbero dieci pagine per essere trascritte.

Quando tacqui, stanco e ansioso, Gella mi confessò che anch'essa mi amava!... Allora, entusiato, pazzo, fuori di me, la strinsi quasi brutalmente fra le mie braccia e, lei riluttante, la baciai sulla bella bocca di corallo, che trovai fredda come la neve, che restò fredda non ostante i miei lunghi baci di fuoco!...

Quel mese di ottobre fu il mese più strano della mia vita. Di giorno io e Gella proseguivamo le parti antiche, freddi e indifferenti, ma di notte i convegni più ardenti

e romanzeschi ci riunivano o nel verone o nel roseto del giardino, nell'oscurità azzurrognola delle notti interlunari o fra i silenzi gemmei dei magnifici pleniluni. Solo nelle notti piovose ci riunivamo nel piccolo salotto nero, caldo, a cui la luce tenue della lampada dava un vago ambiente di santuario. Nel divano antico di lampasso a fiorami lividi, Gella col suo costume bianco pareva una santa medioevale, una madonna latina dal volto a riflessi d'oro, ed io, spesso prostrato sul tappeto, adorandola, rappresentavo benissimo la parte di devoto. Diventavo sempre più innamorato: di giorno in giorno il mio amore prendeva proporzioni immense: un amore che mi avrebbe ucciso se non corrisposto. Di giorno spasimavo perchè costretto a nascondere. Gella mi aveva detto: — Non voglio che nessuno, neppure tuo padre, sappia che ci amiamo, finchè tu non sia in grado di sposarmi, cioè laureato. Se tu dici una sola parola, se dai un solo sospetto, tutto è finito fra me e te! Di notte soffrivo: pur stringendomela al seno, pur baciandola e sentendomi dire da lei: — Sarò tua, tua per sempre, e amerò sempre te, te solamente! soffrivo qualcosa d'immane; un'angoscia incomprensibile che confusa alla intensa voluttà di trovarmi con Gella e di sentirmi amato da lei, produceva una specie di pazzia nel mio cervello sconvolto. Tutto mi turbinava attorno e confondevo il passato col presente, i sogni con la realtà.

Se in quel tempo avessi scritto il mio giornale, avrei formato il più interessante dei romanzi psicologici, perchè son convinto che nessun uomo sia stato più stranamente e completamente innamorato di me.

Quando giunse il Novembre e mi decisi a partire mi sembrò che mi destassi da un lungo sogno: l'ultima notte che passai con Gella sulle mie ginocchia, ricordo d'aver pianto come un bambino, e non scorderò mai il brivido provato nel sentirmi dire da lei: E se al ritorno mi troverai... morta?...

Mi guardò tremare con un freddo sguardo e la sentii mormorare cupamente: — Altre volte non ti dividevi così da me! — Ma non posi mente al suo sguardo e alle sue parole: vi ripensai solo più tardi.

... Partì. Nei primi mesi parevo inebetito: non studiavo, non mangiavo nè dormivo, e scrivevo a Gella lunghe lettere che... non le mandavo perchè così voleva lei, per non dare dei sospetti: ma a poco a poco mi abituai alla lontananza e col tempo il mio amore entrò in un'altra fase: amavo sempre, più che mai, ma non soffrivo più: speravo. Mi diedi a studiare con ardore e passai splendidamente gli esami.

Un anno ancora e Gella sarebbe mia! Che sogni, che progetti, che ardenti speranze, che gioia al pensiero del ritorno! L'ultima lettera del babbo mi mise però di cattivo umore e rattristò orribilmente il mio viaggio: mi pregava

di affrettare il ritorno e mi prometteva la più viva delle sorprese al mio arrivo...

I più brutti presentimenti mi si affacciarono al pensiero, tutti concludenti che Gella si fosse fidanzata ad altri... forse anche sposata, circondandosi di mistero per atterrarmi più sicuramente! Provavo le vertigini a quell'idea, e meditavo persino la vendetta da eseguire se Gella mi avesse davvero così tradito... Ma con chi e per chi?... Nessuno dei pochi signori del villaggio era giovine, ricco, bello e aristocratico come me, nessuno poteva amarla come l'amavo io, nessuno poteva offrirle uno stato da signora come quello che godeva in casa mia! Perchè dunque tradirmi, dopo tanti giuramenti e lagrime, dopo i nostri baci e le nostre promesse? Ma invano cercavo rassicurarmi. Mentre la vettura mi trasportava al villaggio, attraverso le campagne deserte, per le chine coperte di robinie lussureggianti e di timavi che impregnavano l'aria fresca dell'alba con olezzi d'incenso, sotto i boschi di roveri intricati ad eriche selvaggie, mi tornava acuta al pensiero la memoria della lunga antipatia corsa fra me e Gella, i dispetti che le avevo continuamente fatto, le sue minaccie di bambina cattiva di vendicarsi più tardi, il suo disprezzo, la sua gelida inimicizia. Mi risovvenivano le sue labbra fredde sotto i miei baci di fuoco, i suoi occhi impenetrabili sotto il mio sguardo delirante... e quel patto orribile di tacere il nostro amore...

Ero perduto, perduto, perduto! Gella non mi aveva amato un solo istante, ma finto di amarmi per rendermi pazzo per vendicarsi col tradirmi ad un dato momento! Sicuro di ciò mi torcevo le mani e smaniavo come un ossesso, ma quando potei scorgere, dietro le alture brune dell'orizzonte, il profilo dei miei monti, tutti color di rosa alle prime carezze del sole e sul fondo d'oro del cielo, risi delle mie paure, mi chiamai pazzo e proseguì il viaggio sorridendo, tutto inebbrato dagli splendori della magnifica mattina, certissimo che Gella mi aspettava ansiosamente, senza più pensare alla sorpresa promessa.

... Trovai mio padre e Gella che mi aspettavano al pian terreno, nella stanza da pranzo, e fui subito colpito da tre cose: l'arredamento vecchio della stanza era scomparso e sostituito da un nuovo, ricco e splendido: papà pareva ringiovanito, elegante, vestito di nero, gli occhi scintillanti di gioia: (la barba bionda, corta, divisa sul mento gli dava un'aria bellissima che lo trasformava tutto;) Gella vestiva di colore!...

Se ne stava in fondo alla stanza, le spalle appoggiate alla finestra chiusa, e benchè il suo viso restasse oscuro sul fondo luminoso dei vetri la cui luce le circondava i capelli con una sfolgorante aureola, mi parve pallida, ma gli occhi scintillanti di un sorriso misterioso. — Tutte queste osservazioni le feci in un lampo e solo dopo le potei ben delineare. In quel

momento ero così esaltato che corsi prima a Gella che a mio padre, in atto di abbracciarla. Ma lei mi stese freddamente la mano. — Mio padre intanto, contento senza dubbio del mio insolito slancio d'affetto per Gella, si arricciava i baffetti biondi, e mi diceva con un sorriso:

— Abbracciala pure. È mia moglie!...

LA DAMA BIANCA

Vicino ad uno dei più pittoreschi villaggi del Nuorese, noi abbiamo un podere coltivato da una famiglia dello stesso villaggio.

Il capo di questa famiglia, già vecchio, ma ancora forte e vigoroso, — strano tipo di sardo con una soave e bianca testa di santo, degna del Perugino, — viene ogni tanto a Nuoro per recarci i fitti ed i prodotti del podere, e ogni volta ci racconta bizzarre storie che sembrano leggende, — invece accadute in realtà tra i monti, i greppi, e le pianure misteriose ove egli ha trascorso la sua vita errabonda, e a molte delle quali egli ha preso parte.. Egli si chiama zio Salvatore. Ecco dunque l'ultima storia che egli ci ha raccontato, che molti non crederanno, e che pure è realmente avvenuta in questa terra delle leggende, delle storie cruente e sovranaturali, delle avventure inverosimili.

Era una notte di maggio del 1873. In una capanna perduta nelle *cussorgias* solitarie del villaggio di zio Salvatore, due giovani pastori dormivano accanto al fuoco semi-spenso.

Fuori, vicino alla capanna, le vacche dormivano nell'ovile di pietre e di siepe, e la luna d'aprile, tramontando sull'occidente di un bel roseo flavo, illuminava la campagna sterminata, nera, chiusa da montagne nude, a picco. — A un certo punto uno dei pastori si svegliò, e rizzandosi a sedere guardò se albeggiava. Visto che la notte era ancora alta ravvivò il fuoco, e, a gambe in croce restò un momento muto, immobile, tormentato da un pensiero; poi svegliò il compagno.

Erano entrambi bruni, simpatici e forti, ma il primo svegliato, che si chiamava Bellia, cioè Giommara, era più alto e ben fatto, con una testa signorile che colpiva, e faceva chiedere se a chi apparteneva non era figlio di qualche ricco Don.

— Antonio? — chiamò, scuotendo il compagno per svegliarlo.

— Che c'è? Cosa accade?... — rispose Antonio, balzando a sedere inquieto e con gli occhi spalancati. — Che cosa c'è?

— Nulla. Ti ho svegliato per dirti una cosa. Senti. È la terza notte che sogno il medesimo sogno. Io non credo ai sogni, ma perdio, quando si sogna per tre notti di seguito sempre la stessa cosa, c'è da pensare.

— Mi hai svegliato per ciò? — chiese l'altro con un sorriso scettico e di compassione. — Hai forse tu sognato che ti portavano alla forca?

— Nò, — esclamò Bellia senza scomporsi. — Senti. Mi appare sempre in sogno una signora vestita all'antica, così credo io perchè le signore ora son vestite diversamente, con un mantello di velluto bianco che la copre da capo a piedi.

Ha il volto bianco come il suo manto, e gli occhi neri, enormi, con sopracciglia arcuate, folte e congiunte, e i capelli, pure neri, attortigliati intorno alle orecchie...

— Bè! come le Olianesi! — esclamò Antonio con ironia, che si interessava poco a quel sogno e aveva molta voglia di riaddormentarsi.

— È sempre la stessa... tre notti di seguito, comprendi?

— Cosa diavolo ti fa? Sognare delle dame, perdio!

— Aspetta. Mi guarda a lungo, con quegli occhi severi bellissimi che mi fanno paura e meraviglia, e mi dice: Bellia, cammina, cammina! Va nei campi di San Matteo, presso il bosco, vicino al torrente. Troverai una pietra di granito, a dieci passi dal torrente, presso il primo albero del bosco, il più grosso che c'è. Leva la pietra: troverai un'altra pietra fissa al suolo.

Leva anche questa e vedrai una croce di ferro posta attraverso ad un buco. Bellia, cammina cammina, arriva oggi stesso: altrimenti i tuoi passi saranno perduti e il demonio s'impossesserà della tua fortuna.

— Accidenti, che bel sogno! — gridò Antonio. Ma, nonostante la sua scettica ironia, egli sentì un brivido

serpeggiargli per le reni. Nella sua infanzia aveva udito tante storie di tesori nascosti, custoditi dal diavolo che se ne impossessava, se dopo un certo tempo non venivano ritrovati, e nella sua prima giovinezza gli era accaduto un fatto strano di quel genere: una notte, fuggendo attraverso un bosco, inseguito dai carabinieri, perchè allora egli latitava, imputato di un omicidio di cui più tardi era stato assolto, aveva veduto, al chiaro della luna, un mucchio di splendide stoffe, broccati, panni fini e sete, e due vasi pieni d'oro, e aveva chiaramente sentito una voce, uscente dal prezioso mucchio, dirgli: Fermati, tutto è tuo, fermati!

Ma, poco distante, egli udiva il passo dei carabinieri e gli era impossibile fermarsi: quindi proseguì la sua corsa. Scampato il pericolo, l'indomani tornò a quel sito, ma invece di stoffe trovò grandi pietre di granito nero in forma di pezze, e due tronchi bruciati che conservavano la figura di vasi.

Ad onta di tutto ciò egli, che credeva solo alla realtà delle cose, derise il proponimento di Bellia di recarsi, appena fatto giorno, al piano di San Matteo per cercare la pietra indicata dalla bianca dama del sogno. Ma l'altro, che non prestava anch'esso molta fede ai sogni, ma che ad ogni modo voleva assicurarsi, restò nella sua decisione per tutto il resto della notte e sarebbe senza alcun dubbio partito, se all'albeggiare, entrato nell'ovile, non avesse trovato una delle

sue migliori vacche, ammalata: era una bella vacca grigia, alta e intelligente, a cui Bellia voleva bene più che al resto delle sue vacche, e che chiamava col dolce nome di *Bella mia*.

L'improvviso malore di *Bella mia* gli fece scordare lo strano sogno e il progetto di recarsi al sito indicatogli dalla dama. Andò invece al villaggio e condusse con sé un vecchio pastore che conosceva e curava ogni più grave malattia del bestiame. Ma neppure zio Lallanu poté conoscere che razza di male fosse quello di *Bella mia*. Era un mistero: si sarebbe detto che la vacca era avvelenata o che avesse qualche spirito maligno in corpo. Neppure il veterinario, neppure il medico condotto seppero dirne nulla.

Tuttavia dopo qualche giorno *Bella mia* guarì improvvisamente, misteriosamente, come si era ammalata, e riprese a vagare tranquilla con le compagne, attraverso i campi freschi, tra i fieni odorosi di margheritine, con grande contentezza di Bellia che, naturalmente, non pensava più di andare lassù, nei piani rocciosi di San Matteo.

Qualche tempo dopo, però, Bellia e Antonio, cambiando le vacche da un pascolo all'altro, passarono per caso lassù. Era un lembo bizzarro di paesaggio: campi deserti e selvaggi di montagna, pieni di rocce e di felci, circoscritti da boschi di elci secolari e chiamati *campi di San Matteo* da una chiesetta pisana distrutta, là vicina.

I due pastori ricordarono il sogno o i sogni di Bellia, e Antonio fu il primo a proporre di guardare se c'era la pietra e l'albero sognato. Costeggiarono la riva del torrente asciutto, e arrivati vicinissimi al bosco, Bellia cambiò in volto di colore. Egli vedeva l'albero, il più grosso che si scorgesse, e vedeva la pietra di granito precisamente eguali come nel suo sogno!

— Perdio! perdio! — disse, bianco in viso e con gli occhi scintillanti. Si slanciò sulla pietra ma da solo non poté smuoverla, Antonio lo aiutò e, dopo molti sforzi, riuscirono a scostarla: sotto Bellia vide l'altra pietra, più piccola fissa al suolo, come la dama bianca del sogno aveva detto!

Allora anche Antonio si turbò, e senza dir nulla, continuò ad aiutare il compagno che, livido, con le labbra frementi, smuoveva la terra con le mani, intorno alla pietra. Riuscirono a trar via anche questa, e si guardarono in viso, muti, stupiti, spaventati: là sotto c'era la croce di ferro del sogno, posta attraverso di un buco. Bellia gridò:

— Lo vedi? lo vedi?... — Con uno sforzo supremo sradicò la croce dal suolo e introdusse il braccio tremante nel buco, e ne trasse un gran vaso di ferro arrugginito. Non è possibile descrivere la commozione dei due pastori, e specialmente quella di Bellia. Senza dubbio il vaso era pieno di oro e di perle, Dio santissimo... Dio santissimo!...

Con la leppa, specie di grossissimo pugnale a una lama, che i pastori nel Logudoro tengono quasi sempre infilata nella cintura, Bellia fece saltare il coperchio del vaso, e allora ricordò le ultime parole della dama: Arriva oggi stesso altrimenti il demonio s'impossesserà della tua fortuna. Il vaso era pieno di carbone e di cenere, sino in fondo!... Inutile ripetere i commenti la meraviglia, il terrore dei due giovani pastori.

Restarono convinti che là esisteva un tesoro e che il demonio secondo la tradizione e la leggenda sarda, se lo era appropriato giacchè al giorno preciso indicato da chi l'aveva nascosto, (la dama bianca, di certo) Bellia non lo aveva levato di là. Ricordarono allora lo strano malore di *Bella mia*. Sì certamente era stato lo spirito dell'inferno a far ammalare la vacca prediletta di Bellia per impedirgli di recarsi a San Matteo.

I due giovinotti dalla fantasia calda e immaginosa come tutti i forti sardi della montagna, credettero fermamente a ciò, e ripresero melanconici la loro via, dietro le vacche viaggianti, rimpiangendo il tesoro perduto, terrorizzati dal soprannaturale; e non dissero mai a nessuno questa arcana avventura, finchè un fatto accaduto più tardi, non li convinse più fermamente nella loro credenza.

Passarono cinque anni. Bellia, ammogliato e già padre di una graziosa bambina, viveva tranquillamente, modestamente, sempre facendo il pastore, quando un bel giorno di maggio del 1878 fu avvisato dal pievano che si recasse in casa sua. Bellia, che aveva poca relazione col vecchio pievano andò subito a trovarlo, pieno di curiosità su ciò che poteva dirgli.

Il pievano, di cui è inutile precisare il nome, morto dieci anni fa, l'attendeva nella sua piccola camera da letto, pulita e piena di luce; lo fece sedere vicino al suo seggiolone verde, poi andò egli stesso a chiudere la porta della stanzetta precedente, perchè, ad ogni caso... le sue piccole nipoti erano così curiose... Maria specialmente. Basta. Prese tutte le precauzioni possibili, il pievano andò a sedersi nel suo seggiolone si accomodò gli occhiali e spiegò sul tavolo una carta gialla, vecchissima. Bellia provava un vago sentimento di timore, davanti a tutti i solenni preparativi del vecchio pievano, e sussultò quando esso, tutto ad un tratto, gli disse con serietà:

— Questo foglio ti riguarda!

Il pastore cercò una risposta adeguata, ma non trovandola credette bene di star zitto.

— Io ho novant'anni, — proseguì il pievano, che pareva, sì, molto vecchio, ma che non dimostrava quell'età,

levandosi gli occhiali e fissando Bellia coi suoi occhi chiari, che sembravano più buoni e lattei, sotto le sopracciglia bianche, io ho novant'anni, figlio mio, e da circa settanta servo il Signore nel nostro villaggio. Non avevo ancora vent'anni quando celebrai la prima messa.

— Iddio lo faccia arrivare a cento! esclamò Bellia.

— ... lo stesso anno morì, vecchio esso pure, l'antico rettore della nostra chiesa, e pochi giorni prima di render l'anima al nostro Santissimo Creatore, mi disse: dopo la mia morte vi faranno senza dubbio pievano, quindi io devo affidarvi una grave missione. Sedete, che prima devo raccontarvi una storia. — Io mi assisi al suo capezzale e, rimasti soli, il mio vecchio e venerato rettore mi narrò questo fatto:

«Trentacinque o trentasei anni fa, cioè verso il 1773 ci era qui, in questo villaggio, un giovinotto della famiglia M. la quale vive tutt'ora. Era un giovine ricco, bello, notaio laureato, sposatosi poco prima a una damigella della città di Sassari, dove egli aveva studiato. La moglie si chiamava donna Maria Croce M***; figlia di un gentiluomo genovese e di una dama sarda, molto ricchi, stabiliti a Sassari, dove essa era nata. Poteva avere un venticinque anni, ed era molto bella, ma di una bellezza piuttosto severa con grandi occhi neri e sopracciglia arcuate, e i capelli attortigliati intorno alle

orecchie, alla fiamminga come diceva essa. Inoltre andava sempre riccamente vestita e usava portare un manto di velluto bianco.

«Forse a causa del suo strano vestire, che la rassomigliava a una fata, e perchè sapevasi che suo padre si diletta di fisica e di astrologia e che essa pigliava parte ai suoi esperimenti, appena arrivò qui si sparse subito la voce che malignamente diceva: donna Maria Croce se la intende con gli spiriti; donna Maria Croce ha stregato don Gavino, il marito, e lo ha costretto per forza di una magia a sposarla, e simili cose dell'altro mondo.

«Fatto sta che don Gavino, prima di ammogliarsi con essa, faceva l'amore con un'altra ragazza del villaggio, di buona famiglia, sì, e anche bellina, ma povera come Gesù Cristo, chiamata Rosanna. Anzi, per non perder tempo, essendoci solenne promessa di matrimonio, Rosanna e don Gavino si erano regalati una bella bambina. Fatto per cui la ragazza fu scacciata da casa sua, benchè Gavino giurasse e spergiurasse di sposarla appena finiti gli studi.

«Invece l'ultimo anno che passò a Sassari conobbe donna Maria Croce: e vederla, innamorarsene, chiederla in isposa, sposarla e portarla quaggiù, fu tutt'uno.

«Rosanna ne fece una grave malattia, ma non disse una sola parola di lamento. Ma erano passati appena sei

mesi che don Gavino si era sposato, allorchè una notte rientrando a casa sua un uomo lo afferrò e nel buio della via lo uccise a stoccate. Toccò allora a donna Maria Croce ad ammalarsi: e appena guarita, data di anima e corpo a cercare chi fosse l'assassino del marito, riuscì a scoprirlo in un giovinotto innamorato perduto di Rosanna, che gli aveva promesso la mano di sposa purchè uccidesse don Gavino. Donna Maria Croce lo accusò: fu arrestato, ma mancando le prove materiali del delitto, non ostante il denaro e la potenza della bella vedova, fu rilasciato libero.

«Tuttavia la dama era sicura del fatto suo, e giacchè la giustizia umana non la vendicava, decise di far vendetta da sè.

«Un anno era passato dalla morte di don Gavino, e in questo frattempo moriva anche il padre di donna Maria Croce, lasciandola erede di un grosso patrimonio. Essa partì a Sassari, vendette tutto, poi ritornò qui. Il giorno di Pasqua Rosanna sposò. La chiesa era affollata, e tra la moltitudine spiccava donna Maria Croce, vestita di nero, col manto bianco, e uno stiletto d'argento nella cintura, inginocchiata dietro la balaustrata dell'altare.

«Quando diedi la benedizione agli sposi, la vidi alzarsi ritta, bianchissima in viso e gli occhi fiammeggianti. Rosanna e lo sposo erano appena scesi dai gradini dell'altare, allorchè

essa si slanciò su loro, e col suo stiletto pugnalò il giovine dicendo: Vi rendo il vostro!

«Figuratevi il parapiglia, la confusione, le grida del popolo, e la scena che seguì. Rosanna svenne, poi si ammalò dallo spavento e morì dopo qualche mese, fra i più atroci rimorsi, giacchè per causa sua erano morti due uomini. Donna Maria Croce fu arrestata, e benchè a quei tempi la giustizia si facesse come si sia, non valse nè l'oro, nè le pratiche dei parenti, per diminuire la sua pena.

«Fu condannata ad essere impiccata, — e così fu.

«Prima di morire mi fece avvisare e si confessò. Poi mi disse di aver nascosto tutto l'oro tratto, dalla vendita del suo patrimonio, nel bosco di San Matteo, presso la chiesetta, in un vaso di ferro a piè di un albero. E mi confidò di voler lasciare questo tesoro alla terza generazione di Rosannedda, la figlia di Rosanna e di don Gavino, affinchè ciò servisse di qualche alleviamento ai suoi peccati, dinanzi alla misericordia di Dio.

«— Questo è il mio testamento, mi disse porgendomi una carta, conservatela e alla vostra morte consegnatela al vostro successore, perchè faccia altrettanto. Così dunque fino alla terza generazione di Rosannedda. Allora colui che avrà questa carta la consegnerà, pochi giorni prima della data indicatavi, al pronipote della fanciulla, ed egli vedrà il da

farsi. Lo avverta però di recarsi il giorno preciso, perchè se tarderà un'ora sola tutto sarà invano...

«Pregai la dama di spiegarmi questa frase, ma essa non volle dirmi nulla a proposito, epperò quel giorno, Dio mi perdoni, credetti anch'io che essa avesse qualche relazione col mondo soprannaturale, perchè quando le chiesi: E se Rosannedda muore senza erede? mi rispose:

«— No! si mariterà ed avrà una figlia che anch'essa piglierà marito dal quale avrà numerosa famiglia. Il figlio maggiore, in ultimo, avrà un figliuolo nei cui nomi ci sarà uno dei nomi miei. Questo è il destinato...

«— E se, — domandai, — qualche altro cerca impossessarsi del tesoro?...

«Invano! Solo colui che voglio io lo troverà, purchè anch'esso arrivi in tempo.

«Donna Maria Croce non mi disse altro; mi consegnò la carta e da quel momento sino all'ora della morte non fece che pregare. Morì coraggiosamente, da buona cristiana, ed io la piansi come una figliuola.

«Come essa aveva predetto Rosannedda, dopo molti anni, si maritò ed ebbe una figlia che vive tutt'ora, ed è una bella ragazza anch'essa che voi senza dubbio conoscete.

«Io conservai il testamento di donna Maria Croce, religiosamente, e mai mi venne il pensiero di accertarmi sulla

verità di ciò che essa mi aveva confidato. Ora lo consegno a voi, secondo l'ordine suo, e voi farete altrettanto se, Dio nol voglia, non arriverete a conoscere l'erede.»

— Ciò detto, — continuò il vecchio pievano — il mio venerato precessore mi consegnò la carta che tu vedi qui, o Bellia.

Poco dopo esso morì, ed io, a mia volta, custodi per ben settanta anni questo prezioso segreto che nessuno conosce.

Sempre secondo la predizione di Donna Maria Croce, anche io vidi la bella figlia di Rosannedda maritarsi e procreare una numerosa famiglia. Il maggior figlio giunto il suo turno, si ammogliò, e suo figlio sei tu, Bellia, o Giovanni Maria, che infatti hai uno dei nomi di Donna Maria Croce. Ecco giunto il tempo. Io ti consegno il testamento e tu, senza l'aiuto di nessuno, puoi benissimo metterlo in esecuzione!... —

— Io credo che sia troppo tardi! — esclamò Bellia, che durante il racconto aveva riflesso tutti i colori dell'arcobaleno, morsicandosi più di una volta le labbra per non dare in esclamazioni e per non mancare di rispetto al pievano, interrompendolo; — anzi è troppo tardi davvero!

— Come lo sai tu? — chiese il vecchio stupefatto.

Bellia raccontò la sua avventura di cinque anni prima.

Al pievano sembrò di sognare; aggrottò le placide sopracciglia bianche, inforcò nuovamente gli occhiali e lesse per la centesima volta il testamento, poi esclamò:

— Gesummio, Gesummio, cosa vuol dir ciò? Ecco che io ho seguito tutte le norme datemi; e qui c'entra senza dubbio il demonio. Senti il testamento: non è a dire che sia scritto in latino, nè ispagnuolo e neppure in Italiano. È scritto proprio in sardo, in logudorese. Leggilo tu stesso...

Bellia prese tremando la carta. Era un foglio di carta giallognola, grossissima, fregiata a ghirigori dorati. In un angolo c'era il sigillo del padre di Donna Maria Croce, con una corona da cavaliere e un D. un E. e un M. intrecciate a una piccola spada, una specie di stocco: il tutto in oro vecchio, un po' sbiadito dal tempo.

Il bizzarro testamento era davvero scritto in logudorese, con una calligrafia antica, grossa, incerta, tuttavia leggibile, e Bellia lo lesse a voce alta, sillabando, con l'accento che gli tremolava un poco:

Diceva così:

*«Deo, sutta-iscritta, donna Maria Rughe M***, viuda de don Gavinu M***, declaro de lasciare in testamentu a su nepode de sa fiza de Rosannedda R***, fiza de Rosanna R*** e de su biadu de maridu meu, su tesoro cuadu sutta s'alveru pius mannu de su buscu de Santu Matteu, su primu chi si aghatat a deghe passos dae su riu; e chi andet a lu reguglire sa die 20 de*

maiu de s'annu 1878, poite si no non bi aghattat nudda, e chi preghet prò s'anima mea, e faghat narrer missas de suffragiu.

*Donna Maria Rughe M***
viuda de Don Gavinu M***»¹.*

Sarebbe troppo lungo riferire tutti i commenti e le ciarle che Bellia e il pievano fecero. Per accertarsi meglio Bellia, il venti maggio, tornò a San Matteo e rifrugò sotto a tutti gli alberi, ma non trovò nulla.

Per spiegare il mistero diabolico, il pievano mandò il testamento a tutti i suoi amici letterati, sacerdoti e laici, ma nessuno seppe dirne nulla.

Finalmente la bizzarra carta capitò a un giovinotto del villaggio, nipote di zio Salvatore, che studiava nel seminario di Nuoro, e che, oltre le altre doti, era un eccellente calligrafo. Ed egli spiegò l'enigma. L'ultimo otto del 1878

1 Io, sottoscritta, donna Maria Croce M***, vedova di don Gavino M***, dichiaro di lasciare in testamento al nipote della figlia di Rosannedda R***, figlia di Rosanna R*** e del defunto mio marito, il tesoro nascosto sotto l'albero più grande, del bosco di San Matteo, il primo che si trova a dieci passi dal ruscello, e che vada a raccoglierto il giorno venti maggio dell'anno 1878, perchè altrimenti non troverà nulla; e che preghi per l'anima mia, e mi faccia celebrare messe di suffragio.
Donna Maria Croce M*** vedova di Don Gavino M***

del testamento, non era già un otto, ma un tre. Le lineette del davanti erano fatte in modo da rassomigliarlo ad un otto, e così il vecchio pievano si era sbagliato di cinque anni nel dar l'avviso a Bellia!²

2 Questo fatto si racconta, con qualche variante, anche nella Gallura, e pare abbia fondamento non del tutto leggendario.

IN SARTU (NELL'OVILE)

Zio Nanneddu Fenu aveva l'ovile dalla parte di *Tresnuraghes*, cioè quasi due ore distante da Nuoro, in una bella *tanca* dove l'erba durava fresca sino al mese di giugno. Ogni due o tre giorni la moglie o la figlia, la simpatica Manzèla¹, si recavano a piedi, da Nuoro all'ovile di zio Nanneddu, per godersi una giornata di sole e portare delle vivande al vecchio pastore.

Bustianeddu, il piccino della famiglia Fenu, un cosino alto tre dita, nero-bronzeo nel volto grazioso e maligno, con gli occhi tanto grandi da toccargli le orecchie, e che tutti, compresa sua madre chiamavano *Tilipirche*², era per il solito, il compagno di viaggio delle due donne. Senonchè egli andava a cavallo. Questo cavallo, che era poi una cavallina poco più alta di Bustianeddu, sterile, vecchia, dal lungo pelo grigio e gli occhi pieni di una profonda melanconia, formava una

1 Mariangela.

2 Cavalletta, maschile.

parte, cioè un personaggio importantissimo, in casa Fenu. Si chiamava *Telaporca*³ e forse dal suo derivava il nomignolo di Bustianeddu.

Fatto sta che Telaporca e Tilipirche passavano quasi tutta la vita insieme. Ogni sera, all'imbrunire, e ogni mattina all'albeggiare, si vedeva il piccolo pastore trottare allegramente su la pensierosa cavallina, attraverso lo stradale e le tanche deserte che conducono da Nuoro a *Tresnuraghes*, o nei sentieri erti e rocciosi di *Marreri*, dove zio Nanneddu calava con le greggie nella stagione cruda.

Dacchè era cresciuto Tilipirche, zio Nanneddu non si muoveva più dall'ovile: era il piccino che andava e veniva, che recava i viveri da Nuoro all'ovile, e il latte, la ricotta e i formaggi dall'ovile a Nuoro. La cavallina era naturalmente il mezzo di trasporto: aveva una piccola sella di cuoio nero e di legno, antichissima, e la bisaccia tanto grigia e consunta da confonderla col suo pelo. Tilipirche cavalcava meravigliosamente e andava su per i sentieri assiepati di rovi e di lentischi, a occhi chiusi. Quando la bisaccia non era troppo pesante il piccino caricava in groppa o sul davanti di Telaporca un buon fascio di legna, rami di ginepro o *cottichina*, cioè radici legnose di lentischio, — e se non poteva

3 Cavalletta, femminile.

più, portava a casa cinque o sei scope di ginestra e di timavo, che lasciavano il profumo dietro i passi lenti e cadenzati della bizzarra cavalcatura.

Ogni due o tre giorni, dunque, o almeno una volta alla settimana, zia Ventura o la bella Manzèla si recavano all'ovile per visitare zio Nanneddu, — che invecchiando diventava un vero cinghiale, — e godersi il sole in pianura.

Si portavano il cucito, o dei panni da lavare nel ruscello, che attraversando la tanca stagnava in parecchi punti, formando così dei piccoli laghi verdi circondati di giunco e di nepitella freschissima, — e ultimamente, anzi, zia Ventura s'era impossessata di un pezzetto di terra sempre umida, e ci aveva ficcato una enorme quantità di patate, poi una siepe alta di pomodoro e fagioli, che coltivava con immensa cura e passione.

Qualche volta le due donne si fermavano ben anco a dormire nell'ovile: dacchè aveva escogitato la professione di ortolana, zia Ventura pareva ammaliata, e se scorrevano più giorni senza che avesse visitato quel benedetto luogo pareva ne morisse. Manzèla si stizziva, la sgridava, dicendole che ora non faceva più faccende in casa, con questa passione, — ma zia Ventura la lasciava cantare, e ritornava lo stesso lassù, nella sua coltivazione prosperosa. La ragazza un giorno le minacciò di sradicarle tutto; allora zia Ventura si raccomandò

a Pedru Chessa, — un altro pastore che pascolava, in comune a zio Nanneddu, la grande tanca, e che nella notte si ritirava alla stessa capanna, — si raccomandò pregandolo di tener d'occhio Manzèla allorchè si recava lassù.

— Perchè non lo dite a vostro marito? — chiese Pedru Chessa.

— Eh già! Lui fa tutto ciò che vogliono i ragazzi: se vede Manzèla a sradicare il mio orto si metterà a ridere.

— Bè! Darò io attenzione. Se la vedo... cosa devo fare?

— Dalle magari una *iscavanada*⁴, che non ti veda Nanneddu.

Una mattina di maggio Bustianeddu e Manzèla trottavano allegramente verso l'ovile. Trottavano, cioè, per modo di dire, che il solo a trottare era Bustianeddu sulla sua cavallina.

Il piccino non aveva alcun istinto cavalleresco, e perciò non cedeva mai il suo posto, neppure alle donne.

.....
4 Uno schiaffo.

Ma Manzèla camminava più lesta di Telaporca, ed era capace di attraversare tutta la Sardegna a piedi.

Via, via, per lo stradale bianchissimo, attraverso le fresche pianure verdi, coperte di margherite e di campanule agresti, sotto il sole ardente, i due ragazzi andavano chiaccherando e ridendo. Manzèla si era scalzata, e tuffava quasi con gioia i piedi nudi tra l'erba rugiadosa, emettendo ogni tanto un'imprecazione, quando le spine dei cardi molli, nascenti sotto il fieno, le pungevano le gambe.

Niente di più grazioso di Manzèla allorchè nominava i diavoli, o faceva qualche smorfia per dispetto. La fanciulla era una vera figlia del popolino nuorese, piena di malcreanza, di grazia inconsapevole, e di seduzioni bizzarre. Diceva tutto ciò che le saltava in testa, mentiva con la massima disinvoltura, e dava la sua persino ai santi.

Del resto era divotissima, si confessava spesso, e nelle ore di cattivo umore desiderava ardentemente la morte. Ma gli scapolari che teneva al collo e la piccola medaglia che zio Nanneddu le aveva portato da Roma, — sì, precisamente da Roma, quella volta che era andato per testimonia nel famoso processo dei sardi, datagli da un prete, che egli riteneva fosse il papa — non le impedivano di imprecare ad ogni minuto.

Manzèla aveva diciotto anni. Veramente essa dai sedici anni non si moveva più adducendo per prova i tredici

di Bustianeddu, — ma in realtà ne contava diciotto. Era sottilissima e piccola, coi capelli neri divisi in due bende sulla fronte un po' bassa, e alla sua carnagione bianca il sole e l'aria avevano dato quella tinta calda, dorata, e diremo quasi bionda, delle razze latine confinanti alle more.

In casa Fenu c'era la specialità degli occhi grandi, e Manzèla, poi ce li aveva enormi. Due strani occhi leggermente chiari, senza esser bigi, pieni di una falsa ingenuità, e di sorrisi vaghissimi. Manzèla si valeva ad ogni istante dei suoi occhi, — rendendoli dolci, o spauriti, od attoniti, a piacere, e allorchè era adirata li chiudeva un pò, sapendo che allora erano terribili. Con tutto ciò essa non era maligna: si credeva di esserlo, ma non lo era, come non era cattiva, benchè Bustianeddu glielo ripetesse ogni istante. Anche quella mattina, venuti a parole lungo la via, il piccolo pastore le ripetè: sei cattiva!

Manzèla non potè sopportarlo e picchiò con un gambo di ferula la groppa della cavallina che si mise a correre pazzamente attraverso il piccolo sentiero erboso. Ma Bustianeddu si tenne fermo, e quando potè far calmare la bestia, si voltò indietro ridendo a squarciagola e apostrofò la sorella chiamandola: Feruledda, Feruledda!

La ragazza si mise a correre, decisa di lanciargli un sasso, ma in quel punto apparve un uomo, nel verde di una

macchia, e la fermò gridandole: ohè, Manzèla, da queste parti? — Era Pietro Chessa che veniva pur esso da Nuoro, e che seguiva i due ragazzi da più di mezz'ora.

— Sì, da queste parti! — rispose Manzèla con una smorfia
— Eri da molto senza vedermi, da queste parti!

— Eh, sì, da avant'ieri!

Proseguirono insieme la via. Bustianeddu andava sempre avanti, temendo qualche tiro della sorella, — e cantava in dialetto. La sua vocina stridula, ma cadenzata, si smarriva in lontananza, per le macchie che chiudevano la pianura, fra il ronzio delle mosche nascoste nei fieni alti, immobili al sole. Pietro e Manzèla seguivano. La ragazza esponeva al giovine tutte le cattiverie, e le male azioni di Bustianeddu. Oramai non poteva sopportarlo più, e il momento che le cascava sotto le unghie doveva scorticarlo vivo. Ma Predu quasi quasi non l'ascoltava. Con gli occhi fissi nel vicino orizzonte, chiuso dalle alture su cui imperano rovinati i *nuraghes* che danno il nome a quella *cussorgia*, — quella appunto ove si trovava l'ovile suo e di zio Nanneddu, — nella linea del cielo d'un azzurro così profondo e cupo da parer tristissimo, Predu pareva immerso in un sogno.

Egli era pazzamente innamorato di Manzèla. Dacchè zia Ventura l'aveva pregato di tener d'occhio la fanciulla, egli non provava un momento di pace e di calma. La figurina

di lei gli si era impressa sulla retina degli occhi, e la vedeva da per tutto, nel verde sconfinato della pianura, nel cielo implacabilmente azzurro, di giorno e di notte.

Di notte, anzi, allorchè le greggie vagavano per le macchie silenziose, riempiendo la serenità lattea del plenilunio con la musica monotona delle loro campanelle, Pedru, muto e assonnato, invaso da una intensa melanconia, scorgeva Manzèla in ogni punto, fra i giunchi scintillanti alla luna, nella capanna, sui nuraghi neri e nelle fratte.

Già, da appena l'aveva conosciuta, egli se n'era innamorato, — ma ora, ora il suo amore, raggiungeva la pazzia; egli scoppiava per poco. E facendo i suoi calcoli Predu si era deciso a spiegarsi e chieder Manzèla in isposa. Cosa gli mancava? Era un buon pastore, giovine, forte, bello; possedeva gregge e qualche pascolo, e poteva metter su casa senza timore alcuno. La fanciulla era molto giovine ed inesperta, ma poco ciò importava. Si poteva attendere o due o tre anni per isposarsi: ciò che importava era il procurarsene l'amore. Quella mattina Predu, vistosi solo al fianco della ragazza, pensava e ripensava al modo con cui spiegarsi, ma non una parola poteva uscirgli dalle labbra, e il cuore gli batteva così forte da spezzarglisi sotto il giubbone di velluto.

A momenti mentr'essa chiacchierava parlando di Bustianeddu, il giovine era tentato di interromperla gridandole

in alto il suo segreto, — ma appena staccava le labbra, una specie di torpore ardente gli invadeva la testa, velandogli lo sguardo e costringendolo quasi a cadere per terra.

Pure, alla fine, dovette decidersi. In lontananza appariva già la capanna e la tettoia di frasche secche dove i pastori merigiavano, — e Bustianeddu, gettando per l'aria l'ultimo trillo della sua canzone s'era lanciato al galoppo verso l'ovile.

Il sole, già alto, dargeggiava la pianura, e Predu sentiva il sangue ondeggiargli ardente, a sbalzi, a meandri, a vampate, infiammandogli il viso e la testa.

Manzèla invece, tirato il fazzoletto su gli occhi, proseguiva tranquilla, col viso dorato, composto come quello di una madonnina latina del Quattrocento. La luce intensa dell'aperta campagna dava un riflesso chiarissimo ai suoi grandi occhi, rendendoglieli quasi grigi e trasparenti, e Predu, guardandola intensamente, si sentiva morir dalla voglia di prendersela fra le braccia, come un piccolo agnello bianco e spaurito, e di coprirla di baci.

— Manzè, — le disse alla fine, fermandosi di botto all'ombra di un'altura che nascondeva la capanna, e sotto cui si insinuava il piccolo sentiero tracciato sull'erba. — Manzè, ho da dirti una cosa.

Siccome per tutta la strada era rimasto silenzioso, la fanciulla lo guardò stupita e si fermò anch'essa all'ombra.

C'era un fresco incantato, là sotto. Dai massi sovrapposti dell'altura piovevano grandi grappoli di rovi verdeggianti e di biancospino fiorito. Le rose canine, diafane, sfumate in colore d'ambra, olezzavano acutamente, e il ruscelletto attraversava gorgogliando il sentiero per poi sparire tra le alte ferule anch'esse fiorite, di cui Manzèla teneva ancora un grosso e lungo gambo fra le mani.

Improvvisamente Predu si era fatto bianco in volto, bianco come i fiori della ferula e degli spini, e la fanciulla lo guardò quasi spaventata, credendo si sentisse male.

— Ebbene, cosa hai? — gli domandò.

— Senti, — cominciò egli, — ami tu qualcheduno?...

— No... ma cosa te ne importa?... — disse Manzèla scoppiando in un'alta risata. Senza altre parole ella comprendeva già a che Predu voleva concludere, e rideva... rideva... rideva perchè questa storia non la sospettava neppure, perchè non aveva mai pensato ad un probabile amore fra lei e il giovane pastore. — Egli la lasciò ridere e proseguì, rinfrancandosi a poco a poco, o meglio riscaldandosi:

— C'è un giovine che ti vuol bene e ti sposerebbe volentieri... Se tu credi di accettarlo, Manzèla...

— Sei tu, non è vero? — chiese essa francamente, guardandolo negli occhi e battendogli scherzosamente la ferula su una spalla. Pietro sussultò e un lampo gli rifulse negli occhi neri.

Ah, dunque, Manzèla lo amava? Sì, — altrimenti non si sarebbe comportata così. Dopo tante ansie e tanti timori una felicità immensa veniva nell'animo di Predu, così inattesa e luminosa da toglierli la ragione e il sentimento di sè stesso.

Ma a un tratto mandò un acuto grido che risuonò per tutta la pianura. Che era stato? Una cosa semplicissima.

Nell'ardore della gioia, Predu, quasi inconsapevolmente, aveva cercato di abbracciare Manzèla, — ma la fanciulla, che non la intendeva così, dando un passo indietro, gli aveva percosso ferocemente il volto con la sua ferula.

Un colpo, una staffilata terribile, incredibile anzi.

La pelle bruna del giovine si era lacerata, quasi colpita da scheggie di pietra, e sanguinava.

Ma il dolore acuto, la vera ferita era all'occhio. Predu aveva creduto di morire, e se fosse stato altri che Manzèla a fargli quella azione, egli sarebbe corso alla capanna in cerca del suo archibugio o della sua leppa. Ma con lei cosa ci poteva fare? Passato il primo dolore si chinò, senza pronunziar verbo, sul rivoletto, e si lavò il viso, — poi trasse di tasca un pezzo di fazzoletto e si asciugò il sangue che scorreva, macchiandogli la barba, la camicia ed il giubbone.

Manzèla tremava, convulsa: le pareva di aver commesso un delitto, ed ora toccava a lei diventar bianca come i fiori della ferula. Sulle prime fu per fuggire, ma poi, visto che

PREDU non si lamentava, gli si avvicinò balbettando mille scuse. — Fa vedere, — gli disse stendendo le mani, — fammi vedere. Cosa ti ho fatto, cosa ti ho fatto?

E voleva esaminare la ferita, ma Predu la respinse, senza dir parola. Mentre Manzèla continuava a guardarlo, torcendosi le mani per la disperazione, giunse correndo Bustianeddu, chiedendo che cosa era successo.

— Niente, — rispose Predu, — son caduto e mi son ferito qui... E riprendendo la via mostrò la ferita al piccino.

Manzèla li seguì. Non rideva più, non ricordava più in che mondo si fosse. Ah, insieme al sangue, ella aveva veduto delle lagrime scendere dagli occhi, dai poveri occhi di Predu Chessa!

..... Allora avvenne una strana cosa. Da quel giorno Predu diventò burbero e selvaggio come zio Nanneddu. Non tornava più a Nuoro, non parlava, non cantava, non rideva più.

E neppure sognava. Nelle notti calde e stellate di giugno, quando per l'aria immobile della pianura vaporeggiava il

profumo delle prime stoppie e dei reas rosseggianti nel fieno dissecantesi, — egli non vedeva più Manzèla davanti a sè, e il tintinnio delle greggie pascolanti gli dava solo dei ricordi amari e il rimpianto di sogni smarriti.

Quando la fanciulla veniva all'ovile egli non la guardava neppure. Oh, poteva benissimo sradicare tutta l'ortaglia di zia Ventura: egli non si sarebbe mosso dalla tettoia, o dalla capanna. Certe volte anzi, quando vedeva spuntare il fazzoletto oscuro o il corsetto rosso della ragazza, egli se ne andava lontano, al di là dei nuraghi, e spariva tra le macchie, come un bandito.

Eppure Manzèla ora era piena di gentilezze con lui. Lo chiamava *compare Predu*, e domandava di lui, ogni giorno, a Bustianeddu. Inoltre moltiplicava le sue visite all'ovile, e si interessava di ogni cosa. Restava entro la capanna allorchè Predu preparava il formaggio, lo aiutava ad infuocare le pietre che servivano a coagulare il latte, e non lasciava scappar nessuna occasione per ricordargli l'avventura della ferula. Ma lui zitto, sempre zitto. La lasciava fare, non rispondeva nulla, non le faceva alcuna osservazione, non le dava uno sguardo.

Che cosa succedeva fra quei due esseri bizzarri?

Nulla di meraviglioso, o meglio, sì, una cosa meravigliosa, un dramma intimo e interessantissimo.

Manzèla amava perdutamente Predu, e Predu non l'amava più. Manzèla gli faceva la corte, ma lui non ci badava,

anzi ne provava un disgusto infinito, e un acre piacere, il piacere della vendetta. Ah, ella gli aveva frustato il volto... sì, andava benissimo, era nel suo dritto di ragazza onesta, ma ora lui le avrebbe sferzato il cuore, glielo avrebbe fatto sanguinare come ella aveva fatto sanguinare il suo viso.

Non attendeva che l'occasione propizia.

Intanto Manzèla si consumava di passione e di rimorso.

Quelle lagrime vedute scorrere sulle guancie del forte pastore, — che probabilmente non aveva pianto altra volta in vita sua, — le tornavano in mente ad ogni minuto, e la scena dolorosa le si ripeteva quasi ogni notte in sogno.

Si fece divota più che mai, e pregava sempre, pellegrinando alle chiese di Valverde e del Monte, per chiedere alla dolce Signora del Cielo la pace per la povera anima sua.

Ma la pace non tornava, non tornava più. Il sorriso si era spento sul suo bel viso dorato, che nel pallore della tristezza diventava quasi brutto, con tinte terree e cadaveriche, — e gli occhi le si erano fatti neri, offuscati da un velo di misteriose malinconie.

Tutti si accorgevano del suo cambiamento, — e zia Ventura giurava che Manzèla era stregata. A furia di sentirselo ripetere, la bimba ci credè anche lei, e dovettero assoggettarsi alla cura per questa speciale malattia.

*Sa medichina e s'istria*⁵, — la faceva zia Peppa Frunza, la medichessa del vicinato. Prima misurò Manzèla per lungo e per largo, e da questa misura risultò evidente che la fanciulla era stregata da tre mesi. Zia Peppa allora accese un fuoco, gettandovi il filo con cui aveva misurato Manzèla, del rosmarino, delle piume di strige e tanti altri ingredienti miracolosi, — e fece saltarlo per tre volte alla malata, mentre lei recitava misteriose preghiere.

Questa cura speciale si rinnovò molte volte, — finchè a zia Peppa parve che Manzèla fosse guarita. Ma già! La ragazza era e restò innamorata di Predu. Andava come una pazza, e non trovava calma in alcun posto, solo lassù, lassù, a *Tresnuraghes* nell'ardore del sole che dilagava sui fieni biondi, tra le ferule secche e i cardi e le stoppie che scintillavano d'oro.

Lassù c'era Predu che non rideva nè cantava mai, che si era lasciata crescere la barba, che era più bello che mai con i sopraccigli aggrottati e le labbra chiuse.

Persino zio Nanneddu si accorgeva della pazzia di Manzèla, e benchè la amasse teneramente, con tutta la tenerezza del suo carattere chiuso e selvaggio, si risentiva della sua condotta. Ma che fare? Privarla di andare all'ovile? No, chè neppure lui poteva star due giorni senza vederla.

5 La medicina della strega.

Pensa e ripensa si decise a cambiar di pascolo, e lasciare, mediante compenso, i pascoli di Tresnuraghes tutti a Predu. Fece tutto alla chetichella, e quando ogni cosa fu combinata, disse a Manzèla, una sera di agosto:

— Di' a tua madre che domani cambio le greggie al monte.

— Anche Predu? — chies'ella ansiosamente.

— No, egli resta qui tutto l'autunno...

Essa non disse nulla, ma nella disperazione che la colpì prese una grande decisione, e andò in cerca del giovine.

Non si vedeva in nessun posto. Nella immensa calma ardente del pomeriggio la pianura pareva dormisse. Le pecore stavano assopite nell'ombra delle macchie, e il confine del paesaggio sfumava in linee quasi gialle, confuse con l'orizzonte d'un azzurro grigiastro e vanescente.

Dopo molti giri Manzèla vide Predu in lontananza. Nella luminosità del sole pareva una macchietta nera e lontana, — ma ben presto la fanciulla lo raggiunse e gli si avvicinò. Tremava come una foglia: il caldo, la corsa e l'emozione le imporporavano il viso e le labbra. Così con gli occhioni spaventati, i capelli scomposti sotto il fazzoletto che slegato le scivolava dalla testa, Manzèla diventava bella come pochi mesi prima, più bella ancora, — tanto che Predu la guardò sussultando.

— Ebbene, — le chiese, — perchè corri così come una pazza. Cosa c'è?

— È vero che babbo se ne va e tu resti qui? — domandò lei ansante. E lui freddo: — Pare così!

— E dunque... te ne vai... senza dirmi chi era quel giovine che...

Egli non la lasciò proseguire. E con uno scoppio d'ira, di passione e d'odio nella voce gridò: — Ero io!

Manzèla ne fu annichilita. Ora perdeva ogni speranza, ora vedeva bene che Predu l'odiava a morte. Ah, non ne poteva più, non ne poteva più! E lasciandosi cadere su una pietra, al sole infuocato di agosto, scoppiò in pianto.

Preda a quella scena, cambiò di colore e provò una sensazione che non era certo quella che si aspettava dalla sua vendetta. Tutto il sangue gli affluì al viso; eppure, davanti allo schianto di dolore della fanciulla non trovò che una stupida domanda: Cosa diavolo hai, Manzèla?

Ma essa non rispose. Predu si allontanò rapidamente e ben presto formò di nuovo una macchietta nera perdentesi in lontananza, nel bagliore della pianura silenziosa.

Manzèla continuò a piangere sulla sua sventura e sul suo amore disperato, ma quando — stanca di piangere, — tornò verso la capanna, zio Nanneddu la prese in un cantuccio, sotto la tettoia di frasche e le disse:

— Manzè, Predu Chessa ti vuole per isposa!

IL PADRE

Ritto sovra un ciglione erboso, quasi sull'orlo dello stradale, Jorgj Preda, soprannominato *Tiligherta*, aspettava da più di un quarto d'ora la sua piccola innamorata, Nania, la figlia del cantoniere.

Facevano all'amore da una ventina di giorni, cioè da appena si erano conosciuti. Nania passava sullo stradale ogni giorno, verso le due, andando al ruscello per recar l'acqua alla cantoniera, e Jorgj l'attendeva sul ciglione facendo vista di guardare le pecore che a quell'ora merigiavano tra le macchie, sotto il bosco di soveri.

Appena Nania spuntava nel biancore desolato dello stradale, Jorgj scendeva giù dal suo osservatoio e si metteva all'ombra, dietro il ciglione, ove Nania, con in testa la lunga anfora fiorita, che pareva un'anfora etrusca, lo raggiungeva, tutta piena di amore e di paura.

Perchè, certamente, se il babbo l'avesse scoperta a far l'amore con Jorgj le avrebbe rotto le costole. A quell'ora zio Gavinu Faldedda schiacciava il suo solito sonnellino o si

tratteneva a coltivare il campicello attiguo alla cantoniera, — tuttavia non c'era da fidarsi.

I due ragazzi chiaccheravano per cinque o sei minuti, divorandosi con gli occhi, ma senza toccarsi neppure la punta delle dita; poi Nania proseguiva pensierosa la sua strada e Jorgi s'internava nel bosco, sospirando angosciosamente.

Egli si sentiva, certo, altero e felice di possedere una innamorata tutta sua, là, lontano dall'abitato, in completa solitudine, — ma la sua felicità era tutt'altro che intera.

Prima di tutto c'era quello spasimo di zio Gavinu, — che non pensava punto a maritar Nania con un ragazzaccio come Jorgj, — e poi... tanti altri poi... infine. Basta, Jorgj, in attesa della leva e di altri malanni, si sarebbe contentato di aver almeno un bacio da Nania, ma questo era il peggio, quello che più lo faceva sospirare. La piccina non aveva alcuna intenzione di baciarlo e lui non osava toccarle neanche l'orlo della gonnella. Quel giorno però Jorgj Preda era deciso di abbracciarsela tutta e dirle: — Ma se non si baciano gli innamorati chi vuoi che si baci?

Ma giusto appunto quel giorno Nania non si vedeva più.

Sempre ritto sul ciglione Jorgj cominciava ad inquietarsi, perchè dall'ombra progettata in terra dalla lunga pertica che teneva in mano si accorgeva che le due erano trascorse.

Jorgj Preda, che si chiamava comunemente *Tiligherta*, era di Bitti e poteva avere diciannove anni.

Guardava, insieme ad un altro vecchio pastore nuorese, le pecore di un ricco possidente pure nuorese, e i pascoli dove erano stazionati si stendevano vicini ad una delle cantoniere dello stradale di Bitti.

Jorgj poteva dirsi un bel ragazzo — egli si credeva un uomo maturo — alto e muscoloso, benchè sottile, coi capelli nerissimi e il profilo perfetto; uno di quei profili scultori, della migliore scuola greca, come se ne vedono solo dalla parte di Bitti e d'Orune. Ma aveva la pelle troppo annerita e indurita dal sole e dal freddo, e la dolce linea della sua bellissima bocca, dalle labbra sottili e i denti di smalto, non leniva la durezza dei suoi occhi neri, annuolati e quasi tetri.

Allevato a Nuoro, Jorgi, parlava il nuorese con una lontana reminiscenza della sua pronunzia nativa, ma

conservava il costume del suo paese quasi tutto nero, coi calzoni di orbace bianco stretti, un po' laceri e sporchi.

Dacchè aveva scoperto la cantoniera e s'era innamorato della piccola figlia di zio Gavinu, Jorgj *Tiligherta* si lavava il viso e le mani e cercava di pulirsi, ma ciò nonostante rimaneva nero come il demonio e i suoi scarponi e la sua berretta esalavano sempre un profumo pastorale poco voluttuoso.

E Nania non si vedeva ancora. Mille brutti pensieri agitavano lo spirito irrequieto del giovine pastore, facendosi più dolorosi a misura che l'ombra della pertica si stendeva sull'erba fresca del ciglione.

Jorgj, con gli occhi semichiusi, restava impalato lassù, fissando acutamente l'estremità dello stradale, e nessun'anima umana passava attraverso l'immenso spazio della campagna circostante.

Nel dolce meriggio di aprile i boschi di soveri, di cui è coperta la selvaggia pianura, intricati di cisti, di corbezzoli, e di vepri, tranquilli e silenziosi, avevano nelle foglie fresche come il riflesso del cielo di un azzurro perlaceo, e

si stendevano così a perdita di occhio, sino alle vanescenze dell'orizzonte, chiuso da montagne lontane, di un azzurro più oscuro ma più vaporoso. Dal sito ove stava Jorgj si scorgeva appena il tetto della cantoniera, dal cui fumaiuolo si innalzava una lunga spira di fumo diafano, ma non si vedeva punto la capanna dei pastori, molto più lontana, nell'interno fitto del bosco.

Lo stradale serpeggiava per la pianura, fra i boschi, come un alveo asciutto e disseccato dal sole, e l'erba cresceva ai suoi lati ancora alta e bella, perchè la greggia, che possedeva tanto pascolo nell'interno della pianura, non si era avanzata sin là.

Nania non veniva, Nania non compariva più. Gli occhi di Jorgj, che poco prima splendevano in un modo insolito al pensiero del bacio che avrebbe dato, volere o no, alla sua piccola innamorata, andavano rabbuiandosi sempre più e quasi si velavano di lagrime. Ah, San Giorgio mio, qualche cosa doveva esser successo. Forse Nania era malata, forse zio Gavinu, avea fiutato qualcosa e non la lasciava più andare

all'acqua, forse... Jorgj si disponeva a lasciar il suo posto di attesa e recarsi alla cantoniera, con qualche pretesto, come ci si recava sempre, quando udì il galoppo di due cavalli, e vide passare, avvolti in un leggero nembo di polvere due bei signori a cavallo, che non si degnarono neppure di guardarlo.

Anch'egli, che vedeva spesso gente attraversare lo stradale, non fece gran calcolo di loro, scese dal ciglione e si avviò. Ma a metà strada si fermò, trasalendo. La vista della lunga anfora fiorita che egli conosceva tanto bene, gli fece battere violentemente il cuore, ma per poco. Non era Nania che la portava in testa, non era Nania che si avanzava sulla triste bianchezza dello stradale, col fazzoletto giallo cadente disteso sulle spalle e fiammeggiante al sole. Era la piccola sorellina, *Arrosa* (Rosa).

— Perchè vai tu all'acqua, oggi? — le gridò Jorgj quasi adirato.

Invece di rispondergli, *Arrosa*, una monella della peggior specie, appena lo riconobbe cominciò a strillare, per farlo stizzare:

Tiligherta, Tiligherta
mamma tua est in gherta.
babbu tou est morinde.
tiligherta baetinde...

Ma egli non vi badò e ripeté la sua domanda, meno duramente, avvicinandosi alla piccina.

Arrosa, temendo la picchiasse, gli fece allora un bel sorriso e gli rispose: — Perchè Nania sta lavorando.

— E cosa sta facendo?

— Sta lavorando perchè vengono l'impresario e l'ingegnere. Non li hai veduti a passare?

— Ah, erano quei due signori? Ci vengono molto spesso?

— Così! Delle volte spesso e delle volte poco. Cosa te ne importa?

Jorgj pensò di accompagnare la piccina al ruscello per saper qualche cosa su quei signori che già lo ingelosivano e lo indispettavano, perchè a causa loro non aveva veduto Nania, quella sera. Passando vicino al ciglione indicò le pecore ad Arrosa dicendole:

— Lo vuoi un agnellino, un agnellino bianco come dente di cane?

Arrosa credette la pigliasse in giro e per vendicarsi ripeté la *battorina* della *tiligherta*, cantandola tutta in un miscuglio di nuorese, di campidanese e di ozierese, — ma Jorgj le ripeté così seriamente la proposta che riuscì poi ad aver molti particolari sui *due signori*.

L'impresario era nuorese e l'ingegnere, quello con la barba bionda, continentale.

Quest'ultimo Arrosa lo conosceva da molto, da molto tempo. Ogni volta che veniva alla cantoniera regalava del bel danaro a Nania, che parte lo dava al babbo, e parte se lo nascondeva entro un sacchettino, sotto i materassi: e a lei, ad Arrosa, non dava mai nulla, mai.... Perciò non lo poteva vedere.

— Come si chiama? — chiese Jorgj, facendo una smorfia significantissima.

— Signor Guglielmo.....

— Restano lì a dormire?

— Sì.

Ad un tratto Jorgj piantò la piccina e se ne andò, cupo in viso.

— Tiligherta, — gli gridò Arrosa, — ricordati l'agnellino, l'agnellino...

Ma egli non rispose e in breve scomparve sotto il bosco. Una terribile gelosia lo tormentava. Tornò all'ovile, ma si sentiva così di malumore che si bisticciò con zio Concafrisca, l'altro pastore, — e quasi quasi venivano alle mani. Riprese a battere il bosco, trascinando la sua tristezza per le macchie di cisto odoranti, al dolce tramonto, di rosa, e non potè far nulla per tutta la sera.

All'imbrunire si avvicinò alla cantoniera, ma non ebbe il coraggio di entrarvi. Per lung'ora vi si aggirò intorno, come un'anima dannata, ma solo di notte potè accostarsi.

Benchè dal fumajolo s'innalzasse ancora una sottile striscia di fumo perdentesi nella vaporosità della fresca notte di aprile, la porta era chiusa, chiuse le finestre e un grande silenzio regnava intorno. Dalla finestra della camera dell'ingegnere, a pian terreno, sfuggiva la luce del lume che descriveva un quadrato luminoso sullo stradale.

Jorgj Preda si avvicinò e vide, attraverso i vetri, il signore dalla barba bionda, quello che Arrosa aveva detto esser l'ingegnere, in maniche di camicia.

Probabilmente si preparava ad andar a letto. Era alto e magro, biondo e con gli occhi piccoli, di cui non si distingueva il colore, stretti agli angoli in un modo bizzarro che dava un'espressione simpatica a tutta la sua fisionomia. Un bell'uomo, infine, che poteva esser vecchio — non si sapeva precisamente distinguere.

Jorgj lo divorava con gli occhi, allorchè vide entrare Nania. Un fremito agitò tutta la sua persona e, inconsapevolmente, diede un balzo serpentino, indietreggiando, per non essere veduto dalla fanciulla.

Nania era piccola fanciulla sottile e triste. Nel suo visino di quindici anni aleggiava sempre una serietà quasi tragica, e il pallore fosco della sua carnagione finissima veniva accresciuto dalla tinta cinerea dei suoi capelli biondi. Uno splendore di capelli crespi, foltissimi che dovevano

pesarle sulla piccola testa liliale, di bambina cresciuta innanzi tempo. Infatti essa era da tre o quatt'anni, dopo la morte della mamma, la massaja della cantoniera.

Faceva tutto, aiutata a mala pena da Arroza, e non perdeva un minuto di tempo. Solo da tre settimane pareva distratta, trascurava le sue faccende domestiche e si assentava lung'ora nell'andare al ruscello. Veniva invasa a momenti da scoppi di pazza allegria, ed a volte piangeva dirottamente, e zio Gavinu si accorgeva del suo cambiamento, ma non diceva nulla e non riusciva a indovinarne la causa.

Dallo stradale Jorgi Preda, fremente e cupo, fissava gli occhi scintillanti attraverso i vetri, intimamente vinto anche da un dolce sentimento di tenerezza e di passione nel rivedere la piccola e fragile giovinetta che lo aveva stregato, e per la quale avrebbe dato un'archibugiata magari al re.

Nania indossava un costume della parte di Ozieri, donde era nativo zio Gavinu Faldedda, ma conservava il fazzoletto disteso come le campidanesi. Il corsetto, di broccato molto consunto, veniva allacciato sul davanti da una molteplice incrociatura di stringa rossa, e così senza maniche talari della camicia, abbottonate ai polsi.

La sottana e il grembiale erano semplicissimi, d'indiana oscura, e Nania non aveva altro ornamento che una piccola

collana di corallo intorno al sottile collo gentile. Era scalza e a testa nuda e recava un boccale d'acqua nella camera dell'ingegnere.

Jorgi vide la sua innamorata sorridere al bel signore e questi avvogherla tutta in uno sguardo ed in un sorriso di amore. Graziosa e svelta, Nania depose il boccale in un canto, e poi si fermò vicino all'ingegnere. Parlavano. Dal sito dove si trovava Jorgi non sentì nulla, e d'altronde era colto da vertigini spasmodiche di collera e di gelosia. Ah, non vi era dubbio, non v'era dubbio... Nania lo tradiva, a Nania piacevano i bei signori puliti e ricchi.

Tutto il sangue affluiva al volto di Jorgi e le tempie gli picchiavano a martello. Se avesse avuto un archibugio avrebbe sparato, traverso i vetri, uccidendo quel signore che veniva a rubargli la vita.

Ad un tratto impallidì e diede un secondo sbalzo, più serpentino e fremente del primo.

Ah, ciò che egli vedeva!... Credè di impazzire e mai dimenticò la sensazione provata in quell'istante.

L'ingegnere, dopo molti sorrisi e molte parole aveva preso la testolina di Nania tra le sue mani, tra le sue lunghe mani di un candore e di una delicatezza femminile, e l'aveva coperta di baci. Poi aveva abbracciato, tenendosela lungamente a seno, la fanciulla, che sorrideva e piangeva

tutt'insieme. Jorgi gemè sullo stradale. L'ingegnere dovette sentir qualcosa perchè lasciò bruscamente Nania e si avvicinò ai vetri. Jorgi ebbe il sangue freddo di ritirarsi presso il muro e non fu visto. Egli però vide il quadrato di luce sparire dallo stradale e si accorse che gli sportelli della finestra erano stati rinchiusi.

Allora fu preso da una rabbia immane e da una grande vigliaccheria, e fu per picchiare alla porta della cantoniera per dire a zio Gavinu:

— Guardate ciò che accade, guardate!..... Ma non lo fece. Prese invece la decisione di massacrare l'ingegnere, e quasi calmato da quest'idea si allontanò, mentre strani singhiozzi aridi, strazianti, gli contorcevano la gola...

All'alba Jorgi Preda, appostato dietro una fratta, a un quarto d'ora di distanza dalla cantoniera, armato con l'archibugio di zio Concafrisca, attendeva il passaggio dell'ingegnere per tirargli un'archibugiata numero uno. Arrosa gli aveva detto, la sera prima, che i due signori avrebbero proseguito l'indomani verso l'altra cantoniera,

dunque dovevano passare di là, e egli aspettava... con una feroce decisione nel volto orrendamente scomposto, e negli occhi più tetri e annuolati del solito. Nell'alba fresca di aprile un magico incantamento di vaghe luminosità e di profumi allagava la campagna; l'orizzonte del bosco sfumava nell'oriente color d'oro; e nelle macchie lucenti di rugiada le agasselle cantavano gaiamente — ma Jorgi Preda badava a tutt'altro che alla idilliaca poesia mattutina.

Dalla sua fratta dominava un gran tratto di stradale e vedeva il ponte sotto il quale scorreva un nastro d'acqua smorta, assorbita da alti giunchi e dall'asfodello che cominciava a fiorire.

E ripensava ai sogni fatti tante volte, seduto sull'orlo del ponte, alle canzoni cantate a voce altissima, per esser intese da Nania in lontananza, accompagnate dal susurro dei soveri e dal tintinnio delle greggie che ogni notte venivano ad abbeverarsi in quel sito, giacchè l'altro ruscello Jorgi lo rispettava come cosa sacra, servendo l'acqua per la cantoniera.

A momenti lo spirito del giovine pastore veniva conquisto dalla tenerezza delle ricordanze, — e allora pensava di allontanarsi, chiedendosi se tutto non era stato un cattivo sogno — ma la sensazione della realtà lo riprendeva tosto e non si muoveva.

Ma gli aspettanti non passavano più, e ogni minuto gli pareva un secolo, giacchè poteva passar gente e scoprirlo, e nella paura temeva anche di sbagliare il tiro.

Eccoli finalmente! Il sole stava per spuntare sull'estremità lucente del bosco, allorchè Jorgi scorse i loro cavalli e sentì la voce aborrita del suo rivale. Traverso i cespugli intricati del suo nascondiglio, con gli occhi acuti di falco spalancati e avidi, fissò l'ingegnere, per esaminarlo meglio che non l'avesse fatto la notte prima, e un sorriso amaro gli contrasse le labbra sottili e belle, rese bianche e aggrinzate dalla disperazione di quella lunga notte infernale.

Ah, quel signore era bello e gentile. Cosa contava lui, Jorgi Preda, la *Tiligherta*, col suo volto nero e i suoi stracci, cosa contava in paragone di quel signore bianco e biondo, così ben vestito ed elegante? Nania sottile e vezzosa come una signora, aveva ben ragione di preferirlo; ma allora perchè, se le piacevano i signori, perchè lo aveva stregato, dicendogli che gli volea bene e lo attenderebbe per marito?

Sul punto di assassinare un uomo Jorgi Preda sentiva una spasmodica volontà di piangere. I signori si avvicinano. Jorgi rivide Nania, la sua piccola Nania che adorava ancora come Nostra Signora del Miracolo, fra le braccia dell'ingegnere e alzò il vecchio archibugio di zio Concafrisca.

Passando sotto il suo tiro, l'ingegnere, che non pensava certo al terribile pericolo sovrastante, alzò la testa, si levò il cappello bianco da campagna e lo tenne un poco sull'arcione — e un momento dopo sorrise, sempre ragionando col compagno, col viso rivolto verso la fratta ove stava Jorgi. Pareva lo scorgesse. Il sole spuntò e la sua prima luminosità di un giallo roseo inondò lo stradale e le persone dei due cavalieri.

Jorgi non sparò e lasciò passare sano e salvo il suo rivale.

Egli aveva veduto gli occhi e il sorriso dell'ingegnere e uno strano pensiero, balenandogli all'improvviso nella mente sconvolta, aveva fermato la sua mano.

Alle due, appoggiato alla sua lunga pertica — il suo scettro da pastore — ritto come il giorno prima sul ciglione pieno di erba e di margherite, spiava l'arrivo di Nania. La mattina recatosi a Nuoro con l'*entrata*, cioè col formaggio fresco, la ricotta ed il latte, Jorgi si era tutto cambiato di vesti ed ora nella bianchezza opaca della sua camicia, col volto fatto pallido dalle terribili emozioni sofferte, pareva

quasi bianco. La sofferenza e l'insonnia gli avevano affilato i lineamenti, tanto che Nania, appena furono nell'ombra del ciglione gli disse!

— Perchè sei così bello, oggi?...

La piccola fanciulla possedeva una voce dolce e triste resa più affascinante dalla schietta pronunzia logudorese del suo linguaggio.

Jorgi, cupo negli occhi, sulle prime non rispose e la fissò acutamente, quasi volendo penetrarle nell'anima.

— Sei più bella tu... — rispose con voce irata. E prendendole di mala maniera l'anfora la depose in terra dicendo: Oggi dobbiamo parlare a lungo, Nanì...

Essa ebbe paura e lo guardò spaventata. Nel suo gran fazzoletto color d'oro, a fiorami, disteso come un manto sulle spalle, Jorgi la trovò tanto bella che si addolcì improvvisamente e restò estatico a guardarla. Pareva una di quelle figure sacre dipinte sullo sfondo di arazzi moreschi, che si ammirano in qualche tela italiana del secolo XV, e Jorgi, pensando alle brune bellezze delle ragazze che fino ad allora aveva conosciuto, si convinceva nel suo dubbio.

— Siedi disse, costringendola a sedersi sopra una pietra — chè parliamo.

— Non mi fermo, non mi fermo... — disse lei, tremando
— Il babbo...

— Tuo padre è lontano e nessuno ci vedrà. E anche se ci vedono che male c'è?... Non possiamo esser amici, conoscenti?...

— Dio mio, Dio mio, non posso...

In realtà Nania sentiva un grandissimo piacere all'idea di starsene per un buon pezzo seduta presso Jorgi e benchè provasse una grande paura non si muoveva.

— Cosa hai oggi? — gli chiese tremando — cosa hai? Sei forse stizzito perchè ieri non son venuta? Sai c'era l'impresario, c'era l'ingegnere e ho dovuto lavorare tanto. Non c'è nessuno nella cantoniera.

Tacque, con gli occhi perduti in un pensiero triste e doloroso e Jorgi, vedendola impallidire ancora di più, senza dubbio al ricordo dell'ingegnere, fremette e si allontanò un poco.

Egli spiava sempre il volto della fanciulla e un gran buio si faceva nell'anima sua. Non c'era dubbio, no. Nania lo tradiva, e l'ingegnere era il suo amante.

— Cos'hai, cos'hai? — ripeté essa.

— Cosa ho? — gridò Jorgi, agitando le braccia come un pazzo — tu lo sai meglio di me cosa ho...

— Io non so nulla! Diventi matto?

— Sì, credo di impazzire. Nania, senti, tu sei piccola, ma sei più maligna di me. Tuttavia non continuerai a ridere di me, no, non continuerai. Tu mi hai preso per un ragazzo,

ma non lo sono, no. Sono soltanto un povero disgraziato, ma tu non dovevi riderti di me, perchè io sono buono a farti pagar caro questo gioco, Nanì, lo senti, Nanì?

Nania lo guardava stupita, e non trovò che rispondere alla sua sfuriata.

— Non rispondi? gridò Jorgi.

— Parla piano... — disse la ragazza, balzando su, tendendo le orecchie — Se mio padre ci sente...

— E cosa me ne importa? Tanto non ho più nulla da vedere con te...

— Ma cosa hai, cosa ti hanno raccontato? — domandò lei con disperazione.

— Nulla, non mi hanno raccontato nulla, ho veduto io, con questi occhi, ho veduto ieri notte.

Eh, perchè avete lasciato la finestra aperta, bella mia? Ma questa mattina se l'ha veduta tra il naso e le labbra ad esser massacrato il tuo bel signore.

Non l'ho fatto perchè mi è venuta una pazza idea. L'ho visto a sorridere e mi è sembrato che ti rassomigliasse, e ho pensato, guarda che matto, ho pensato: chissà che sia suo padre... Ora mi accorgo ch'era una pazzia. Che tuo padre! Tuo padre è zio Gavinu, il diavolo lo pigli e tu sei... tu sei... — concluse Jorgi ingoiando un terribile insulto — tu sei l'amante dell'ingegnere.

Tutti i colori dell'arcobaleno passavano sul viso dolente di Nania. Il cuore, il suo piccolo cuore appassionato, pareva volesse squarciare il broccato consunto del vecchio corsetto, e grosse lagrime le brillavano negli occhi. Non cercò di negare, e neppure di parlare. Con una immensa paura infantile, temendo che Jorgi le facesse del male, pensò di scappare e si mosse con un atto così repentino che il giovine stentò a raggiungerla, nello stradale.

— Nania — esclamò, sorridendo suo malgrado e afferrandola al braccio — non ti credevo sì cattiva... Perchè fuggi? Temi che ti uccida, forse?... — Anche essa non poté fare a meno di sorridere, il fazzoletto le era caduto di testa e il sole le inondava tutta la bionda testolina.

Jorgi mandò una esclamazione di gioja e di stupore scorgendo il suo volto sorridente e i suoi occhi azzurri — di un azzurro verdognolo — perfettamente simili a quelli dell'ingegnere.

— Nania, Nania, perdonami — le disse, sorridendo e singhiozzando. — Vieni, vieni, e facciamo la pace. Come è vero Dio, come è vera Nostra Signora del Miracolo, io non dirò a nessuno questo fatto. Non ne farò parola neppure a te, mai, mai, mai più. Vieni là a prender l'anfora, vieni, vieni...

La prese quasi fra le sue braccia e la ricondusse all'ombra. Nania sembrava morta, tanto restava pallida e immota, ma quando Jorgi disse!

— Chi lo credeva, chi lo poteva pensare... tua madre... Nania si eresse, col volto infuocato e con gli occhi lucenti d'ira e di pianto e gridò!

— Mia madre è morta! Rispettala perchè era una santa. L'ingegnere mi ha baciato e mi ha abbracciato perchè io sono la sua amante... Uccidimi pure. Jorgi Preda, uccidimi, ma non cercare mia madre...

E cadde a terra, sciatando in pianto. Con quelle parole essa perdeva tutto. Perdeva l'amore di Jorgi che essa adorava con tutto l'entusiasmo dei suoi quindici anni, del suo primo amore — perdeva i suoi sogni e le sue dolci speranze — perdeva l'onore e forse metteva in pericolo la sua vita e quella dell'ingegnere — ma che importava? La memoria di sua madre — la cui colpa era ignota a tutti e specialmente a Gavinu Faldedda, che ancora la piangeva, adorandone il ricordo — veniva salvata dal suo sacrificio...

Ma Jorgi Preda aveva veduto.

Per qualche momento restò immobile e silenzioso a guardare la piccola fanciulla seduta sull'erba, che piangeva sempre. I suoi singulti infantili, disperati si perdevano nel gran silenzio meridiano, e per l'immensa campagna dormiente Jorgi non udiva altro rumore.

E fu per fuggire, sentendosi vile e indegno davanti alla piccola Nania — ma naturalmente non potè muovere un

passo. Si ricordò invece tutte le belle promesse che si erano scambiate, si ricordò i sogni d'amore fatti specialmente la notte, mentre le greggie si abbeveravano sotto il ponte, laggiù, tra l'asfodello e gli oleandri — pensò che fra tre anni sarebbe in grado di sposare Nania, e si chinò.

— Lasciami stare... — disse lei.

Ma Jorgj la sollevò come una piuma, se la prese tra le braccia e le coprì il volto di baci finchè riuscì a rassicurarla e a farla sorridere.

MACCHIETTE

I

Allegria. Sul cielo azzurro cinereo d'una dolcezza triste e profonda, curvato sull'immenso paesaggio silenzioso, passano sfiorando larghi meandri di un rosa pallidissimo, via via sfumanti nell'orizzonte ancora oscuro. Grandi vallate basse, ondegianti, uniformi, s'inseguono sin dove arriva lo sguardo, chiazze d'ombra, selvaggie e deserte. Non un casolare, un albero, una greggia, una via.

Solo viottoli dirupati, muricciuoli cadenti coperti di musco giallo, un rigagnolo dalle acque color di cenere stagnanti fra giunchi di un verde nero desolato, e bassi roveti, estese macchie di lentischio le cui foglie riflettono la luce cilestrina dell'alba. Dietro, sull'altezza bruna del nord biancheggiano grandi rupi di granito grigio e la cinta di un cimitero.

La croce nera disegnata sul cielo sempre più roseo, domina le vallate deserte: e pare l'emblema del triste paesaggio senza vita stendentesi silenzioso sotto la curva del cielo azzurro-cinereo. Albeggia.

II

Sotto il bagliore ardente della meriggiana la cantoniera bianca dal tetto rosso, tace, dorme: le finestre verdi guardano pensose sullo stradale bruciato dal sole, e giù dal cornicione di un turchino slavato calano frangie d'ombra d'una freschezza indescrivibile. Lo stradale bianchissimo, disabitato, dai mucchi di ghiaja sprizzanti scintille al sole, serpeggia per una vasta pianura coperta di boschi di soveri.

In lontananza, alte montagne a picco, velate di vapori azzurri e ardenti, chiudono in circolo l'orizzonte infuocato. Sotto l'aria ferma, irrespirabile, nello splendore piovente dal cielo di metallo, i soveri nani, lussureggianti, proiettano corte penombre verdastre sul suolo arido, sui massi, tappezzati di borraccine morbide come *peluche*. Una fanciulla è coricata appunto su uno di questi massi, supina, le braccia e le gambe semi-nude.

La sua persona esile e ben fatta spicca sul verde tenero di quel tappeto naturale, e i fiori rossi di broccato del suo

corsetto un pò lacero sanguinano nella penombra del bosco. Nel caldo asfissiante del meriggio, nel costume consunto e misero, stuona meravigliosamente la carnagione della fanciulla, di una bianchezza fenomenale, tanto più che sotto il fazzoletto giallo si vedono dei capelli nerissimi, e sotto le palpebre stanche due occhi di un nero cenerognolo foschi e impenetrabili. — Chi e? — Impossibile saperlo: ella non fa il minimo movimento nel languore spossato del caldo, e forse sogna, forse dorme, bianca e silente come la cantoniera vicina, sotto il bagliore ardente della merigiana.

III

Il sole tramonta: dal villaggio in festa giunge un rumore confuso, vago e lontano, sino alla stanzetta tranquilla della casa del contadino.

La finestra è aperta sul poggiuolo di mattoni crudi su cui tremola alla brezza del tramonto una povera pianticella di basilico, che pare sorrida anch'essa, benchè sola e dimenticata, fra la letizia dei casolari neri e del cielo d'oro. Oh, i luminosi orizzonti! — La vallata verde circonda il villaggio, e la vegetazione in fiore olezza e risplende fra la nebbia ignea del sole al declino.

Dal piccolo poggiuolo di mattoni crudi si domina una viuzza strettissima e altre casette piccine, annerite dal tempo, i tetti muschiosi, via salienti sino al vecchio maniero spagnuolo, la cui facciata di stile moresco rosseggia in viso all'ovest, gli spalti cadenti perduti fra gli splendori del cielo, come il ricordo della triste dominazione aragonese nella luce dei nuovi tempi. — Nella casetta più vicina al poggiuolo la porticina nera è chiusa, ma al di fuori sta appesa una corona di fichi dissecantisi e sul davanzale della finestrucola un gatto dalla schiena tutta abbruciacchiata contempla solennemente sulla via, dove passa solo una donnina in costume, dal viso color di rame, allacciandosi bene il corsetto di panno giallo e di velluto viola cesellato. Dentro la stanzetta del poggiuolo un giovine, anch'esso in costume, piglia il caffè. Ha posato la chichera verde sulla cappa di una specie di vecchio camino, e ritto dando le spalle alla finestra, beve a centellini la prediletta bevanda.

È malato, ma sul suo viso biondo, pallidissimo, da convalescente, sta dipinta un'intima voluttà, il benessere di chi si riaffaccia pieno di speranza alla vita, dopo una lunga malattia. — Il letto di legno, dalle coperte di percalles a fiorami arabeschi, basso e duro ma con una fisionomia tranquilla, tipica, diremo quasi sonnolenta, le sedie grigie, il rozzo guardaroba rosso, la cassa nera di legno scolpito a strani

fiori e animali antidiluviani, la tavola coperta da un tappeto bianco, adorna di vassoi e chicchere, tutto sorride intorno al giovine contadino convalescente, nella pace beata della povertà felice, nella luminosità del tramonto di rosa. In alto, sulle pareti tinte di calce, una innumerevole fila di quadretti a vivi colori scintillano soavemente nel polviscolo d'oro, e i vecchi vetri della finestra ardono come lastre di orpello al riflesso del sole che tramonta.

IV

E cade la notte! Nella chiesa miracolosa, nel famoso santuario ove la folla immensa è passata senza lasciare traccia alcuna, la penombra si addensa, livida, fredda e piena di mistero.

In fondo, dai finestroni bizantini, piove un acuto albore azzurro sul pavimento di mattoni a mosaico il cui smalto ha vaghi riflessi d'acqua stagnante: in alto, sull'altare bianco, una lampada di cristallo vermiglio spande tremoli chiarori rossastri che scendono e salgono sui fiori pallidi, sui candelabri dorati, sulle colonnine doriche di diaspro della nicchia coperta da un panneggiamento cereo a mazzetti azzurri, di damasco.

Superbe trecce nere, tutte nere, narratrici di romanzi e di drammi immani o pietosi, — gioielli d'oro e d'argento, stupende membra di cera, mani di vergini cristiane di una suprema e morbida soavità, e colli bianchissimi ed eleganti da veneri greche, pendono sulle pareti gialle e polverose. — Qui ancora troviamo una fanciulla, ma non è più la popolana sopita nel meriggio del bosco. È signora: vestita di bianco, inginocchiata sui gradini dell'altare, la fronte sulla balaustrata, le mani strette convulsivamente una con l'altra nel fervore della preghiera.

Le pieghe morbide del suo lungo vestito dalle alte maniche alla Margherita di Valois, cadono al suolo con abbandono artistico da statua, e biancheggiano soavi nella penombra rossastra della lampada notturna.

Il volto pallido della fanciulla, i grandi occhi castanei e profondi esprimono una disperazione straziante, cresciuta dalla tetra melanconia del crepuscolo morente. Oh, qual grazia chiedono mai quegli occhi al santo miracoloso nascosto dietro la cortina di damasco come un re orientale? — Ecco, ella s'alza al fine, e uscita sulla spianata si ferma immobile davanti al parapetto che guarda nella valle.

Sul cielo tinto di croco e di smeraldo si elevano i monti neri e la luna spunta fra le loro creste frastagliate. La rena della grande spianata scintilla ai primi raggi della luna, e il villaggio si profila laggiù, fra le agavi grigie e i pioppi argentei

della valle, mentre il santuario spicca sul cielo violaceo del nord, coi due grandi finestroni bizantini che paiono due strani occhi di bronzo smaltati al riflesso dell'oriente fatto splendido dall'alba della luna.

Dietro, le terre di mezzanotte, immense campagne opime, valli dirupate in cui ruggia il torrente, e montagne sulle cui cime domina la leggenda, si stendono vaghe e indistinte come un sogno, nella luce vaporosa dell'ultimo crepuscolo, e i forti borghi solitari riposano fra i lentischi cinerei della pianura o su i greppi neri delle rupi scoscese.

La fanciulla bianca guarda al nord, e grandi visioni misteriose, sogni arcani e profondi le attraversano gli occhi pensosi perduti nell'estrema lontananza; e il suo volto pallido, il suo vestito marmoreo paiono d'argento nella nivea luminosità della luna sempre più bianca e fulgida a misura che cade la notte.

V

Nell'alta notte plenilunare tre cavalieri passano al galoppo attraverso il sentiero delle montagne rocciose. La canna dei loro fucili brilla alla luna, e i cavalli nitriscono nel profondo silenzio del paesaggio sublime.

Lontano, le nuvole salgono dal mare di madreperla sottilmente pennellato nell'estremo orizzonte, salgono lente sul cielo d'orpello del plenilunio, azzurre e diafane sul fondo bianco dell'infinito.

Sulle cime delle alte montagne rocciose la neve disegna un profilo iridato, fantasmagorie marmoree e miniature d'oro degne dei versi d'Heine, ma le quercie annose fremono al vento di tramontana che susurra tette leggende e storie di sangue fischiando fra le gole dirupate e le grotte di granito. — Il sentiero asprissimo attraversa tortuoso le rupi immani e i macigni neri che assumono fantastiche forme di torri gotiche rovinata e di dolmen coperti d'edera e di rubi, reso più pericoloso e pittoresco dalla luce della notte. Sotto il bosco i raggi della luna piovono a fasci, come getti di diamanti, proiettando aurei arabeschi e damaschinature orientali sulle felci bionde ondulate dal vento: attraverso le quercie brune il cielo lunato ha un aspetto così incantato coi suoi gemmei splendori che richiama al pensiero i cieli impossibili delle novelle da fate; e i ciclamini, i verbaschi, l'usnea dei tronchi impregnano l'aria d'un acuto profumo da foresta tropicale. — Oltre i tre cavalieri che attraversano il sentiero, neri, muti, avvolti nei loro cappotti bruni dal cappuccio a punta, come cavalieri erranti da epopea medioevale, un piccolo mandriano con la sua greggia popola ad un tratto la solitudine infinita

delle montagne. Seduto sotto una rupe, insensibile al vento che fischia nel limpido plenilunio, guarda le pecore pascolanti nella notte chiara, intento al loro tintinnio monotono e melanconico vibrante fra i burroni erbosi e le pietre muscose, fra le eriche selvaggie e i tronchi divelti dalla procella.

Il piccolo mandriano è brutto, il volto oscuro come l'albagio del suo ferrajuolo, ma nei suoi occhi cuprei dal bianco azzurrino e l'iride piena di un languore profondo, splende un raggio pensoso che è tutta una rivelazione: forse il piccolo pastore è già poeta e nell'interno della sua mente vergine e selvaggia come le montagne rocciose su cui scorrono i suoi giorni deserti, gusta più che qual siasi artista colto e fine la poesia ineffabile, piena di voluttà sovrumane e spirituali; del silenzio azzurro dell'alta notte plenilunare.

CONTOS SARDOS

Contos sardos	3
De noite	5
O mago	38
Mais magia	47
Romance mínimo	58
A dama branca	73
<i>In Sartu</i> (No redil)	91
O pai	110
Manchas	131
Racconti sardi	145
Di Notte	147
Il Mago	178
Ancora magie	186
Romanzo minimo	197
La dama bianca	211
<i>In Sartu</i> (Nell'ovile)	228
Il Padre	245
Macchiette	266
Literatura Livre	277
Ficha técnica	284

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

D346 Deledda, Grazia (1871 -1936)
Contos sardos / Grazia Deledda. Tradução de Adriana Zoudine. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 290 p.
Disponível em:
<https://mojo.org.br>
<https://literaturalivre.secsp.org.br>

Título Original: Racconti Sardi (1894). Edição bilingue Português / Italiano.

ISBN 978-85-455108-7-1

1. Literatura Italiana. 2. Conto. 3. Itália. 4. Sardenha. 5. Folclore. I.
Título. II. Série. III. Zoudine, Adriana, Tradutora. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.131,1

CDD 850

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Wikisource Itália:
https://it.wikisource.org/wiki/Racconti_sardi

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>